UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA-PROFHISTÓRIA

TAMARA SOARES MARQUES

A HISTÓRIA EMBAIXO DA ESCADA: Ensino de história local e educação para as relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano (Aracati/CE)

MOSSORÓ – RN

2022

TAMARA SOARES MARQUES

A HISTÓRIA EMBAIXO DA ESCADA: Ensino de história local e educação para as relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano (Aracati/CE)

Trabalho apresentado como requisito para qualificação do Mestrado Profissional no Ensino de História-PROFHISTÓRIA.
Orientador: Dr. Marcílio Lima Falcão.

MOSSORÓ – RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

M357h MARQUES, TAMARA SOARES
A HISTÓRIA EMBAIXO DA ESCADA: Ensino de história local e educação para as relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano (Aracati. CE). TAMARA SOARES MARQUES. - Mossoró-RN, 2022. 189p.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão.
Dissertação (Mestrado profissional em Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Ensino de História. Museu. Memória. Relações Étnico-raciais. Educação Antirracista. I. Falcão, Marcílio Lima. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

TAMARA SOARES MARQUES

A HISTÓRIA EMBAIXO DA ESCADA: ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS POR MEIO DAS NARRATIVAS SOBRE A ESCRAVIDÃO NO MUSEU JAGUARIBANO (ARACATI/CE).

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão

Dissertação aprovada em _____ de _____ de _____ pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCILIO LIMA FALCAO
Data: 21/08/2023 21:29:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão-Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Profª. Drª. Maria Telvira da Conceição

Universidade Regional do Cariri

Prof. Dr. Leonardo Cândido Rolim
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.
A minha tia Ireulda Soares Marques (Im memoriam).
Aos meus pais José Ribamar e Arilda Marques.
Ao meu esposo José Ricardo Varela da Silva.
Ao meu irmão Thiago Soares Marques.
Aos docentes, gestores e alunos da Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.
Aos professores da área de Ciências Humanas em especial a Ana Paula de Sousa, Caio Rocha, Karine Vieira e Naíla Maria França.
Aos diretores e funcionários do Instituto do Museu Jaguaribano.
Ao PROFHISTÓRIA pela oportunidade e aprendizado.
A Márcio Virginio pela parceria na dissertação.
Agradeço também de forma especial ao Prof. Dr. Marcílio Lima Falcão pela orientação, paciência e apoio durante a dissertação. A você, professor, a minha eterna gratidão.

RESUMO

A presente pesquisa trata da relação entre o Ensino de História e o Ensino das Relações étnico-raciais por meio das narrativas presentes no Museu Jaguaribano, visto que o mesmo é compreendido como um espaço privilegiado de memória, retratando em parte de seu acervo, a trajetória dos negros escravizados no município de Aracati. Sabe-se que o museu é um espaço de aprendizagem no ensino de história, procurando refletir o Ensino dessas relações por meio das narrativas presentes no Museu Jaguaribano. A cidade de Aracati foi um importante centro cultural, econômico e político durante o período colonial, cujo passado glorioso é preservado até hoje nas memórias do referido museu. Levando em consideração a relação entre escola e museu, essa pesquisa busca compreender a importância educacional do museu como parte do processo de formação humana, levando em consideração as possibilidades diversificadas das aprendizagens no que concerne ao ensino das relações étnico-raciais através das narrativas presentes no Museu Jaguaribano sobre os negros escravizados, tendo como espaço de pesquisa a Escola de Ensino Médio Beni Carvalho localizada na cidade de Aracati/Ce. Trata-se de um estudo embasado na Metodologia da História Oral (entrevistas com professores, alunos e funcionários do Museu Jaguaribano), o uso de documentos, como: Livro de registro, fotografias, estatuto e diretrizes do Instituto do Museu Jaguaribano, bem como artigos, livros e dissertações sobre a temática a ser pesquisada. A pesquisa assenta sua relevância científica e acadêmica à medida que busca perscrutar as narrativas presentes no museu, levando em consideração como os negros escravizados são representados dentro da narrativa museal. Junto a essa análise, foi confeccionado um produto didático, um Guia de visitação ao museu, um Guia de atividades e um Manual de orientações que potencializem as possibilidades pedagógicas de uma visita ao mesmo, no sentido de promover reflexões sobre as temporalidades e espacialidades existentes em suas exposições. Ao final dessa dissertação, espera-se contribuir para uma educação antirracista, promovendo a construção da cidadania e da democracia, auxiliando na desconstrução do preconceito no espaço escolar.

Palavras-chave: Ensino de História. Museu. Memória. Relações étnico-raciais. Educação Antirracista.

ABSTRACT

The present research deals of the relationship between the Teaching of History and the Teaching of Ethnic-racial relations through the narratives present in the Jaguaribano Museum, since the same is understood as a privileged space memory, portraying in part of its collection, the trajectory of black enslaved in the municipality of Aracati. It is known that the museum is a space for learning in the teaching of history, seeking to reflect the teaching of these relationships through narratives presents at the Jaguaribano Museum. The city Aracati was an important cultural, economic and political center during the colonial period, whose glorious past is preserved for this day in the memories of the mentioned museum. Taking into account the relationship between school and museum, This research seeks to understand the educational importance of the museum as a part of the process of human formation, taking into account how variety possibilities of learning with regard to teaching of ethnic-racial relations through the narratives present in the Jaguaribano Museum on enslaved blacks, having as a research space the Beni Carvalho High School located in the city of Aracati/Ce. This is a study based on the Oral History Methodology (interviews with teachers, students and employees of the Jaguaribano Museum), the use of documents, such as: Log book, photographs, statute and guidelines of the Institute of Jaguaribano Museum, as well as articles, books and dissertations about topic to be researched. The Research settles its scientific and academic relevance as it seeks to scrutinize the narratives present in the museum, scrutinize how narratives present in the museum, taking into account how the enslaved blacks within the museum narrative. Along to this analysis, a didactic product was created, a Visiting Guide to the Museum, an Activities Guide and a Manual of guidelines that enhance the pedagogical possibilities of a visit to it, in order to promote about the temporalities and spatialities existing in their exhibitions. End of this dissertation, it is expected to contribute to an anti-racist education, Promoting the construction of citizenship and democracy, helping in the deconstruction of prejudice in the school space.

Keywords: Teaching History. Museum. Memory. Ethnic-racial relations. Anti-racist Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Macha Zumbi dos Palmares.....21
Figura 2: Planta da cidade de Aracati.....44
Figura 3: Centro Histórico.....45
Figura 4: Instituto do Museu Jaguaribano.....50
Figura 5: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.....56
Figura 6: Engenho na Comunidade do Cumbe.....58
Figura 7: Objetos que retratam a escravidão no Museu Jaguaribano.....61
Figura 8: Ciclo da Carnaúba.....62
Figura 9: Ciclo do Couro.....63
Figura 10: Exposição sobre a escravidão no Museu Jaguaribano.....64
Figura 11: Sala de Visitação.....66
Figura 12: Sala de Jantar.....66
Figura 13: Imagem antiga da rua Coronel Alexanzito.....72
Figura 14: Banner da Escola Beni Carvalho sem nenhuma representação dos alunos afrodescendentes. 2015.....82
Figura 15: Projeto “África está em Nós” 83
Figura 16: Visitação dos alunos ao Museu Jaguaribano (exposição dos ciclos econômicos) 91
Figura 17: Objetos que retratram a escravidão no Museu Jaguaribano.....97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular.

DCRC: Documento Curricular Referencial do Ceará.

PPP: Projeto Político Pedagógico.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

SESI: Serviço Social da Indústria.

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio.

TEN: Teatro Experimental do Negro.

EJA: Educação de Jovens e Adultos.

IMJ: Instituto do Museu Jaguaribano.

SPAECE: Sistema Permanente da Avaliação da Educação Básica do Ceará.

SEPPIR: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

MEC: Ministério da Educação.

CNE: Conselho Nacional de Educação.

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Público visitante de Museus (I) 38
Gráfico 2 – Público visitante de Museus (II) 40
Gráfico 3: Questionário Étnico-Racial.....77
Gráfico 4: A vida das pessoas é influenciada pela cor da pele?.....78
Gráfico 5: Valorização dos afrodescendentes no currículo.....80
Gráfico 6: Como você se considera?.....85
Gráfico 7: A vida das pessoas é influenciada pela cor da pele.....85
Gráfico 8: Preconceitos por parte dos colegas.....86
Gráfico 9: Atitudes preconceituosas por parte dos professores.....87
Gráfico 10: Afrodescendentes são valorizados no currículo.....87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População das vilas do Ceará (1804) 46
Tabela 2: População do Aracati.....47
Tabela 3: Escravarias de Manoel Fonseca[1] e Carlos Lins Vasconcelos.....54
Tabela 4: Registros de batismos no Aracati (1740-1800) 54
Tabela 5: Competências e Habilidades.....101
Tabela 6: Competências e Habilidades.....102
Tabela 7: Competências e Habilidades.....106
Tabela 8: Competências e Habilidades.....107
Tabela 9: Competências e Habilidades.....108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
1. MUSEU E ENSINO DE HISTÓRIA 31
1.1. O museu como espaço de poder 31
1.2. O museu como espaço de aprendizagem 37

2. A NARRATIVA SOBRE A ESCRAVIDÃO NO MUSEU JAGUARIBANO..... 43

2.1. O Instituto do Museu Jaguaribano.....48
2.2. Visitantes do Instituto do Museu Jaguaribano.....51
2.3. Que memória sobre os negros escravizados são narradas no Museu Jaguaribano? 59
2.4 A história por meio dos objetos 61

3. A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO BENI CARVALHO E O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....68

3.1. A Escola Beni Carvalho.....68
3.2. Educação patrimonial: um assunto a ser discutido.....70
3.3. Educar para as relações étnico-raciais.....73

4. A ESCOLA VAI AO MUSEU.....89

4.1 Da escola ao Museu, do Museu à escola.....89
4.2. As narrativas da escravidão negra no Museu Jaguaribano: percepções dos alunos.....93
4.3. As narrativas da escravidão negra no Museu Jaguaribano: percepções dos professores.....98
4.4. As narrativas sobre a escravidão e uma educação antirracista no Museu Jaguaribano.....100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....110
REFERÊNCIAS 112

APÊNDICES.....118
ANEXOS 176

INTRODUÇÃO

A pesquisa trata da relação entre Museu, Ensino de História e o Ensino das Relações étnico-raciais por meio das narrativas sobre a escravidão negra presentes no Instituto do Museu Jaguaribano em Aracati-CE. Compreendido como um espaço privilegiado de memória, o Museu Jaguaribano, retrata em parte de seu acervo, a trajetória dos negros escravizados no município de Aracati, localizado na Mesorregião do Jaguaribe, estado do Ceará.

Importante centro político, econômico e cultural nos períodos colonial e imperial, a cidade cresceu economicamente por conta das instalações das oficinas de carne seca e couro, o que contribuiu para a atração, ampliação e diversificação tanto das atividades comerciais, quanto da circulação de produtos que chegavam pelo Porto de Aracati. Essa opulência econômica será interrompida pelas secas da segunda metade do século XVIII e XIX (1790-1793/1877-1879), que dizimou 80% do rebanho, levando ao fim o ciclo da produção de carne.

Grande parte dos objetos referentes a esse “passado glorioso” foi organizado em 1965 por um grupo, composto por professores, juristas, historiadores, memorialistas e membros da sociedade aracatiense, que fundaram, o Museu Jaguaribano, com o objetivo de ser o espaço da memória do Vale do Jaguaribe.

A transformação de Aracati, através da instalação do Museu Jaguaribano, como guardião do passado glorioso do Vale do Jaguaribe traz em seu bojo diversos interesses que nortearam a construção deste espaço museal, expressos em 1968 com a criação do Instituto do Museu Jaguaribano, sociedade civil mantenedora da instituição.

Em suas exposições, observa-se os interesses em narrar a memória da elite local, especialmente o modo de vida e os lugares sociais ocupados nas instituições políticas e religiosas. Tais critérios remetem aos processos de seleção do que deve ou não ser lembrado, daí a evidência dada aos ilustres aracatienses e o esquecimento às elites das outras vilas e cidades que formam o Vale do Jaguaribe.

Concomitante a essa narrativa sobre a elite local, existe no Museu Jaguaribano diversos objetos que expressam formas de trabalho compulsório e do cotidiano dos escravizados no Aracati do século XVIII e XIX. Esses objetos, guardados em caixas embaixo de uma escada no salão principal do museu, são imprescindíveis

a constituição de uma das principais funções sociais do museu, ser um espaço de produção do conhecimento e da aprendizagem.

Dessa forma, o museu deve ser visto como espaço de reflexão, onde professor/a e alunos/as devem interagir no sentido de promover reflexões sobre as narrativas presentes nas exposições a partir da formulação de hipóteses acerca da forma e dos grupos representados.

Assim, partindo da relação entre museu e escola, busca-se refletir como a narrativa sobre o passado dos negros escravizados em Aracati, presente no Museu Jaguaribano, refletem no ensino de História Local[1] por meio do ensino das relações étnico-raciais na Escola Estadual de Ensino Médio Beni Carvalho, também localizada em Aracati, na rua Beni Carvalho, zona urbana do município, bairro Nossa Senhora de Lourdes.

Os museus como espaços de conhecimento, aprendizagem e pesquisa devem propor ações educativas, valorizando as diversidades culturais e sendo fundamental no diálogo com a escola, contribuindo para uma reflexão sobre as relações étnico-raciais, por isso a importância de analisar como a memória negra é ensinada e retratada nesse espaço, ajudando a compreender a importância e as formas de resistência da população negra como sujeitos históricos.

Dessa forma, estudar sobre essa narrativa atende aos objetivos da Lei de Nº 10. 639/2003 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio da rede pública e privada, sendo uma ação de desconstrução ao racismo e ao preconceito racial, tendo em vista que a necessidade de estabelecer em lei o ensino dessa temática é o reflexo de um currículo eurocêntrico, onde a temática sobre os negros foram silenciadas à proporção que a narrativa nos livros de história reduziam a influência negra sobre a escravidão através das lutas e resistências que foram colocadas em segundo plano, sendo vistos como seres passivos e não como protagonistas.

O movimento negro buscou a implantação de ações afirmativas e com base na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) o governo do estado do Ceará organizou a DCRC (Documento Curricular Referencial do Ceará) para educação infantil, ensino fundamental e médio, onde o mesmo aborda a Educação das Relações Étnico–raciais, deixando claro a necessidade de se elaborar projetos que atendam a essa temática.

[1] “História local refere-se ao conhecimento histórico da perspectiva local enquanto objeto de conhecimento e como espaço de referência para o conhecimento”. Figueira e Miranda (2012, p. 115).

O museu é um espaço pedagógico para se trabalhar esses questionamentos, mas não podemos compreender a narrativa presente nesse espaço como verdade absoluta.

Assim, compreendendo o museu como espaço de aprendizagem no ensino de história, busca-se refletir sobre as possibilidades do ensino das relações étnico-raciais por meio das narrativas presentes no Museu Jaguaribano, levando em consideração a relação entre escola e museu, entendendo o museu como objeto de pesquisa a ser analisado e estudado e como um espaço cultural importante para a preservação da memória da cidade e do Vale do Jaguaribe, procurando compreender como a sociedade aracatiense formou sua visão sobre o passado da população negra por meio das narrativas presentes na organização do museu.

Diante dos fatos apresentados, como professora de História, licenciada pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (2003), lotada na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho (Município de Aracati), da Rede Estadual de Educação do Estado do Ceará desde 2010, com vínculo também na rede municipal aracatiense, apresento a temática sobre o ensino de história local e o estudo das relações étnico-raciais como parte da minha vivência desde o ano de 2015, quando os professores da área de ciências humanas realizaram o projeto "*África está em nós*" com alunos da zona rural do município de Aracati localizado na extensão que a escola mantém em parceria com o município, no Distrito de Mata Fresca, com 207 alunos naquele momento.

Durante os momentos que antecederam a culminância do projeto foram realizados entrevistas e questionários com os alunos, os resultados nos levaram a concluir a necessidade de debater essa temática no contexto escolar, pois os alunos em sua maioria não se reconheciam como afrodescendentes e 20% já tinham presenciado dentro da escola atos racistas.[2]

Partindo desses dados, resolve-se pesquisar, como a narrativa da escravidão presente no Museu Jaguaribano pode propiciar o debate sobre o Ensino das Relações Étnico-Raciais no ambiente da E. E. M. Beni Carvalho, situada à Rua Beni Carvalho, 1679, Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Aracati-Ce.

A mesma foi fundada aos 25 dias do mês de outubro de 1967, em um bairro de periferia e em uma área de vulnerabilidade social. A escola vem se destacando na

[2] No censo étnico-racial feito pelo Projeto: 59% dos alunos se consideravam pardos, apenas 7% se consideravam negros, com relação ao questionamento de racismo dentro da escola, 20% afirmam ter observado atitudes preconceituosas dentro da instituição.

aprovação de alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e nas avaliações externas, como o Sistema Permanente da Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE). Desse modo, o presente estudo busca responder a seguinte questão: Como a narrativa sobre os negros escravizados presente no Museu Jaguaribano pode colaborar no Ensino das Relações Étnico-Raciais nas aulas de História? Mediante as questões sobre as narrativas presente no Instituto do Museu Jaguaribano e sobre a relação museu e escola, originou-se a pesquisa, para buscar compreender a importância educacional do museu como parte do processo de formação humana, levando em consideração as possibilidades diversificadas de aprendizagens com relação ao ensino das relações étnico-raciais, os museus e as escolas são espaços e instituições diferentes e se completam, possibilitando novas formas de aprendizagem no que se refere ao ensino de História, já que suas exposições adquirem um caráter educativo.

Compreender o museu como lugar de memória, é entender que a memória “é exercida, estruturada, hierarquizada, preservada e produzida” a partir dos interesses em disputa (NORA,1981, p. 54). É saber que sua seleção e organização é um trabalho que evidencia as mudanças em sua forma de circulação, por isso que a problematização desses lugares é imprescindível ao entendimento de seu uso, o que faz com que esse estudo seja relevante à compreensão da história local, entendida como um “campo de produção de uma consciência histórica” à medida que potencializa reflexões a partir de usos, valores e sentidos experienciados individualmente e coletivamente em determinado lugar (GONÇALVES et al, 2007, p. 176). Assim, os museus são lugares onde as memórias evidenciam o sentido e o sentir de uma sociedade ou de grupos que precisam ter suas memórias preservadas, para que possam se reconhecer nas narrativas selecionadas ou exercerem determinadas formas de poder.

Por essa perspectiva, como assevera o historiador Régis Ramos, não existe museu que não possa ser problematizado e compreendido a partir de suas exposições.

> (...) não há museu inocente. Qualquer exposição tem autores que trabalham a partir de certos pressupostos, explicitados ou não. Desse modo, o que mais interessa é saber o direcionamento que foi adotado. Dizer que tal livro ou tal exposição são educativos não é o bastante. É necessário saber o sentido que se dá à prática pedagógica. Se o parâmetro é o exercício da reflexão crítica, o mais comum é ver a existência de espaços e publicações que vendem antieducação como se fosse educação (RAMOS, 2004, p.15).

A busca pela efetivação de uma memória, cuja pretensão é ser coletiva, faz dos museus um lugar plural, cuja particularidade é entender a memória e a identidade como “valores disputados em conflitos sociais intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 200). Assim, enquanto um lugar social e institucionalizado, as narrativas museológicas devem ser analisadas e questionadas a partir do lugar dos sujeitos, dos critérios de seleção e das particularidades contextuais, sendo a força e a estabilidade institucional o determinante e reforço do seu poder de narrar que, segundo Certeau (2002, p. 77), “é o que permite e o que proíbe o lugar”.

A partir dessas relações de força, entende-se, neste estudo, que as narrativas memoráveis presentes no museu manifestam a busca por uma identidade e enfatizam a complexidade apontada por Ricoeur (2007, p. 416) quando afirma que “os lugares de memória expressam em sua estrutura os sentidos material, simbólico e funcional da memória”.

Percebe-se, então, que os museus são ambientes educativos, espaços de educação não-formal que ampliam a bagagem cultural e possibilitam formas diferenciadas de aprendizagem. Essa abertura e amplitude permitem que a relação escola, museu e ensino de história signifique possibilidades culturais e didáticas que complementam o currículo formal por meio do diálogo pedagógico que entenda os museus como lugares para passear e aprender. Os museus possuem um potencial didático imprescindível à compreensão das ações sobre os homens no tempo.

> Longe do entendimento de que os museus são lugares estanques, onde o velho, obsoleto, fora do circuito está representado; hoje o que se prega é um Museu como espaço de convivência, de reconhecimento de nossa cultura, de nossa história passada, de nosso presente e entendimento/construção do futuro. Lugares capazes de proporcionar reflexão através do discurso, de sua comunicação, por parte de seu público, composto por diversos grupos sociais (ARAÚJO, 2014, p. 26).

Partindo desta leitura, que é ver o museu como espaço de convivência e de produção de narrativas, percebe-se, a partir das primeiras análises da organização das exposições do Museu Jaguaribano, que os objetos que tratam da experiência dos africanos escravizados no Aracati não aparecem nas exposições permanentes do museu. Tal determinação incide diretamente no processo de esquecimento das vivências e formas de resistência à condição de escravizado e do próprio trabalho compulsório.

O lugar em que se encontram esses objetos, “embaixo da escada”, expressa os interesses da promoção de uma imagem do Aracati dos potentados, centro de produção econômica e cultural do Vale do Jaguaribe. Tal hipótese é de que ao arregimentar a estratégia de manter a urbe como centro cultural do Vale do Jaguaribe, o grupo fundador do museu optou pelo esquecimento do passado escravocrata da elite local. Tal esquecimento pode ser pensado, já que não se problematiza nas exposições permanentes as interações sociais, modos de vida cotidiana e formas de resistência ao trabalho escravo.

As particularidades do uso do passado da elite local nas exposições do Museu Jaguaribano ajudam na problematização do sentido que o trabalho escravo teve no Aracati, especialmente nos lugares ocupados pelos escravizados no município. Esses objetos sobre os escravizados, o trabalho escravo e o que fizeram deles no espaço museal serão o direcionamento e a compreensão da relação entre museu, escola e o ensino da educação das relações étnico-raciais no ensino de história na Escola Beni Carvalho.

A memória compartilhada pelo Museu Jaguaribano é uma memória oficial dos grupos dominantes, as lembranças das classes menos favorecidas são silenciadas, na realidade existe uma memória dividida, fragmentada que depende daqueles que relatam. A narrativa presente nesse espaço, retrata a visão de que a presença africana no município não teve a mesma importância dos filhos ilustres de Aracati.

Ao levar essa discussão para o espaço escolar, acatando a lei de Nº 10. 639/2003, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais, busca-se discutir a importância das Relações Étnico-raciais no ambiente escolar como algo fundamental à desconstrução do preconceito racial em nossa sociedade.

As relações étnico-raciais, no Brasil, encontram na produção e circulação de discursos sobre raça, um aspecto dominante para a formação de hierarquizações dos lugares sociais. A lei 10. 639/03, caracterizada por ser uma lei afirmativa, impulsiona mudanças nas relações étnico-raciais.

Nesse contexto de preconceito racial, onde os negros não eram valorizados por sua contribuição histórica e cultural, os movimentos sociais lutaram para que fosse implementado no país ações afirmativas que tinham como objetivos reparar o abismo social entre brancos e negros, passando a reivindicar junto ao governo brasileiro, uma mudança curricular onde deveria ser incluído o estudo da história do Continente

Africano e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional brasileira.

Quando um país necessita de leis que garantam o respeito e o reconhecimento histórico e cultural de um povo, dentro do contexto escolar, como forma de desconstruir o preconceito racial, demonstra a existência de sérios problemas sociais que vão muito além do ambiente escolar.

O movimento negro tem papel fundamental na luta por ações afirmativas, seu trabalho se intensificou na década de 1920 com o surgimento nos centros econômicos do Brasil, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, os primeiros jornais destinados ao público negro como o Menelik, Alfinete e Clarim da Alvorada.

Os jornais eram voltados ao público negro, relatando suas dificuldades para se integrar a sociedade da época, sendo um meio de divulgação dos desafios e das perspectivas da população recém liberta.

Possui destaque no movimento negro a Frente Negra Brasileira fundada em 1931 no estado de São Paulo, cuja defendia que somente pelo acesso da população negra a uma educação de qualidade seria possível combater o preconceito racial, dando condições aos negros de superar as desigualdades sociais.

Um dos mais importantes estudiosos e defensores da população negra, Abdias do Nascimento criou em 1944 o Teatro Experimental do Negro (TEN), dessa forma, ele pretendia usar o teatro como forma de desconstruir o preconceito racial, levando ao questionamento da situação do negro, na realidade brasileira, tendo o negro como tema, intérprete e criador.

Um dos momentos mais importante do movimento negro foi a marcha Zumbi dos Palmares pela Cidadania e a vida. A primeira Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, foi realizada no dia 20 de novembro de 1995. Cerca de 30 mil pessoas se reuniram em Brasília para denunciar a ausência de políticas públicas para a população negra. O ato marcou o reconhecimento da importância de Zumbi dos Palmares para o movimento negro, sendo símbolo de resistência dos africanos.

Figura 01: Macha Zumbi dos Palmares

Fonte: Fernando Cruz/Em Tempo – Acervo CSBH

Nessa jornada, a Marcha Zumbi, foi o um dos fatos políticos mais importante do movimento negro, quando os afrodescendentes saem às ruas, exigindo serem ouvidos e respeitados pelo governo. Além das outras conquistas, foram fundamentais para que a lei 10. 639/2003 fosse elaborada, entre elas estão: a LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação), os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) com inclusão da temática da Pluralidade Cultural como um dos temas transversais instituídos pelo Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1997.

O movimento negro continuou lutando para que fosse implementado ações afirmativas na educação, compreendendo o papel que a mesma tem na formação do sujeito-cidadão, por esse motivo, sempre existiu uma preocupação como o afrodescendente era retratado dentro do contexto escolar e de que forma essa visibilidade negativa influenciava na identidade dos mesmos.

Toda essa jornada do movimento negro culminou na lei 10. 639/2003 que inclui no currículo oficial da rede de ensino público e privado a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, alterando a lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, essa lei visa reconhecer a importância histórica e cultural do afrodescendente para a formação do país, além de propor uma nova abordagem no ambiente escolar com relação aos negros, onde os mesmos possam ser vistos de uma forma positiva, reformulando o currículo, contribuindo e influenciando na diminuição do índice de evasão escolar. Essa lei foi reflexo dos movimentos sociais.

> Os movimentos sociais negros, bem como muitos intelectuais negros engajados na luta antirracismo, levaram mais de meio século para conseguir a obrigatoriedade do estudo da história do continente africano e dos africanos, da luta dos negros no Brasil, da cultura negra brasileira e do negro na formação da sociedade nacional brasileira. Contudo, torná-los obrigatórios, embora seja condição necessária, não é condição suficiente para a sua implementação de fato (SANTOS, 2005, p. 35).

Após a Lei 10. 639/2003 ser elaborada foi planejada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, onde o parecer determina que a mesma foi criada com o intuito de enfrentar a posição de desigualdade vivida pelo povo de origem africana.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana são políticas de reparações, que buscam a valorização e o reconhecimento dos negros em nossa sociedade.

Estudar as relações étnico-raciais fazem-se necessárias em um país que apresenta uma dívida histórica com a população de origem afro, dado que são séculos de exploração e preconceito, que não terminaram com o fim da escravidão no século XIX. Nesse contexto, a escola deve contribuir para a desconstrução dessa realidade, pois o Brasil não vive numa democracia racial, como retratou Freyre (1966, p. 98) em Casa Grande & Senzala, ao defender que “as relações entre raças diferentes como o negro e o branco aconteceram de forma harmônica e que o Brasil se caracterizava pela ausência do preconceito racial”.

Tecendo severas críticas a esse posicionamento, intelectuais como, Florestan Fernandes (1972) e Nascimento (1978), passaram a analisar e a questionar essa afirmação. Segundo esses autores, os negros não foram integrados à sociedade e

sofreram com o preconceito racial e social, sem condições de ascender socialmente no mundo dominado pela elite branca.

Não se pode resumir a desigualdade social somente ao passado escravocrata do país como se tudo se limitasse ao período da escravidão. É fácil constatar que no Brasil existe, sim, um racismo institucionalizado, no qual a organização e a estrutura do Estado funcionam como mecanismos que garantem a exclusão de grupos raciais, tais como, os indígenas e afrodescendentes.

Essa temática deve ser discutida dentro da escola, tendo como ponto de partida a narrativa presente no Museu Jaguaribano, sendo fundamental o resgate do papel histórico dos afrodescendentes, para que os mesmos conheçam e compreendam a sua importância na história brasileira, desenvolvendo autoestima e dignidade.

Com isso, a escola não pode se excluir dessa árdua tarefa, já que é por meio da educação que o sentimento de inferioridade e de superioridade entre os grupos raciais devem ser desconstruídos.

> [...] em um país, como o Brasil, onde os preconceitos e a discriminação racial não foram zerados, ou seja, onde os alunos brancos e pobres e negros ainda não são iguais, pois uns são discriminados uma vez pela condição socioeconômica e os outros são discriminados duas vezes pela condição racial e pela condição socioeconômica, as políticas ditas universais defendidas, sobretudo pelos intelectuais de esquerda e pelo atual ministro da Educação não trariam as mudanças substanciais esperadas para a população negra (MUNANGA, 2006, p. 1).

A desconstrução do preconceito racial na sociedade brasileira não ocorrerá em curto espaço de tempo, e nem é função exclusiva da escola, mas esta, como espaço propício à reflexão e à discussão, deve configurar-se como essencial ao debate, captando elementos da sociedade a fim de serem processados à luz do conhecimento e dos valores morais e éticos.

Uma educação voltada para as relações étnico-raciais tem como objetivo formar novos cidadãos capazes de compreender, reconhecer e valorizar diferentes visões de mundos, formando indivíduos empenhados em promover a igualdade de direitos por meio de uma educação que valorize as diferenças como relata Petronilha Beatriz em seu artigo “A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser,

viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais" (GONÇALVES E SILVA, 2007, p. 489).

O Brasil possui um sistema educacional injusto que não promove a igualdade e a integração de grupos étnico-raciais como os afrodescendentes, a nossa sociedade perpetua a desigualdade e o preconceito racial, o ambiente escolar colabora para essa situação a partir do momento que esse tema não é enfrentado pela escola e pelos profissionais da educação em geral. Estamos colaborando com a nossa omissão para permanência dessa situação, acarretando sérios problemas para o alunado negro, como a baixa estima, o não reconhecimento do valor de sua raça para formação cultural e política do nosso país, resultando na evasão escolar.

O movimento negro lutou e exigiu que o país elaborasse ações afirmativas para minimizar o abismo social entre brancos e negros. Essas ações significam a revisão dos livros didáticos, capacitação dos professores, respeito e estudo da cultura africana, sem preconceito.

É na educação que encontramos a melhor maneira de desconstruir o preconceito racial, em janeiro de 2003 foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva a lei de Nº 10. 639/2003, incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, com o objetivo de valorizar e reconhecer a identidade negra no Brasil. Essa lei inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, assim, os ambientes escolares devem trabalhar a história e cultura-afro no contexto de lutas, resistência e valorização cultural para que dentro do meio educacional possa ser trabalhado um antirracismo no Brasil.

A implantação dessa lei trouxe mudanças no meio educacional, já que levou ao debate de como seria essa implementação na realidade escolar.

> [...] em todo o Brasil, a alteração da LDB n. 9.394/96, primeiro com os Parâmetros Curriculares Nacionais, – PCN e, em seguida, oficialmente pela Lei Nº 10. 639/2003, mexeu com valores enraizados na educação. Valores de uma ciência que negou e silenciou nos currículos escolares narrativas de grupos considerados minoritários como, por exemplo, o africano e seus descendentes (SANTANA, 2006, p. 30).

O aluno afrodescendente precisa conhecer sua história para se reconhecer. A falta de reconhecimento, pelos afrodescendentes, torna a escola um ambiente desinteressante. A função da escola não se resume apenas na transmissão de conhecimento, ela é formadora de saberes sociais e culturais, sendo um espaço em

que aprendemos e compartilhamos valores, crenças, hábitos e, infelizmente, compartilhamos também preconceitos raciais.

Quando a escola não enfrenta o problema racial de frente, ela contribui para permanência de uma sociedade extremamente desigual. Partindo desse pensamento, Ribeiro e Souza (2008) afirmam.

> A ausência de negros/as ou a exposição como inferiores em livros didáticos, cartazes, vídeos e em outros recursos utilizados, reforça a estigmatização da população negra e dos/as estudantes negros. Por outro lado, há um reforço na construção do imaginário acerca da superioridade branca (RIBEIRO, SOUZA, 2008, p. 95).

A tarefa de desconstruir o racismo não é função somente da escola e dos educadores, o ambiente escolar reflete a sociedade na qual estamos inseridos, não podemos, como instituição, sermos vistos como salvadores e nem como responsáveis pela redenção dos grupos marginalizados, mas temos a função de fornecer condições que promovam a democracia, acesso ao conhecimento e respeito as diferenças tanto étnicas, de gênero, de opção sexual, devendo ter uma atuação ativa, não ficando omissa diante dessa realidade.

É por isso que, ao reconhecer o museu como espaço de circulação de visões sobre o passado, a relação com a escola torna-se imprescindível à reflexão sobre a escravidão em Aracati, sobre à construção de uma aprendizagem alicerçada na história local e fundamentada numa educação sobre às relações étnico-raciais.

Sua importância também reside na relação com a Base Nacional Comum Curricular que estabelece as diretrizes que devem ser abordadas com relação a Educação para as Relações Étnico-Raciais, sendo sua inclusão fruto da luta do movimento negro no enfrentamento ao preconceito e na desconstrução dos mitos da superioridade e inferioridade que envolvem brancos e negros.

O texto da Base Nacional Comum Curricular passou por inúmeras leituras e análises, gerou três versões antes de que chegasse ao atual texto em reflexão. O texto final da BNCC sofreu críticas pela ausência de uma educação antirracista presente no documento tanto no documento de referência ao Ensino Fundamental como no do Ensino Médio.

No Ensino Fundamental, a Educação para as Relações Étnico-Raciais, aparece no documento da BNCC como estudos Afro-brasileiros, estando presente apenas nos objetos de Conhecimento, dos componentes de Língua Portuguesa, Geografia, História, Ensino Religioso e Artes. Os conteúdos já fazem parte integral de

cada componente, não agregando nenhum conhecimento ou prática que de fato venha promover uma educação antirracista. Para Clesivaldo da Silva (2020) “nas habilidades desenvolvidas por cada componente curricular é possível perceber que o tema foi silenciado sem trazer atividades que possibilitem ao educando reflexões concernentes às práticas antirracistas” (SILVA, 2020, p. 6). A Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ensino Médio ficou a cargo dos itinerários formativos como afirma Clesivaldo da Silva (2020).

> Com relação ao Ensino Médio, a temática ficou a cargo dos itinerários formativos, foi contemplada de forma parecida ao Ensino Fundamental, os conhecimentos no itinerário de Ciências Humanas já fazem parte do currículo, não existe proposta que levem aos alunos a uma reflexão e um desenvolvimento de uma educação de oposição ao racismo (SILVA, 2020, p. 6).

A crítica feita a BNCC com relação ao Ensino das Relações Étnico-Raciais é que o documento não faz referência a uma educação antirracista, sendo as temáticas já trabalhadas em cada componente curricular, sem uma discussão que possibilitem a construção de uma educação antirracista.

O museu é um espaço de aprendizagem que busca compreender como as narrativas sobre a escravidão no Aracati refletem na produção do conhecimento escolar e como incidem na vida cotidiana e na formação voltada à consciência histórica dos alunos. Assim, questionar o conceito de democracia racial no Brasil, como relata Nascimento (1996), tenta imprimir a imagem de um país que convive de forma harmônica com os diferentes povos que formaram a sociedade brasileira.

> [...] devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (NASCIMENTO, 1996, p. 92).

Os museus e as escolas são espaços diferentes que se completam e as narrativas presentes no museu podem influenciar na compreensão da história local, ao abordar uma narrativa onde os objetos que se referem a época da escravidão estarem organizados “embaixo de uma escada”, escondidos e sem o destaque merecido, enquanto existem salas de exposição para os “filhos ilustres” do Aracati, nos levando ao questionamento de como essas narrativas refletem na produção histórica escolar, uma vez que a escola é um espaço propício de reflexão e de

discussão ao debate, esse tipo de abordagem não contribui para a desconstrução do preconceito racial em nossa sociedade.

Os africanos eram representados no espaço museal no século XIX no continente europeu com exposições semelhantes a jardins zoológicos onde eram representados como selvagens, essas representações para o museólogo e Pós-Doutor em Museologia Marcelo Cunha reforçou e permitiu a elaboração de preconceitos e imaginários negativos, associando os africanos a seres marcados pelo gosto do sangue, fetichismo, obscurantismo e animalidade, relegados à categoria de sub-humanidade.

Já no século XX é destacada a exposição de objetos de origem africana em perspectivas estéticas, essas exibições vão em oposição ao século anterior, pois os ocidentais consideravam os africanos como povos incapazes de produzir arte, cujo artefatos produzidos eram vistos como resultado do terror, barbárie e mitos.

No Brasil, os objetos da cultura africana, são expostos pelo viés do exotismo como relata Cunha (2010), “nos últimos anos essas representações sofreram mudanças como resultado das políticas de preservação patrimonial no Brasil, onde bens de cultura material e imaterial como acarajé foram tombados”. As representações de culturas africanas estão presentes nos acervos da maioria dos museus brasileiros com objetos que estão ligados diretamente ou indiretamente a essa temática, com destaques para os artefatos que retratam a escravidão no país e as representações da religiosidade africana são limitadas as questões do sincretismo religioso.

Nesse sentido, o estudo assenta sua relevância e busca analisar as narrativas presentes no Museu Jaguaribano, levando em consideração como os escravizados são representados dentro dessa narrativa museológica. Junto a essa análise, foi confeccionado um produto didático, um manual de visitação ao Museu Jaguaribano, com orientações que potencialize as possibilidades pedagógicas de uma visita ao museu, no sentido de promover reflexões sobre as temporalidades e espacialidades existentes em suas exposições.

Além do Guia de Visitação, foi produzido no final da pesquisa um caderno de atividades para trabalhar com os alunos após a visitação ao museu, tendo como temática as narrativas sobre a presença africana no espaço museal do Museu Jaguaribano. Para auxiliar o trabalho do professor foi produzido um manual que traz orientações de como usar o guia de visitação e o de atividades.

Assim, desenvolver uma pesquisa sobre o Museu Jaguaribano, sua relação com a escola e o ensino de história local, procurando compreender as narrativas sobre a escravidão, presentes no espaço museal, é um desafio tanto teórico como procedimental, que mobiliza conceitos e fontes referentes às formas de seleção e exposição dos objetos que referenciam o passado da cidade.

Para a realização do estudo foram analisadas as documentações referentes ao Museu Jaguaribano como: Livro de visitas, Estatuto do Instituto do Museu Jaguaribano, relatórios de pesquisa, eventos organizados pelo museu, matérias jornalísticas sobre o mesmo bem como seu arquivo.

A metodologia da História Oral foi utilizada a partir do momento em que se entende, segundo Pollak (1992, p. 106), que trata da historicidade por meio da oralidade é saber que “estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas de uma forma ou de outra, ideologicamente e culturalmente mediadas”.

Daí a importância e o cuidado metodológico na elaboração e realização de entrevistas com professores, alunos da escola de Ensino Médio Beni Carvalho, com destaque para as entrevistas temáticas, seguindo todo método de processamento e análise das entrevistas presentes na metodologia da História Oral.

Os fios norteadores dessas entrevistas são as narrativas presentes no Museu Jaguaribano sobre a escravidão em Aracati e a relação escola-museu-escravidão, para compreender como a narrativa presente no museu reflete nas relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Por fim, a análise da documentação do museu e das entrevistas passaram por três momentos. No primeiro momento foram catalogados os objetos e analisadas as exposições relacionadas à escravidão no Museu Jaguaribano.

A dissertação analisou a relação entre as narrativas sobre a escravidão, presentes no Museu Jaguaribano e o Ensino de História no que tange à educação para as relações étnico-raciais na escola Beni Carvalho, compreendendo museu e a escola como espaços de aprendizagem para o ensino de história.

Essa dissertação permitiu compreender as relações entre museu, ensino e memória como um fortalecimento do ensino e da aprendizagem para a disciplina de História. Essa análise tem como objetivo apresentar como se dá o ensino das relações étnico-raciais no que concerne à temática da escravidão na cidade de Aracati sob o olhar da instituição museal.

Os objetos catalogados permitiram uma melhor compreensão das narrativas presentes no Museu Jaguaribano, refletindo sobre suas narrativas e como as mesmas podem contribuir no Ensino das Relações Étnico-Raciais para uma educação antirracista.

Um dos objetivos desse estudo é mostrar o espaço museal como um ambiente de construção e discussão sobre as relações étnico-raciais em parceria com a escola por meio de produtos pedagógicos que possibilitem conhecer o museu e seu acervo com ênfase nas representações sobre a presença africana no município de Aracati.

No segundo, realizou-se entrevistas com professores e alunos da escola, bem como a análise dos projetos escolares que envolvam a Escola Beni Carvalho e o Museu Jaguaribano e, no terceiro momento, toda a documentação estudada resultou no entendimento como as narrativas sobre o passado escravocrata presente no Museu Jaguaribano foram construídas e como circulou no ambiente escolar.

Nesse sentido, o estudo está organizado em quatro capítulos, compreendendo o Museu Jaguaribano como um espaço de memória e poder, um lugar de aprendizagem da história local, possibilitando uma compreensão da presença africana em Aracati por meio de suas narrativas, contribuindo para o Ensino das Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar.

No primeiro capítulo, *''Museu e ensino de história"*, analisou-se a relação entre museu, ensino, memória e poder, destacando o espaço museal como ambiente de produção e circulação de saberes, bem como um espaço de aprendizagem histórica a partir das narrativas expressas na organização dos objetos expostos.

No segundo capítulo, *"A escravidão no Museu Jaguaribano",* a proposta voltou-se à compreensão da historicidade, funcionamento e papel do Museu Jaguaribano como irradiador de uma memória oficial para a cidade do Aracati e Vale do Jaguaribe[3] no tocante às narrativas sobre a escravidão negra.

No terceiro capítulo, "A Escola de Ensino Médio Beni Carvalho e o Ensino das Relações Étnico-Raciais" analisou, a partir das narrativas do Museu Jaguaribano e das entrevistas e questionários com alunos e professores como o ensino de história

[3] O Vale do Jaguaribe abrange uma área de 15. 006,77 km², é uma região que compreende os municípios de Russas, Jaguaruana, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Tabuleiro do Norte, Quixeré, Jaguaretama, Alto Santo, Pereiro, Iracema, Jaguaribara, São João do Jaguaribe, Ererê e Potiretama com uma população de 386. 576 habitantes. Hoje, a cidade de Aracati, pertence ao Litoral Leste.

local na Escola Beni Carvalho pode contribuir para uma Educação das Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar,

Por fim, no quarto capítulo, *“A escola vai ao museu”* foi confeccionado um “produto didático”, cujo objetivo é contribuir no planejamento do trabalho docente e na fomentação da aprendizagem dos educandos durante o processo de visitações ao espaço museal, sendo analisado os relatórios dos alunos da 3ª E do turno da manhã que visitaram o Museu Jaguaribano.

O produto pedagógico produzido consta de um Guia de Visitação acompanhado de um Manual de Instruções e um Guia de Atividades destacando os objetos referentes à escravidão negra no município.

Portanto, a proposta deste trabalho tem como base os princípios de referência das DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) para educação das relações étnico-raciais com uma abordagem positiva da história e da cultura afro-brasileira e os DCRC (Documento Curricular Referencial do Ceará) essa atitude contribui para a reflexão sobre o uso do museu como lugar de memória no sentido de contribuir, a partir da aprendizagem histórica, à promoção de potencialidades e à educação para as relações étnico-raciais no ambiente de sala de aula.

1. MUSEU E ENSINO DE HISTÓRIA

A relação entre ensino de história e museu histórico é marcada por múltiplas interações que se efetivam, na maioria das vezes, nas visitas escolares às exposições museológicas. Nesse espaço, o processo de ensino e aprendizagem tende a efetuar-se diante da complexa teia de significados, expressos na relação que os objetos mantêm entre si, nos interesses implícitos ao ato de expor e nas articulações que motivam a visita.

O papel do professor de história, como mediador no processo de aprendizagem do aluno, está voltado a oportunizar problemáticas pertinentes à construção do conhecimento histórico. Seu trabalho pedagógico é imprescindível à análise dos alunos sobre os mais diversos espaços que tratam com o “trabalho da memória”.

Nesse sentido, o capítulo analisa o papel e a dimensão pedagógica do museu, entendendo a exposição museal como produção e circulação das narrativas museológicas a partir das relações entre memória, esquecimento e poder, presentes como referencial temporal das articulações entre presente-passado-futuro e que incidem na produção e circulação de saberes no ensino de História.

1.1. O museu como espaço de poder

Compreendido como um espaço plural, lugar artístico, cultural, turístico, de pesquisa e educativo, onde a seleção e organização dos objetos corresponde aos interesses dos grupos que disputam a publicização de determinada memória, o museu alberga em suas exposições alguns dos principais trabalhos da memória: selecionar, organizar e expor o que foi escolhido para ser lembrado ou esquecido.

Enquanto lugar de memória, onde as narrativas são construídas e mutáveis, o museu promove o compartilhamento de informações sobre temporalidades, identificando relações de poder e experiências imprescindíveis à compreensão do presente, bem como “operam como lugares de representação, como polos educativos, geradores e disseminadores de conhecimento, promotores de cidadania, que valorizam as identidades culturais em suas formas de expressão cotidiana ritual e material” (FABRI, 2011, p. 50).

Essa capacidade de promoção e circulação de saberes encontra na exposição do Museu Jaguaribano seu lugar e alcança seu objetivo quando os objetos expostos

conseguem manter no imaginário social as narrativas memoráveis de um determinado grupo como sendo a única e “verdadeira narrativa” sobre o que denominam de passado. Isso ficou evidente quando o museu se tornou o lugar dos grandes feitos, dos grandes homens e da nação, um lugar onde a história nacional “se distingue das histórias locais, provinciais, urbanas, devido ao que ela retém. (COELHO, 2009, p. 78).

> A operacionalização da memória coletiva, entendida como aquela que foi organizada a partir de interesses de determinado grupo e que compartilha um sentido comum sobre o passado, compõe a identidade a partir do momento que a narrativa dar validade ao passado de um grupo e referência aos lugares que promovem sua circulação (HALBWACHS, 2006. p. 23).

Por essa perspectiva, o espaço museal fomenta a compreensão de experiências expressas em objetos, selecionados e expostos, que adquirem um significado para além daquele referenciado pelo seu uso social. Essa operação possui referenciais políticos e ideológicos que, ao serem arregimentados, são valorados duplamente: “a primeira para integrar o acervo da instituição e a segunda para associar-se a outros objetos também escolhidos para serem expostos em público” (CURY, 2005, p. 26).

Tais valores estão associados ao trabalho que se realiza no espaço museal, sendo as narrativas sobre o passado uma construção da relação que os objetos mantêm em sua temporalidade. Dessa relação, como assevera Ramos (2004, p. 23), “os objetos expostos são temas geradores de reflexões sobre tramas entre o sujeito e o objeto, perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais, que os objetos são criadores e criaturas do ser humano”. Assim, ao serem selecionados como parte de um acervo, os objetos organizados em coleções adquirem uma nova valorização, um novo uso e sentido.

> Nas coleções justamente, tem-se o esvaziamento total das funções originais das coisas, de maneira que, por exemplo, um tapete deixa de ser uma cobertura da sala, uma arma deixa de ser um artefato de ataque e defesa, um vaso deixa de ser um vaso, um relógio deixa de ser um relógio e tudo se transforma em “objetos de coleção (MENESES, 1980, p. 5).

Esses novos significados estão ligados às narrativas constituídas no âmbito das coleções e expressam tanto os interesses dos organizadores, quanto a ação pedagógica diante do olhar e observar do visitante, especialmente, se forem estudantes da Educação Básica.

> O museu deve conservar elementos do passado, e ao mesmo tempo, conferi-lhe a consciência, ou seja, construir uma narrativa, sem reduzir seus visitantes ao silêncio, tampouco ceder aos perigos de uma representação demasiado empático que suscita resposta de cunho positivo (POULOT, 2013, p. 44).

Essa preocupação expõe os desafios do espaço museal e coloca em análise o próprio lugar que os organizadores de exposições ocupam diante das narrativas que constituem nas exposições. É por isso que, inicialmente, os objetos selecionados para serem expostos no espaço museal tinham como objetivo ser contemplados como peças exóticas, preciosas e sem ser uma escolha de caráter científico, sendo objetos para serem admirados e a sua escolha estar relacionada à concepção da exposição. A intenção era a glorificação dos grandes nomes, dos acontecimentos que deveriam ser lembrados, narrativa dos grandes heróis da nação, tendo o museu a função de formar e fortalecer a identidade nacional.

Nesse sentido, o museu era entendido “como instituição encarregada em fazer lembrar e, assim, impedir, na medida do possível, que o esquecimento tome conta das pessoas, definindo quais objetos podem identificar este ou aquele grupo” (CUNHA, 2010, p. 87).

É por esse exercício que as exposições museológicas podem ser vistas como espaços de aprendizagem, onde o diálogo com os visitantes acontece por meio da observação positiva ou da problematização dos saberes propagados nesse espaço.

A exposição, resultado de uma seleção que vai dos objetos ao espaço de apresentação, é o encontro entre o visitante e os objetos que estão sendo expostos. É uma escolha que utiliza objetos para sustentar uma narrativa, fruto de trabalho em equipe e se constitui em um dos principais meios de comunicação e circulação de saberes sobre o museu.

Apresentando a concretização das ideias propostas, a exposição inicia-se com a temática escolhida, seleção e disposição dos objetos, cujas informações aprecem como o título e a duração, que pode ser de curta, média e longa duração ou permanentes. Tais estratégias demandam diferentes “orçamentos, estratégias de divulgação, usos e tipos de materiais expositivos, acarretando mais trabalho e mais custos. Esse tempo também vai determinar alguns cuidados com a conservação do acervo selecionado para a exposição” (BORDINHÃO, 2017, p. 17).

Junto a isso, deve-se identificar o público da exposição, cuja heterogeneidade estará presente nas percepções e questionamentos sobre o que está exposto. Tal

diversidade ajuda na compreensão que o visitante mantém com a exposição, uma vez que:

> Sua cognição se dá no momento em que o indivíduo identifica os elementos ali apresentados e os relaciona ao seu universo de referências, ao seu sistema de crenças, que vem a ser o conjunto de referências e categorias com as quais interpreta e classifica o mundo, podendo neste momento, por outro lado, ampliar este mesmo sistema de crenças pessoais (CUNHA, 2010, p. 112).

Essa relação, principalmente em referência ao público escolar, evidencia o quanto os museus exercem um papel fundamental nos processos pedagógicos, pois permitem que os interessados possam pesquisar a história a partir da narrativa contada pela exposição dos objetos.

O contato com os estudantes é essencial para a intensificação da parceria entre escola e museu e na promoção de percepções sobre temporalidades e espacialidades por meio da relação que se estabelece com as narrativas memoráveis, presentes neste lugar de memória.

Na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho, instituição que faz parte dessa pesquisa, foi constatado que as visitações ao Museu Jaguaribano acontecem em datas pontuais e sem planejamento prévio por parte dos professores da área de Ciências Humanas. Essa falta de planejamento dificulta a interação com o museu como um exercício atrativo de promoção de “uma atitude crítica, questionadora, capaz de um distanciamento reflexivo diante do conjunto de bens culturais e naturais” (CHAGAS,1998, p. 96).

É por essa perspectiva, que a interação entre o público e o museu faz da exposição um “local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo e da sua síntese subjetiva” (CURY, 2005, p. 56). Assim, o museu, como espaço de produção de saberes, tem a exposição como meio de comunicação centrada na produção e transmissão do conhecimento, onde esses saberes são problematizados e construídos, tornando-o em espaço de aprendizagem e de proposição de ações educativas voltadas tanto ao conhecimento da comunidade, quanto a comunicação e a exposição do patrimônio cultural musealizado “sem esvaziá-lo de sentido” (CURY, 2005, p. 109).

Nesse sentido, uma exposição resulta de atividades concebidas e relacionadas “à pesquisa e à ação cultural, sistematizadas em dois grupos básicos: Salvaguarda (coleta/estudo, documentação, conservação e armazenamento) e Comunicação (exposição, projetos educativos, ação sócio-educativo-cultural e avaliação)” que colaboram para preservação do patrimônio cultural e seu compartilhamento por meio de uma experiência pedagógica (material, visual ou sonora) participativa entre os objetos e o público visitante (CUNHA, 2010, p. 110).

Dessa forma, enquanto espaço de relações de poder, não existe museu que não possa ser problematizado e compreendido a partir de suas exposições. Longe de serem lugares estáticos, os museus são espaços onde “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 200).

É um lugar social e institucionalizado, produtor de narrativas a serem analisadas a partir do uso que se faz dos objetos no processo de construção de um sentido para o passado, daí ser o museu um espaço de celebração do passado, marcado pelo culto à saudade, prevalecendo “o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos” (CHAGAS, 1998, p. 63).

Como espaço de disputa de poder, lugar de preservação, o ambiente museal ao mesmo tempo que preserva a memória de determinados grupos, significa a exclusão dos demais, pois eles não estão contemplados na exposição da narrativa presente nesse espaço. A memória é contada do ponto de vista daqueles que organizaram a narrativa, o que contribui para que o público, em sua maioria, aprenda somente a narrativa museológica como oficial.

A ausência de certos grupos sociais, como os escravizados negros a partir da não seleção de objetos que remetem às suas experiências históricas no Brasil, no espaço museológico tende à produção do esquecimento de sujeitos e práticas sociais fundamentais à compreensão e reflexão do processo histórico e sua relação com as demandas do presente.

A exposição de objetos, cujo uso social pertence ao mesmo contexto, como é o caso daqueles que expressam formas de produção agrícola no Brasil Colonial, associados aos conhecimentos sobre as experiências históricas apreendidas em sala de aula, podem propiciar ao professor oportunidades de trabalhar projetos que problematizem os museus como lugar de construção da memória.

Por essas associações, as relações de poder como problemática da questão do esquecimento social no museu, aparecem no trabalho de mediação do professor historiador tanto como estratégias imprescindíveis à desnaturalização do espaço museológico quanto como abertura à reflexão sobre a construção de narrativas presentes no “jogo da memória e do poder” (CHAGAS, 1998, p. 12).

Assim, como espaço onde a memória e o poder estão presentes, independentemente de seu tamanho e localização, o museu histórico torna mais evidente o lugar de memória como um resto, onde a busca por um refúgio para a memória expressa um perigo, mesmo que este seja simplesmente residual (RICOUER, 2007, p. 415).

Essa relação entre museu, memória e esquecimento é constante à medida que o ato de lembrar, enquanto seleção, também significa, em certa medida, esquecer, uma vez que “a memória é constituída de lembranças como de esquecimento, pois só esquecendo aprendemos e, por conseguinte produzimos memória” (PINHEIRO, 2004, p.91).

Para Pinheiro (2004, p. 87), “essa necessidade constante do homem em querer preservar a memória pode ser justificada” quando se observa que no século XX e início do XXI, houve um aumento no número de museus devido a necessidade de preservar e valorizar o patrimônio histórico, tudo deveria ser preservado como se as lembranças do passado estivessem sempre no presente e como se as lembranças não pudessem ficar adormecidas.

A primeira justificativa é que essa necessidade vem de um futuro esquecido que ficou no passado. A segunda justificativa é o passado sem luto, onde fatos que aconteceram no passado deverá em algum momento ser discutido, podendo ser citado como exemplo, as guerras étnicas.

A terceira justificativa para essa necessidade é de o homem querer preservar a memória em espaços como os museus, sendo uma nova reinterpretação do passado. A quarta justificativa é a necessidade de armazenar a memória, já que o homem tem uma existência efêmera. Por último, seria a crise das temporalidades, onde Pinheiro esclarece que essa é uma hipótese do professor de literatura Andreas Huyssen quando defende que “a sociedade é marcada pelo desenvolvimento tecnológico, a capacidade de armazenamento da memória traria o passado cada vez mais para o presente” (PINHEIRO, 2004, p. 34).

Essa percepção de que o presente estaria marcado pelo passado a partir das narrativas memoráveis traz, em seu conjunto, um direcionamento das ações do museu histórico para um público diversificado e o hábito de colecionar e expor encontra-se presente na sociedade que coleciona e expõe tudo, de uma obra de arte como um quadro de Claude Monet ou um souvenir, pode-se colecionar de tudo nessa sociedade memorialista.

O problema dessa memorialização do presente encontra-se, em certa medida, no não reconhecimento, por determinados grupos, de exposições museológicas que tratam ou expõem questões sensíveis sobre o passado, como é o caso da escravidão e suas consequências socioculturais. Assim, como fomentadores de reflexões sobre o passado, os museus são espaços educativos não-formais e podem suscitar contribuições a uma formação humanística por meio de aprendizagens históricas, cuja peculiaridade “se realiza plenamente em múltiplas interações: com tramas estéticas e cognitivas, em análise e deslumbramentos, na dimensão lúdica e onírica dos fundamentos historicamente engendrados que constituem o espaço expositivo” (RAMOS, 2004, p. 29).

Nesse sentido, o papel interativo do museu configura-se, em certa medida, na relação com o público escolar que precisa compreendê-lo, problematizando-o como um espaço produtor de narrativas, capaz de contribuir para uma formação pautada na reflexão sobre os usos do passado, quer como meio de preservação ou de resistência às ditas narrativas oficiais, especialmente aquelas voltadas às questões étnico-raciais.

1.2. O museu como espaço de aprendizagem

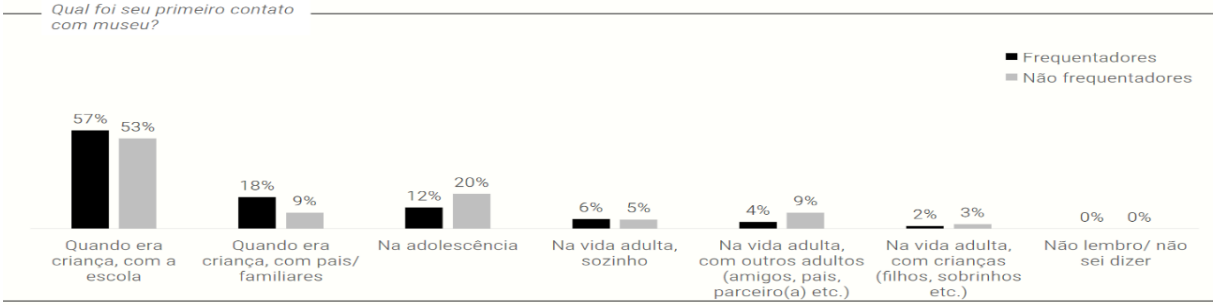
A relação escola, museu histórico e ensino de história significa possiblidades culturais e didáticas para a complementação do currículo formal. Para que o espaço museal se transforme em um ambiente de aprendizagem é necessário o exercício de decodificação da linguagem museológica. Esse trabalho, mediado no agir pedagógico do educador, incide diretamente na percepção dos alunos durante a visitação ao museu histórico, que deve ser vista como um momento de análise e questionamento dos objetos expostos, de troca de experiências e possibilidades que potencializem as atividades escolares para a aprendizagem histórica e a compreensão de que o museu não é um lugar estático ou inocente.

Assim, compete ao professor, auxiliar os alunos na compreensão do ambiente museal, não entregando respostas prontas, mas colaborando na compressão de que as “verdades” presentes nesse ambiente não são absolutas e devem ser problematizadas a partir da ideia de que a instituição museal possui um discurso sobre a realidade, composto “de som e de silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembrança e de esquecimento” (CHAGAS, 1998, p.30).

Como recurso didático de grande potencial para o ensino de História, o museu histórico deve ser identificado e entendido pelo aluno como um espaço de circulação de memória e produtor de identidades, que mantém relação com o ensino de história no que concerne à cultura material, as formas de exposição e produção de sentidos no tempo.

Nesse sentido, seu caráter pedagógico se assenta nas formas de organização e circulação das narrativas das exposições, especialmente quando o público presente é escolar. No Brasil, o primeiro contato da maioria da população que visita os museus aconteceu no período escolar, como aparece em pesquisa realizada pelo Oi Futuro, em parceria com a Consumoteca, em 2019.

Gráfico 01: Público Visitante de Museus (I)



Fonte: Site https://oifuturo.org.br/pesquisa-museus-2019/

Pelos dados acima, percebe-se que a maioria dos entrevistados mantiveram experiências com o espaço museológico durante a infância escolar, sendo o índice bastante reduzido em outras fases da vida. Essa discrepância pode dificultar experiências com a cultura material presente nos museus e provocar no público escolar um certo distanciamento, principalmente, após essa fase da vida.

Um dos meios para promover essa maior interação seria um planejamento por parte dos museus para receber o público estudantil, onde práticas pedagógicas fossem pensadas e direcionadas às especificidades desse grupo. Assim, “ir ao espaço

museológico significa planejamento, por esse motivo é uma ação que necessita de um currículo aberto que permita novas formas de aprendizagem no que se refere ao ensino de História" (ARAÚJO, 2014, p. 26).

Esses espaços devem desenvolver ações educativas que explorem as várias leituras que os objetos podem expressar, possibilitando uma maior integração entre o público e o museu. O ideal era a criação de programas educativos que promovessem a interação entre a comunidade escolar e o museu a partir de um material de apoio pedagógico ao educador e um guia de visitação que orientasse o aluno, todavia, falta investimento público para produção e divulgação desse material, sendo um dos obstáculos à transformação e a aprendizagem no ambiente museal (BITTENCOURT, 2008, p. 23).

A ausência de programas educativos e de material didático direcionado à visitação dos alunos tendem a limitar a visitação apenas a ilustração de conteúdo, reduzindo seu potencial no ensino de História. Para que essa limitação seja superada, os professores, enquanto mediadores da construção desses saberes, precisam mobilizar estratégias que incentivem à criatividade, "problematizando a exposição e mobilizando ideias na continuidade da visita no retorno à sala de aula" no sentido de romper "com a ideia de um tempo encapsulado em objetos e legendas, o museu deixaria de ser um espaço apenas de curiosidade que transporta o sujeito a outro tempo" (BRAGA, 2015, p. 46).

É preciso ter um planejamento que oriente a visitação ao museu, visto que escolas e museus são espaços diferentes de aprendizagens, "capazes de proporcionar reflexão através do discurso, de sua comunicação, por parte de seu público, composto por diversos grupos sociais" (ARAÚJO, 2014, p. 26).

Tendo essa clareza, o professor de história precisa traçar objetivos claros, se possível fazer uma visitação prévia ao espaço museal para conhecer os objetos que fazem parte da exposição e verificar se a visitação é acompanhada por monitores. Até mesmo a questão do transporte que levará os alunos deve ser considerada, pois é preciso saber se a visita é viável para que seja possível uma maior interação pedagógica entre as instituições, respeitando individualidades e possibilitando um maior conhecimento sobre as práticas específicas do ambiente museal.

O conhecimento prévio das particularidades das exposições é imprescindível à construção da parceria museu-escola. A busca por interações pedagógicas entre essas instituições não pode provocar hierarquizações, mas a promoção de parceria

que incentivem “a instrumentalização dos professores, oriundos das escolas, nas linguagens e práticas específicas do espaço museal, quanto à adequação desse espaço para a promoção da real interação entre os escolares e o patrimônio cultural e científico” (CHAGAS, 1998, p. 39).

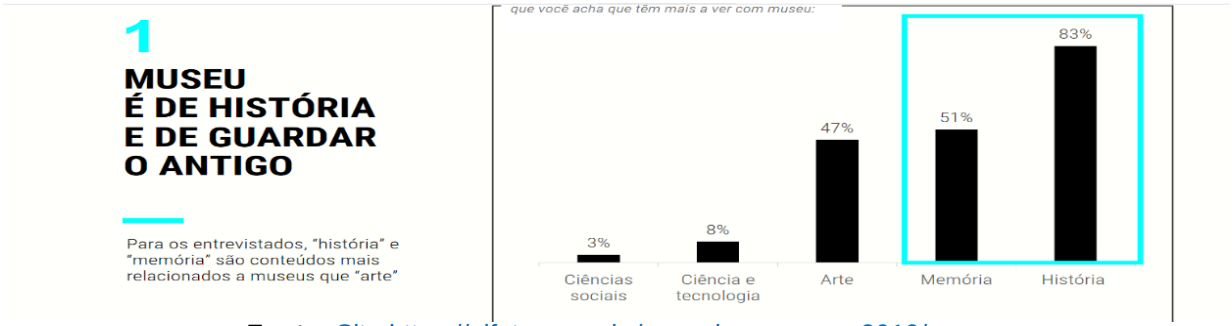
Esses procedimentos são necessários para que a visita adquira um caráter pedagógico, onde museus e escola sejam reconhecidos como “espaços que se interpenetram e se complementam mutuamente e ambos são imprescindíveis para a formação do cidadão cientificamente alfabetizado” (MARADINO, 2001, p. 98).

Esse cidadão, “cientificamente alfabetizado”, como aponta Maradino, compreende o sentido do tempo a partir do uso que se faz dos objetos expostos e da narrativa que expressam. Por esse caminho, as estratégias à contemplação de competências e habilidades, prescritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), só terão efetividade se o planejamento do professor possuir metodologia que permita a reflexão dos alunos sobre conceitos, habilidades e conhecimentos a serem trabalhados na visitação museal.

A compreensão de que a visitação para o aluno também é um momento lúdico deve ser acompanhada da importância do recorte temático e da análise das informações adquiridas no sentido de entender que a relação museu-escola é imprescindível à aprendizagem histórica e formação cidadã.

Como lugar de construção de efeitos e sentidos de tempo, o Museu Histórico está amplamente relacionado às experiências da visita, sendo sua função pedagógica expressa na apreensão e vinculação das narrativas sobre o passado, como aponta a leitura do gráfico a seguir.

Gráfico 02: Público Visitante de Museus (II)



Fonte: Site https://oifuturo.org.br/pesquisa-museus-2019/

A percepção dos entrevistados sobre a relação dos museus com a história, potencializa o compromisso de inovar as articulações com esse espaço de memória. Um dos meios para essa inovação passa pelos cuidados que devem ser considerados e dos procedimentos a serem aplicados para o ato de visitação. O objetivo é desviar do modelo “tradicional” de cobrança dos relatórios sobre a visita e focar em atividades temáticas, que fomentem discussões sobre os sentidos dados aos objetos em exposição e ao próprio saber expresso pelo objeto em sua materialidade e uso no espaço museológico.

O desafio é a promoção do protagonismo dos alunos nesse processo de aprendizagem, que encontra na possibilidade de produzir afetividades e prazer no “espaço que é o domínio das coisas materiais e não da palavra, principalmente escrita” (MENESES, 2020, p. 99).

A consciência que a visitação não pode ser desvinculada de ações educativas, a transformar em oportunidade de interpretação e reflexão sobre os artefatos que compõe o mundo material, tornando possíveis relações históricas com outros objetos, o que transforma o museu em algo mais “mais didático, mais provocativo e lúdico, criando condições para um relacionamento mais profundo com um variado espectro de outros visitantes” (RAMOS, 2001, p.110).

O ideal é que a visitação escolar ao museu seja temática, pois favorece um trabalho mais minucioso no planejamento e entendimento da relação da instituição com a comunidade a qual está inserido, bem como fortalece a ideia de que o planejamento não termina com a visitação.

Assim, ao retornar ao espaço escolar, os alunos devem expor suas impressões sobre a visita e o professor deve orientar no sentido de contribuir para o aprofundamento das questões surgidas a partir das impressões dos alunos.

Diante das reflexões sobre a experiência de visita ao museu, deve ficar claro que o papel do museu não é doador de cultura, essa não é a sua função. O debate em sala de aula deve pautar-se na premissa de que o museu pode ser entendido como espaço de reflexão e argumentação e que apresenta narrativas sobre o passado, porém seu papel:

> (...) não é revelar o implícito, nem o explícito, não é resgatar o submerso, não é dar voz aos excluídos (nem aos incluídos...) não é oferecer dados ou informação. Em suma, o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade é exercitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o

> presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo (RAMOS, 2001, p.127).

Cabe aos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem perceber o museu como espaço de educação não-formal, sendo um caminho para diminuição dessa falta de consciência e para que isso possa acontecer é necessário efetivar projetos educativos “que ao mesmo tempo desmistifiquem visões arcaicas a respeito do museu e o transforme em um espaço de socialização e conhecimento” (COELHO, 2009, p.19).

É nesse sentido que o Museu Jaguaribano, visto como ambiente de produção e circulação de conhecimento na cidade de Aracati e no Vale do Jaguaribe, foi organizado a partir de interesses de um grupo que tentava preservar sua leitura sobre o que considerava como a “história da cidade”.

Diante dessa constatação, percebe-se que na seleção dos objetos expostos no Museu Jaguaribano, aqueles que remetiam à escravidão não se destacavam nas exposições, o que incide no fortalecimento do processo de esquecimento das vivências e resistências à condição de escravizado e reforça a circulação das narrativas do “passado glorioso” de Aracati, sem as marcas e indícios que macule essa narrativa memorável.

2. A NARRATIVA SOBRE A ESCRAVIDÃO NO MUSEU JAGUARIBANO

A ideia de organizar um museu no interior do Ceará, mais precisamente na cidade de Aracati, remonta ao ano de 1965, fruto do interesse de aracatienses pertencentes a elite local e a intelectuais de áreas diversas que exaltavam a história local e a preservação do patrimônio histórico da cidade. O Museu Jaguaribano vai ser institucionalizado com a criação do Instituto do Museu Jaguaribano, criado em 15 de novembro de 1968 e inaugurado em 22 de dezembro do mesmo ano.

A criação do Instituto vai respaldar o funcionamento do Museu, sendo o órgão responsável pela coordenação do Museu Jaguaribano e pelo arquivo do Jaguaribe. O acervo exposto no museu representa a vida colonial da cidade de Aracati bem como de outras localidades do Vale do Jaguaribe, transformando-se num espaço de pesquisa para todo o Vale Jaguaribano.

O Museu Jaguaribano foi um dos primeiros a ser fundado no interior do estado do Ceará, a escolha pela cidade não ocorreu de forma aleatória, pois Aracati possui um papel político, econômico, cultural e histórico de destaque na história do Ceará.

A vila de Aracati foi uma das mais populosas e comerciais da província cearense, beneficiando-se de sua posição geográfica, solo fértil e pelas possibilidades naturais e econômicas sendo transformada em uma das mais prósperas cidades da província cearense, com destaque para as fazendas e indústria de charque, carne seca ou carne do Ceará, onde “eram preparados anualmente 20 a 25 mil bois e pelo porto saíram de 25 a 30 mil couros salgados” (LIMA, 1941, p. 54).

Economicamente, o cotidiano aracatiense girava em torno das fazendas e indústrias da carne seca que “com o movimento de embarcações no porto e a chegada de habitantes dos sertões para trabalharem nas oficinas de salgar dinamizava a vila” (ROLIM, 2012, p. 2).

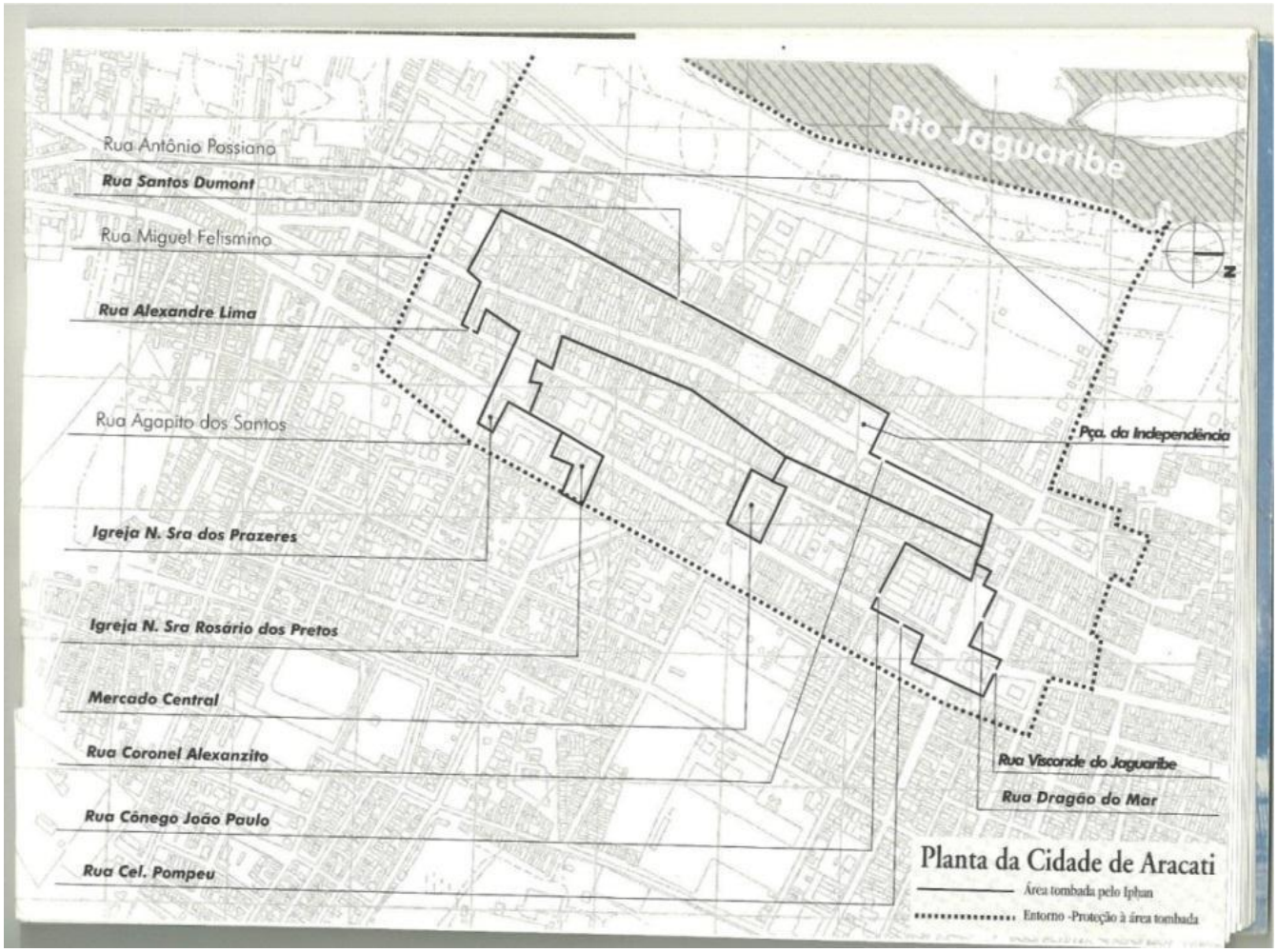
Para o historiador Raimundo Girão, “não se sabe ao certo quando as charqueadas no Ceará passaram a funcionar, o que se sabe que foi anterior a 1740 no Arraial de São José do Porto dos Barcos, elevado à categoria de vila com o nome de Santa Cruz do Aracati, hoje cidade de Aracati” (GIRÃO,1984, p. 94). Essa atividade produtiva que gerou a riqueza da vila, sofreu um revés com a seca de 1790-1792. As narrativas memorialísticas sobre esse período apontam que a longa estiagem desorganizou os rebanhos e “liquidou em definitivo o comércio de carnes, cujos mercados compradores passaram a ser abastecidos, algum tempo ainda, pelas

fábricas da Paraíba depois e até hoje, pelo charque do Rio Grande do Sul" (GIRÃO, 1984, p. 23).

Esse passado colonial de esplendor econômico e cultural é a narrativa a ser contada no Museu Jaguaribano. Além desse passado glorioso, a cidade de Aracati possui um conjunto arquitetônico e paisagístico tombado em 2001, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que expressa nos estilos de casario e igrejas a opulência do período colonial.

A área tombada pelo IPHAN, em Aracati, corresponde aproximadamente 154.838,66 m², seu entorno de 631.312,60 m² com 275 imóveis. O centro histórico é composto por edificações datadas dos séculos XVIII a XX, cuja área poligonal de tombamento compreende principalmente as atuais ruas Coronéis Alexanzito, Pompeu e Santos Dumont.

Figura 02: Planta Baixa da cidade de Aracati



Fonte: PAIVA, Olga Gomes de (Coord.). Aracati: patrimônio de todos para a preservação do patrimônio cultural. IPHAN. Ministério da Cultura: Fortaleza, 2000.

A importância cultural, política, econômica e histórica de Aracati para o estado do Ceará reside “tanto pela sua influência na economia e cultura coloniais como pelo estado de conservação de seu patrimônio histórico, que preserva em sua paisagem urbana a arquitetura deste período” (FARIAS, 2015, p. 54).

Além de possuir muitas referências históricas nas artes, política e movimentos sociais como o escritor naturalista Adolfo Caminha, o pianista clássico Jacques Klein, o abolicionista Chico de Matilde (Dragão do Mar) e Eduardo Angelim, um dos líderes cabanos, sendo que a cidade é conhecida internacionalmente por suas belezas naturais.

Figura 03: Centro Histórico

Fonte: https://www.facebook.com/EuCurtoAracati/photos

Com relação ao passado colonial aracatiense, especialmente aos escravizados negros, existem poucos registros no Museu Jaguaribano. A narrativa apresentada é que o número de escravizados na cidade era pequeno com relação a outras cidades e que trabalhavam em atividades domésticas.

Observa-se que a narrativa presente no Museu Jaguaribano com relação a escravização do africano é colocada em segundo plano e os objetos expostos estão embaixo de uma escada numa área de pouca visibilidade. No Museu Jaguaribano, a maior referência a presença africana está concentrada na imagem de Dragão do Mar, a exposição se encontra em dois espaços: na exposição dos escravizados e o painel dos filhos ilustres da terra.

Tal narrativa surge em oposição aos dados explanados por Diogo Cavalcante Araújo e onde os dados da tabela abaixo indicam que a população escravizada em Aracati correspondia a 22, 34 % da população total.

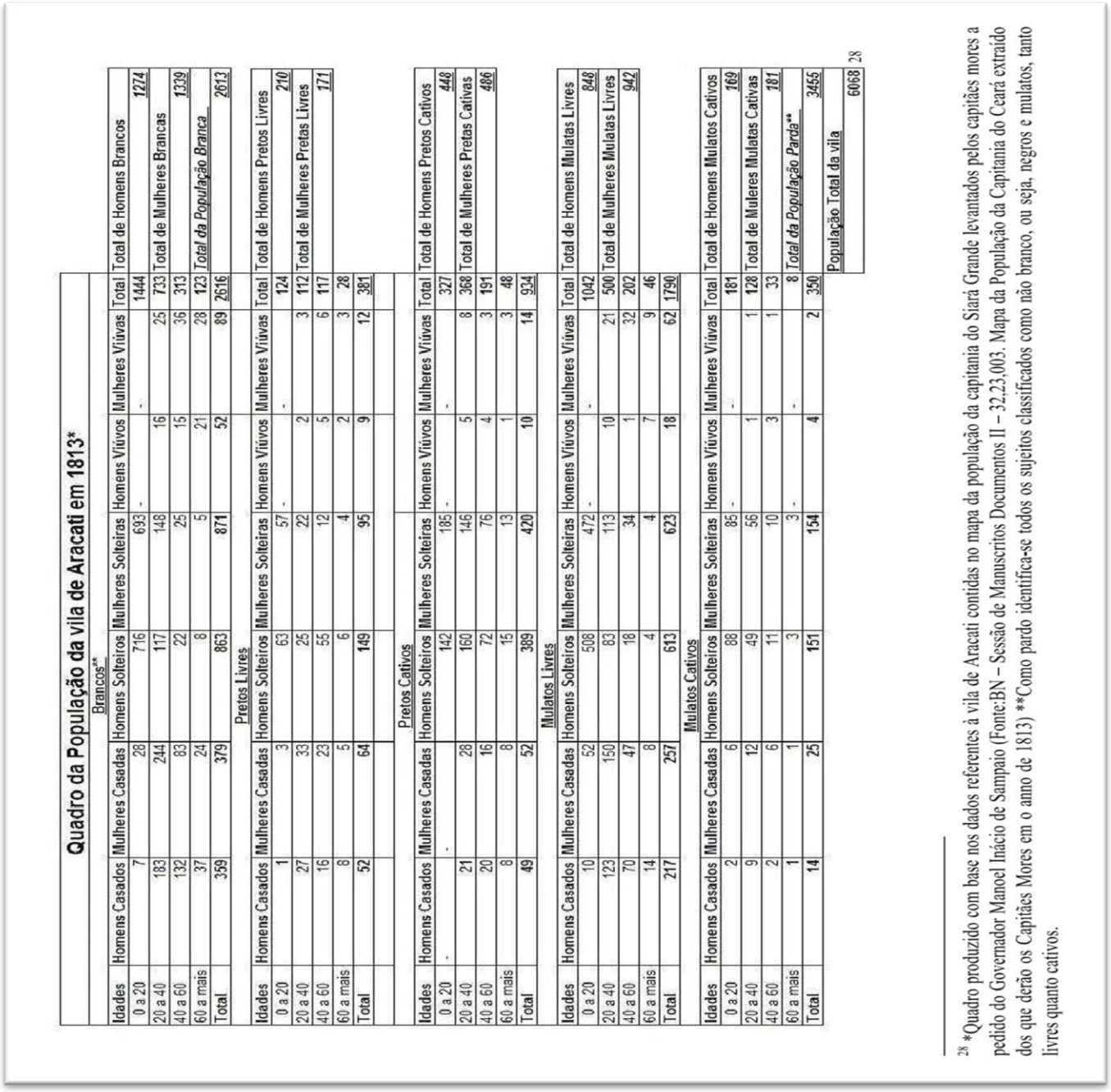
Tabela 01: População das Vilas do Ceará (1804)

Vilas	Brancos	Pretos e Pardos		Total da população
		Livres	Escravizados	
Aquiraz	2679	2145	702	5526
Aracati	2339	1490	1102	4931
São Bernardo	3753	2769	943	7465
Icó	3822	3522	1507	8851
Crato	6797	12793	1091	20681
S. João do Príncipe	5361	3231	1856	10448
Granja	1047	1656	799	3502
Sobral	2781	4193	2978	9952
Campo Maior	1757	2986	1270	6013

Fonte: Revista do Instituto do Ceará (RIC), Tomo XXIX [1925] p. 79[4]

[4] Esta tabela foi elaborada por Eurípedes A. Funes, a partir de dados da Revista do Instituto do Ceará (RIC), Tomo XXIX, p. 79. Ver FUNES, Eurípedes. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 104.

Tabela 02: População do Aracati.



Quadro da População da vila de Aracati em 1813*

Brancos**

Idades	Homens Casados	Mulheres Casadas	Homens Solteiros	Mulheres Solteiras	Homens Viúvos	Mulheres Viúvas	Total	Total de Homens Brancos
0 a 20	7	28	716	693	-	-	1444	1274
20 a 40	183	244	117	148	16	25	733	Total de Mulheres Brancas
40 a 60	132	83	22	25	15	36	313	1339
60 a mais	37	24	8	5	21	28	123	*Total da População Branca*
Total	359	379	863	871	52	89	2616	2613

Pretos Livres

Idades	Homens Casados	Mulheres Casadas	Homens Solteiros	Mulheres Solteiras	Homens Viúvos	Mulheres Viúvas	Total	Total de Homens Pretos Livres
0 a 20	1	3	63	57	-	-	124	210
20 a 40	27	33	25	22	2	3	112	Total de Mulheres Pretas Livres
40 a 60	16	23	55	12	5	6	117	171
60 a mais	8	5	6	4	2	3	28	
Total	52	64	149	95	9	12	381	

Pretos Cativos

Idades	Homens Casados	Mulheres Casadas	Homens Solteiros	Mulheres Solteiras	Homens Viúvos	Mulheres Viúvas	Total	Total de Homens Pretos Cativos
0 a 20	-	-	142	185	-	-	327	448
20 a 40	21	28	160	146	5	8	368	Total de Mulheres Pretas Cativas
40 a 60	20	16	72	76	4	3	191	486
60 a mais	8	8	15	13	1	3	48	
Total	49	52	389	420	10	14	934	

Mulatos Livres

Idades	Homens Casados	Mulheres Casadas	Homens Solteiros	Mulheres Solteiras	Homens Viúvos	Mulheres Viúvas	Total	Total de Homens Mulatas Livres
0 a 20	10	52	508	472	-	-	1042	848
20 a 40	123	150	83	113	10	21	500	Total de Mulheres Mulatas Livres
40 a 60	70	47	18	34	1	32	202	942
60 a mais	14	8	4	4	7	9	46	
Total	217	257	613	623	18	62	1790	

Mulatos Cativos

Idades	Homens Casados	Mulheres Casadas	Homens Solteiros	Mulheres Solteiras	Homens Viúvos	Mulheres Viúvas	Total	Total de Homens Mulatos Cativos
0 a 20	2	6	88	85	-	-	181	169
20 a 40	9	12	49	56	1	1	128	Total de Muleres Mulatas Cativas
40 a 60	2	6	11	10	3	1	33	181
60 a mais	1	1	3	3	-	-	8	*Total da População Parda***
Total	14	25	151	154	4	2	350	3455

População Total da vila 6068 [28]

[28] *Quadro produzido com base nos dados referentes à vila de Aracati contidas no mapa da população da capitania do Siará Grande levantados pelos capitães mores a pedido do Governador Manoel Inácio de Sampaio (Fonte:BN – Sessão de Manuscritos Documentos II – 32,23,003. Mapa da População da Capitania do Ceará extraído dos que derão os Capitães Mores em o anno de 1813) **Como pardo identifica-se todos os sujeitos classificados como não branco, ou seja, negros e mulatos, tanto livres quanto cativos.

Fonte: BN – Sessão de Manuscritos Documentos II – 32,23,003. Mapa da População da Capitania do Ceará extraído dos que deram os Capitães Mores no ano de 1813.

Analisando os dados das tabelas sobre a população de Aracati nos anos de 1804 e 1813 chamam atenção o crescimento populacional, com um aumento do número de cativos, esse fato merece destaque, como afirma Diogo Cavalcante Araújo (2021).

> Tendo isso em vista, é interessante, notarmos o dado da população cativa, que passa de 1102 a 1284, o que significa um aumento bastante expressivo, ainda mais quando levamos em consideração o momento econômico em que o Aracati se encontrava, pois em 1804 a charqueada já estava em declínio e, em 1813, esta conjuntura se consolida (ARAÚJO, 2021, p. 23).

Apesar dos estudos e pesquisas comprovarem a presença africana na vila de Aracati, essa realidade não é representada nas exposições permanentes do Museu Jaguaribano. Essa situação possibilita olhares mais acurados sobre o papel desse espaço de memória na fabricação de representações e usos do passado na cidade de Aracati.

2.1. O Instituto do Museu Jaguaribano

O Instituto do Museu Jaguaribano é o órgão responsável pela manutenção, coordenação e funcionamento do Museu Jaguaribano e do arquivo do Jaguaribe[5]. Sua criação está intimamente ligada à necessidade de preservar os bens culturais e históricos do município de Aracati, que vinha enfrentando o descaso por parte do poder público e a falta de consciência em relação à proteção do patrimônio histórico que estava sendo dilapidado e comercializado de forma ilegal[6].

Diante de tal situação, em 1968, o bispo da Diocese de Limoeiro do Norte, Dom José Freire Falcão, em visita ao Aracati, apoiou a ideia da criação de um museu na região e doou peças religiosas para a secção de arte sacra, oferecendo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário das Almas de Aracati para sede do Museu Jaguaribano e do arquivo do Jaguaribe (FARIAS, 2015. p.36).

Neste mesmo ano, o Major José Raimundo Gondim, diretor geral do Serviço Social da Indústria (SESI), ofereceu o prédio do Solar onde morou José Pereira da Graça, o "Barão de Aracati", para sediar o Instituto do Museu Jaguaribano.

O edifício, tombado pelo decreto Nº 16. 237 de 30 de novembro de 1983, foi construído no século XVIII. Seu estilo neoclássico apresenta uma fachada revestida em azulejos portugueses e uma divisão em quatro níveis: o primeiro era destinado ao comércio; o segundo e terceiro, de uso domiciliar e, o último, funcionava como sótão.

---

[5] O Arquivo do Jaguaribe é responsável pelos documentos, fotografias e jornais do Aracati e da região Jaguaribana. Esse arquivo está disponível para pesquisa, precisa agendamento.

[6] Alex Farias explica que o patrimônio histórico estava sendo dilapidado como o antigo sobrado dito das "Corujas", abandonado e impiedosamente demolido da década de 1940.

Para o memorialista Antero Pereira Filho, “o Solar teria em maior parte de sua existência pertencido ao Barão de Messejana[7], e depois em homenagem ao Dr. José Pereira da Graça Filho, o Solar do Barão de Aracati” (FILHO, 2008, p. 54). A escolha deste prédio para abrigar o Museu Jaguaribano é carregada de simbologia. O Barão de Aracati foi um poderoso político e magistrado do Império, chegando a ocupar o cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça. A seleção desse imponente edifício pode ser considerada como o ponto inicial da própria organização do que deveria ser exposto como memória histórica do Aracati, o que reforça a análise de que esse lugar de memória deve ser problematizado como “um local que valorizou a memória dos grandes artistas, líderes, políticos e militares” (FARIAS, 2015, p. 36).

A escolha de um prédio esplêndido para ser sede do Museu Jaguaribano não é algo restrito ao Aracati, em muitos lugares os museus estão localizados em edifícios que foram residências da elite local, essa escolha significa uma seleção da memória, que vai compor uma determinada narrativa.

A notícia da fundação do museu foi divulgada nos principais meios de comunicação do estado, ressaltando a importância da instalação de um museu no interior, bem como a importância da cidade de Aracati no cenário político, econômico e cultural do Ceará.

A partir dessas articulações, fica perceptível que a organização de um passado glorioso estava em consonância com os interesses do grupo fundador do Museu Jaguaribano em tornar o Aracati o centro das narrativas sobre o Vale do Jaguaribe e se credenciar como o guardião desse passado.

Nesse período as exposições eram feitas para homenagear os grandes vultos da história nacional, estadual e local, sendo a narrativa dos grandes personagens expostas por meio de fotografias, materiais de jornais e galeria dos filhos ilustres.

Essa forma expositiva, além de reforçar o caráter comemorativo e memorialístico do museu, indica seus usos práticos e pedagógicos na produção e circulação de narrativas memoráveis sobre homens e mulheres que devem ser lembrados. É nesse exercício seletivo de lembrar que reside a abertura à reflexão sobre o agir pedagógico do professor e alunos em problematizar o museu como espaço de aprendizagem a partir do que é exposto e das leituras sobre o exposto. É

[7] Antônio Cândido Antunes de Oliveira, barão e Visconde de Messejana foi um fazendeiro e militar brasileiro. Nascido em Aracati era oficial da Guarda Nacional.

nessa articulação que se pode pensar a relação entre os objetos e o mundo social, o museu e o ensino de história.

Figura 04: Instituto do Museu Jaguaribano

Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

Em 1972, após mudanças na direção do SESI, o novo superintendente, o Coronel Alexandrino Correia Lima, negou o acesso ao edifício onde funcionava o Museu Jaguaribano (IMJ) alegando a necessidade de retomada para residência dos funcionários do SESI.

Essa interrupção não significou o fechamento do Instituto do Museu Jaguaribano, uma vez que “a diretoria se reunia para tomar decisões nas dependências do Colégio Marista e da Igreja Matriz, onde mantinham assim a instituição viva e atuante, conforme as atas do período” (FARIAS, 2015, p. 37).

Mesmo diante dos problemas enfrentados com a estrutura física, os sócios do Instituto do Museu Jaguaribano, reunidos em Assembleia Geral no dia 13 de outubro de 1973, decidiram ampliar o “uso pedagógico do espaço museal para o ensino de história local” e se aproximaram das escolas municipais, universidades e espaços de pesquisa. (FARIAS, 2015, p. 40).

Essa estratégia pode ser vista como um meio do IMJ encontrar bases sociais em parcerias com instituições de ensino para manter o fluxo de visitações e angariar recursos para sua manutenção das exposições que tratavam do cotidiano da cidade durante o período colonial.

Essa busca pela sustentação financeira da instituição também reforça o discurso do uso dos museus na formação de uma memória oficial e na reafirmação de narrativas que enaltecem o passado de uns e promovem o esquecimento de outros, daí sua constituição como espaço de poder. É por isso que, ao ser intitulado como o museu do Vale do Jaguaribe e guardião do passado, essa instituição passou a ser uma espécie de catalizadora dos projetos da elite aracatiense em sua estratégia de se sobrepor politicamente na região ou, de escamotear um enfraquecimento pelo uso político do passado, agora, albergado nas salas do Solar do Barão de Aracati.

Independente dos objetivos traçados e das estratégias, o estatuto do Museu Jaguaribano determinava como a “finalidade precípua a preservação do patrimônio histórico e acervo cultural da zona Jaguaribana” (ESTATUTO, 1984, p. 06).

Apesar do seu Estatuto afirmar que o Instituto representaria todo o Vale do Jaguaribe, o que predomina é o passado colonial da cidade de Aracati e o espaço de preservação da memória de uma elite, sendo um ambiente de confirmação do poder de uma elite local, que seleciona a memória de acordo com sua visão e seus interesses.

2.2. Visitantes do Instituto do Museu Jaguaribano

O Museu Jaguaribano é um espaço de aprendizagem e entretenimento, onde a maioria do público visitante é proveniente das escolas (públicas e privadas) e de

centros de pesquisa e educação superior. Estudantes, pesquisadores, turistas e cidadãos aracatienses visitam este espaço museal que compõe uma das atrações turísticas do Aracati.

Como visitantes mais presentes, os estudantes da rede básica de educação, ao visitarem o museu, entram em contato com exposições que visam expressar o modo de vida da elite aracatiense no período colonial. Diante das exposições, os alunos podem ser induzidos a naturalizarem um tipo de narrativa que exalta os feitos e as glórias do Aracati colonial, podendo deixarem de problematizar os objetos que expressam formas de poder ou de resistência.

Diante do perigo dessa naturalização, se faz necessário a elaboração de um projeto de visita que contemple todas as singularidades do espaço museológico. Esse projeto didático poderá ser confeccionado pelo professor que organizará a visita ao museu e tomará alguns procedimentos para que a experiência no espaço museal seja uma experiência efetiva na relação que esses estudantes manterão com narrativas produzidas a partir da cultura material, como é o caso da presença africana na cidade de Aracati, especialmente no que tange ao trabalho compulsório.

A representação da escravidão e da presença africana em Aracati não possuem destaque no Museu Jaguaribano. Essa escolha, além de não ser neutra, impacta diretamente na identificação e percepção do outro (diferente) e acaba por influenciar na (in) validação de diferentes grupos, com culturas e identidades distintas. Tal processo, evidencia o quanto o museu se constitui como algo que pode ser utilizado como mecanismo de poder, especialmente quando possui a prerrogativa do que deve ser lembrado ou esquecido.

Essa falta de representatividade da presença negra no espaço museal contribui para que os afrodescendentes não desenvolvam o sentimento de pertencimento e, que os mesmos não se reconheçam dentro do espaço museal. Segundo o Ministério da Cultura, “os museus devem estar a serviço da comunidade e de seu desenvolvimento” (BRASIL, 2003, p. 8).

É necessário que a representação sobre a escravidão e presença africana no Museu Jaguaribano tenha um novo olhar diante das narrativas presentes nesse espaço, pois existe a necessidade de se ter uma educação antirracista em todos os espaços em que os saberes são produzidos como escolas e museus. Essas questões também se constituem como pautas do movimento negro que lutou e luta por ações afirmativas, sendo uma dessas conquistas a promulgação da Lei 10. 639/03, que torna

obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as unidades de educação.

A população negra deve ter acesso a sua história e deve se sentir representados nesses espaços educacionais como o caso do museu, não sendo representados de forma negativa, procurando se reconhecer como participante da história de Aracati e do Vale do Jaguaribe. Nesse sentido, ao propor ações afirmativas, os museus ajudam no “reconhecimento do patrimônio cultural afro-brasileiro e a construção de novos projetos museais e expositivos que respondam ao silêncio e à exclusão com que a memória e a história dos afrodescendentes têm frequentemente sido tratadas nos museus brasileiros” (MACHADO, 2013, p. 11).

No Museu Jaguaribano, as representações sobre a presença negra em Aracati não têm a mesma ênfase em comparação com a elite aracatiense representada nesse espaço. É preciso trazer para dentro do espaço museal uma apreciação sobre a questão racial, já que esse espaço é um ambiente de aprendizagem fundamental à desconstrução de uma sociedade racista, visto que as memórias, história e cultura da comunidade negra “constituem-se em um tema que interessa a toda sociedade brasileira, na medida em que contribuem na desconstrução de preconceitos e estereótipos étnico-raciais, no combate ao racismo e à discriminação étnico-racial” (MACHADO, 2013, p. 11).

O pouco registro sobre a presença africana e negra no Museu Jaguaribano se resume aos objetos de punição, indo em contradição aos novos estudos que comprovam a existência de escravos no município, principalmente, no período das oficinas de carne, bem como o registro de comunidades remanescentes de quilombos, além de uma igreja católica destinada apenas aos homens pretos.

Na pesquisa realizada por Diego Cavalcanti Araújo a partir dos inventários e dos registros de óbitos do Aracati, no século XVIII, ficou constatada a existência de escravos no período da produção das oficinas de carne. Nesses inventários, há indícios que os escravos que viveram em Aracati faziam parte do comércio interno de escravos da rota de Recife, como se observa nas tabelas elaboradas por Diego Araújo, tendo como a partir dos Inventários post-mortem. Caixa 01, Processos 01 - 6, 1762 - 1800, Aracati. APEC.

Tabela 03: Escravarias de Manoel Fonseca[1] e Carlos Lins Vasconcelos[2]

Nome	Idade	Origem	Valor	Observação
Luiz[1]	28	Africana - Cabo Verde	80$000 réis	Aleijada e Doente
Aleria[1]	35	Africana - Angola	45$000 réis	
Antônia[1]	18	Crioula	Ilegível	
Rita[1]	1.8	Crioula	22$500 réis	Filha de uma das escravizadas desse senhor.
Ilegível[1]	20	----------	Ilegível	
Francisco[2]	30	Africano - Costa	50$000 réis	
Joze[2]	50	Africano - Costa	30$000 réis	
Tereza[2]	Ilegível	Ilegível	80$000 réis	

Fonte: Inventários post-mortem de Manoel Fonseca e Carlos Lins Vasconcelos. Caixa 01, Processo 01, 1762 e processo 05, 1796. Aracati. APEC.

Os inventários apontam a existência de escravizados na vila de Aracati e os registros de batismo e casamento, analisados por Elisgardênia Chaves, indicam que:

> (...) duas categorias de classificação: escravos e forros. Os demais sem referência à condição suponho serem livres. Possivelmente no meio dessa suposta população de livres se encontram registros de forros ou libertos. Os matrimônios envolvendo escravos em Aracati – 113 homens e 112 mulheres - se iniciam concomitantemente aos assentamentos dos registros paroquiais das pessoas livres da vila, ou seja, na década de 1740. Acentua-se a partir da década de 1780, cresce em 1800 e decai nos decênios de 1790 e 1810. Os casamentos envolvendo forros ou libertos, embora em menor número – 14 forros e 14 forras - em linhas gerais obedecem a essa mesma lógica de distribuição temporal (CHAVES, 2016, p.119-120).

Tabela 04: Registros de Batismos no Aracati (1740-1800)

Ano	Condição e sexo							
	Homens				Mulheres			
	Livres	Escravizados	Forros	Total	Livres	Escravizadas	Forras	Total
1740	26	8	-	34	25	12	-	37
1750	79	16	-	95	65	13	7	79
1760	199	26	-	225	188	20	2	210
1770	235	23	-	258	202	22	1	225
1780	690	36	2	728	648	34	7	689
1790	860	92	2	954	872	74	2	948
1800	993	126	4	1123	942	129	4	1075
Total	3082	327	8	3417	2942	304	17	3263
Total de registros								**6680**

Fonte: CHAVES, Elisgardênia de Oliveira - Assentos de batizados da freguesia de Aracati (1740-1800), livros 01 ao 14 (ADLN)

A existência de escravizados no município de Aracati no período colonial é fato desconhecido por muitos aracatienses e precisa ser discutida e analisada em espaços educativos como o Museu Jaguaribano.

Aracati, como as demais cidades coloniais, possui forte presença religiosa, sobretudo da Igreja Católica. Com três igrejas relacionadas à questão da cor: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário dos Brancos (construção iniciada em 1714); Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Homens Pardos (fundada em 17 de fevereiro de 1854) e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construída em 1755 para contemplar parte das demandas da Irmandade dos Homens Pretos, especialmente, àquelas relacionadas aos festejos que fortaleciam os "laços de resistência e apoio mútuo em momentos de necessidades" (ARAÚJO, 2021, p. 115).

Esses templos religiosos evidenciam que a estratificação da sociedade aracatiense no período colonial esteve amplamente ancorada pelas marcas da cor. Tais distinções indicam que as peculiaridades da vida cotidiana e seus usos simbólicos passaram, ao longo do processo histórico, por redefinições nas formas de experienciar o espaço a ponto da Igreja do Rosário de Nossa Senhora dos Pretos ser conhecida apenas como a "Igreja do Rosário". Essa tentativa de esquecimento social é meio sutil de escamotear as formas de organização e resistência dos negros na sociedade aracatiense e incide diretamente nos processos de circulação das vivências dos homens e mulheres negras no mundo colonial.

Profundamente marcada por regulações em sua atuação e funcionamento, a confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Aracati, segundo Eduardo Campos, era composta por "todas as pessoas pretas, que forem católicas romanas, e apresentarem boa conduta moral" (CAMPOS, 1980, p. 54).

Nota-se que o perfil para participar da confraria e de seus negócios, está amplamente relacionado aos princípios morais e a vinculação à Igreja Católica, algo que soa como um disciplinamento da própria constituição institucional de acesso a esses bens simbólicos.

Figura 05: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Fonte: http://cearanordeste.blogspot.com/2011/07/igreja-do-rosario-dos-pretos.html

Os indícios das experiências dos homens e mulheres negras em Aracati, presentes em espaços como igrejas e arquivos, não são tão visíveis no Museu Jaguaribano. Tal situação dificulta o trabalho de identificação e reconhecimento das trajetórias de lutas e resistências, bem como o processo de construção do conhecimento histórico sobre o período.

Aliada a essa situação, a cidade possui comunidades quilombolas reconhecidas, como a comunidade do Córrego de Ubaranas[8] e outras que lutam por reconhecimento, como é o caso da comunidade do Sítio Cumbe[9]. Essas comunidades possuem poucos meios de circulação de sua memória e não mantém contato com as narrativas do Museu Jaguaribano, bem como não encontram, na educação escolar do município de Aracati, apoio pedagógico e estrutura para uma educação que atendam às demandas das comunidades.

[8] A comunidade do Córrego de Ubaranas está localizada na zona rural do município de Aracati com uma distância de 17,6 km da sede do município.
[9] A comunidade do sítio Cumbe está localizada no litoral do Aracati com uma distância de 10,2 km da sede do município.

A educação quilombola na Educação Básica é respaldada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e requer pedagogia própria, respeito à especificidade étnico-racial e cultural de cada comunidade, bem como formação específica de seu quadro docente, materiais didáticos e paradidáticos específicos que devem observar os princípios constitucionais, que orientam a Educação Básica Brasileira.

Uma dessas comunidades quilombolas é o Sítio Cumbe, que abriga 105 famílias em luta constante com o poder público e empresários locais que não a reconhece como comunidade quilombola. Essa negativa ao reconhecimento da comunidade do Sítio Cumbe passa pelos interesses das atividades de carcinicultura e produção de energia eólica que, respectivamente, despejam produtos químicos nos aquíferos e alteram a rota de migração dos pássaros e a dinâmica de movimentação das dunas litorâneas.

Essas alterações provocam a destruição de ecossistemas marinhos e fluviais e prejudicam o patrimônio histórico ao dificultar a catalogação do material arqueológico de pelo menos 70 sítios arqueológicos, cujo estudos indicam a presença humana no local entre 7 a 12 mil anos.

Na comunidade do Sítio Cumbe, existem registros datados de 1760 que são relacionados à existência de engenhos. Infelizmente, os livros de história sobre o Aracati e o Ceará não fazem referências às pessoas que trabalhavam nos engenhos e sítios que cultivavam cana de açúcar para produção da cachaça. Não existem referências aos escravizados que trabalhavam nesses locais. Essa ausência também está presente na narrativa sobre os escravizados no Museu Jaguaribano, o que pode ser explicado como um processo de seleção do que deve ou não ser lembrado.

Figura 06: Engenho na Comunidade do Cumbe

Fonte: Quilombo do Cumbe: comunidade no Ceará luta para ser | Especiais (brasildefato.com.br).

Outra comunidade remanescente de quilombos é o Córrego de Ubaranas composta por 61 famílias e cerca de 320 pessoas, a comunidade já foi certificada pela Fundação Palmares.

A existência de documentação sobre a vida dos escravizados no Aracati colonial e imperial evidencia o quanto o processo de esquecimento dessas pessoas se constitui como estratégia de produção de uma memória gloriosa para a cidade e seus potentados. Nos jornais que circulavam na cidade na segunda metade do século XIX eram comuns anúncios de compra e venda de escravizados. Em 19 de novembro de 1864, no jornal *O Aracaty*, circulou um desses anúncios indicando que o escravocrata Vicente Gurgel do Amaral estava vendendo uma moça, cujas qualificações eram aptas aos serviços domésticos de engomar e cozinhar. Neste mesmo anúncio, o escravocrata afirmava que a moça possuía um problema em um dos olhos, o que indica a situação cruel, mercadológica e funcionalista da condição de escravizado.

Outra notícia sobre a situação dos escravizados, em sua vida cotidiana circulou no dia 28 de dezembro de 1861 no jornal *O Ordeiro*. Tratava-se da prisão de um escravizado do Sr. Silvestre que foi acusado de ser inimigo de um soldado. Os jornais

da época traziam como notícias sobre o comércio de escravizados e demais ações que eram vistas como perigosas, como o caso dos atritos com os “proprietários” e entes da guarda. Esses jornais são fontes de pesquisa que evidenciam, em certa medida, os olhares sobre os lugares ocupados pelos escravizados – desordeiros e traiçoeiros perigosos. Tal imagem busca a consolidação de narrativas que explicitam os olhares da maioria dos homens livres sobre o escravizado e a escravidão, especialmente quando os objetos que retratam o período são expostos (ou não) em espaços de memória como os museus.

2.3. Que memória sobre os negros escravizados são narradas no Museu Jaguaribano?

Compreender de que maneira a memória sobre os escravos africanos vem sendo representada no Museu Jaguaribano nos leva ao questionamento de que forma a narrativa museal retrata a presença africana em Aracati e no Vale do Jaguaribe e como essa representação dos africanos é reflexo de uma narrativa elitista que deseja selecionar qual memória pode ser lembrada e repassada.

Primeiramente compreende-se que os objetos que são selecionados para serem expostos fazem parte da narrativa museal e não são escolhidos ao acaso, adquirindo uma nova significação. Dessa forma, os objetos que retratam a presença africana se limitam aos utilizados durante a escravidão e apresentam as formas de punição ao escravizado.[10]

Na exposição permanente sobre os ciclos econômicos do município, retratados pelos engenhos e oficinas de carne, não existem na narrativa museal a indicação do trabalho escravo nessas atividades, nem registro de informações sobre as comunidades remanescentes de quilombos. Esse processo de esquecimento, por um lado, inibe a circulação de narrativas e dificulta uma percepção mais acurada dos alunos em visitas escolares ao museu, mas, por outro, quando bem fundamentado por discussões em sala de aula, permite uma problematização do espaço museal como um lugar de poder, marcado por interesses múltiplos. Tal condição, ajuda na identificação das narrativas presentes nas exposições e na forma como podem ser analisadas pelos alunos após à visitação.

[10] Os objetos que retratam a escravidão no município de Aracati foram doados pelo Doutor Salústio de Pinto Pessoa em 1970.

As memórias negras não estão mais escondidas, estão emergindo e para isso os movimentos sociais têm desempenhado um papel fundamental ao buscar ações afirmativas por meios de políticas educacionais de enfrentamento à discriminação racial, possibilitando o acesso à educação e ao reconhecimento cultural com destaque para a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Lei de Nº 10. 639/2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica, possibilitando ao espaço museal e escolar que os mesmos repensem a memória negra.

O Museu Jaguaribano não é somente um local onde os objetos estão sendo expostos, mas um espaço de representação do passado por meio de suas narrativas. A problematização nesse espaço está relacionada aos interesses que motivaram sua organização. Dessa forma, "é importante destacar que as instituições museais não apenas dizem coisas sobre o passado, mas também naturalizam formas de ver o mundo, legitimando, hierarquizando e ordenando culturas e identidades (ZUBARAN e MACHADO, 2014, p. 7).

As exposições presentes nos museus não são neutras e a pouca visibilidade da presença africana na narrativa museal também não é neutra, pois resulta da seleção de objetos e da escolha de uma memória local que representa interesses em não expor a escravidão na cidade. Essa indagação revela o quanto o museu é um espaço político, marcado por:

> (...) disputas de representação, começando pelas representações atribuídas aos objetos pelos técnicos que trabalham nesses espaços culturais, pelos participantes ou não das comunidades onde se encontram inseridos, pelos patrocinadores das exposições e ainda pelos diversos públicos que visitam essas instituições. (ZUBARAN e MACHADO, 2014, p. 7).

Figura 07: Objetos que retratam a escravidão no Museu Jaguaribano

Fonte: Catálogo do Museu Jaguaribano (1995)

Os objetos que fazem parte da exposição permanente sobre os africanos escravizados foram doados ao Museu Jaguaribano pelo médico Salústio de Pinto Pessoa, em 1970, e representam formas de dominação e controle sobre os escravizados. Tais objetos, ganham outros sentidos aos serem expostos no espaço museal e evidenciam, dependendo da forma como são expressos em exposições a visão que se busca passar sobre a experiência histórica de homens e mulheres em situação de escravizados.

Nesse sentido, a história por meio de objetos em espaço museal, torna possível entender que "os museus tanto podem atuar tanto hierarquizando culturas, identidades, quanto contribuindo para colocar em circulação representações alternativas sobre diferentes grupos sociais, étnico-raciais e culturais, sobre suas memórias e histórias" (ZUBARAN e MACHADO, 2014, p. 7).

2.4. A história por meio dos objetos

No museu, a história por meio dos objetos é marcada por uma transformação que incide na relação temporal entre o uso social do objeto e o seu sentido em exposição. Esse processo mostra como no museu "os objetos se transformam, todos, em documentos, isto é, objetos que assumem como papel principal o de fornecer informações, ainda que, para isso, tenham que perder a serventia para a qual foram concebidos ou que definiu sua trajetória" (MENESES,1992, p.4).

Os objetos que formam o acervo do Museu Jaguaribano foram doados por profissionais liberais e instituições como a Igreja Católica que através do bispo

diocesano Dom José Freire Falcão disponibilizou imagens de santos, oratórios e objetos religiosos do Monsenhor Bruno[11].

Ao visitar o Museu Jaguaribano, percebe-se que as exposições começam no primeiro andar (térreo) com os “Ciclos econômicos do Aracati”. O Ciclo da carnaúba, planta típica da região que hoje se encontra ameaçada por causa do desmatamento das atividades agrícolas e da carcinicultura no município, representa toda sua potencialidade econômica. O uso da cera, tronco e fruto servem, respectivamente, para alimentar a indústria, construção civil, alimentação de bovinos e artesanato.

Figura 08: Ciclo da Carnaúba

CICLO DA CARNAÚBA
Carnaubeira - chamava-se "árvore da vida" pelas suas inúmeras aplicações.
A terra aracatiense possui grandes e exuberantes carnaubais e estão situados:
Ilha do Leôncio
Curral de Cima
Francês
Mutamba
Alburquerque
São José
Boaguá.
Poços
Utilização:
Cera: indústria farmacêutica, cosmética, alimentícia, elétrica...
Raiz: depurativa, usada nas moléstias venéreas...
Tronco: construções, cobertura de casas...
Palmito: farinha, gomo, aguardente e uma matéria sacarina.
Fruto: alimento para o gado, doces...
Palha: cera, sal, confecção de artesanato.
Caule que sustenta a palma: varias aplicações.

Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

A exposição do ciclo da cana de açúcar, retrata a importância desse produto na economia local, tendo destaque a produção de aguardente, rapadura e açúcar mascavo, expostos através de objetos como engenhocas, garrafões e alambiques.

O Ciclo do algodão está relacionado à produção fabril no século XX com destaque para as instalações, proprietários e operários da indústria têxtil Santa Tereza.

O Ciclo do Couro aparece em objetos como carro de boi, roupa de couro (roupa do vaqueiro) e berrante. Esses objetos estão relacionados ao período áureo da cidade onde a mesma se destacou pela produção de carne do Ceará.

[11] Nasceu no dia 6 de outubro de 1852, ordenou-se sacerdote em 1875, foi professor de Filosofia e faleceu em Aracati em 1930.

Nessa sala está exposto um plero, máquina de impressão tipográfica, usada para imprimir o jornal *Clarim da Liberdade*. Esse folhetim se destacou por uma linguagem bastante violenta, sendo que seu primeiro exemplar foi publicado em 10 de dezembro de 1831.

Ainda no térreo, na segunda sala, estão expostos objetos como a mesa da Academia Cearense de Letras, doada ao museu, e a biblioteca do Desembargador Cláudio Idelbuque. Nessa mesma sala estão os instrumentos musicais da antiga banda municipal da cidade doados pela família Zaranza.

Figura 09: Ciclo do Couro

Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

Na área externa do museu estão expostos, embaixo de uma escada, peças sobre a escravidão, uma imagem de Iemanjá representando as crenças de origem africana e uma imagem Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar). Esses objetos estão em espaço com pouca visibilidade, sem destaque na exposição museal, o que mostra o lugar que as narrativas sobre a escravidão ocupam na imagem sobre o passado glorioso da cidade.

Figura 10: Exposição sobre a escravidão no Museu Jaguaribano

Fonte: Arquivo Pessoal

No corredor existe uma placa em homenagem aos aviadores alemães Werner Junkers e Hermann Muller, que pilotavam o hidroavião que acabou explodindo nos céus da cidade de Aracati em dia 25 de junho de 1923. Nesse mesmo espaço foi organizada a galeria com os “Filhos Ilustres do Aracati’’, como imagens do Monsenhor Bruno da Silva Figueira, Dragão do Mar, José Pereira da Graça[12] (Barão de Aracati), Jacques Klein,[13] e Benedito Augusto Carvalho[14].

No segundo andar do Museu Jaguaribano estão expostos um conjunto de cadeiras, cuspideiras, assentos, tapetes, almofadas, uma cadeira austríaca do século XIX, um piano e quadros de membros das famílias dos doadores.

[12] Primeiro e único Barão do Aracati (Aracati, 14 de março de 1812- Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1889), foi um magistrado e político brasileiro.
[13] Nasceu em Aracati em 10 de junho de 1930, faleceu em 24 de outubro de 1982, no Rio de Janeiro. Pianista brasileiro reconhecido internacionalmente sendo considerado um dos mais expressivos pianistas brasileiros do século XX.
[14] Nasceu em Aracati, 3 de janeiro de 1886 e faleceu no Rio de Janeiro em 22 de janeiro de 1959). Conhecido como Beni Carvalho foi um advogado, militar e político brasileiro.

Após essa sala existe um corredor com imagens do patrimônio local, um aparelho de telefonia e um conjunto de cadeiras. Ao lado, à sala ambientada com objetos de um escritório, um busto do Barão do Rio Branco, uma máquina de datilografia, um cofre, espada e bainha, retratos da família Gurgel Pinto, imagens do Dr. Eduardo Alves Dias.[15]

Na sala de visitação existe uma mobília com prataria de refeições, um rádio de 1928 e um aparelho de TV do ano 1963. No segundo andar, estão expostos diversos objetos em homenagem ao Dr. Hélio Idelburque Carneiro Leal como: guarda-roupas; berço e cômoda penteadeira. Nesse espaço, são expostos utensílios médicos - material hospitalar ginecológico e odontológico. No fim do corredor há uma cozinha com utensílios para preparo e cozimento.

Para ter acesso ao terceiro piso, o visitante precisa utilizar uma escada helicoidal. Nesse andar, além de uma “sala de licor”, estão os objetos de arte sacra com diferentes oratórios, deixando claro a predominância de uma narrativa religiosa católica. Não existe outras referências as demais crenças religiosas, tendo somente uma imagem de Iemanjá próxima aos objetos que remontam aos escravizados. No terceiro piso, predominantemente marcado por uma narrativa sobre a Igreja Católica, destacam-se os objetos sacerdotais do Padre Azarias Sobreira e o Monsenhor Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo.

O prédio vizinho ao Instituto do Museu Jaguaribano funciona como um anexo da instituição. Nesse local, estão expostos objetos que remetem à cultura indígena, uma sala de aula em homenagem ao professor Régis Bernardo[16], a coleção de discos de vinis pertencentes a Ernesto Gurgel Valente[17], livros doados por Aberlado Costa Lima[18] e José Armando da Costa[19].

[15] Foi médico obstetra que trabalhou na cidade de Aracati.
[16] Professor aracatiense com serviços prestados a educação do município.
[17] Aracatiense, foi deputado federal.
[18] Foi prefeito da cidade de Aracati.
[19] Nasceu em Aracati, autor de 30 livros e mais de 70 ensaios.

Figura 11: Sala de Visitação

Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

Figura 12: Sala de Jantar

Fonte: Instituto do Museu Jaguaribano

Em seu conjunto, os objetos estão organizados para viabilizar a veiculação da memória de uma elite que se destacou no cenário econômico, político e religioso da região. Por esse aspecto, o Museu Jaguaribano é uma instituição distante da maioria

da população e, quando sentida por esta, a considera como “uma instituição do passado, de um tempo que já passou, usado apenas para se recordar e orgulhar” (FARIAS, 2015, p. 79 - 80).

Nesse sentido a relação entre museu e escola é imprescindível para construir possibilidades de aprendizagem na educação sobre a escola local na rede básica de educação para qual se faz necessário o planejamento e a execução de atividades que potencializem problematizações a partir das narrativas sobre a escravidão no Museu Jaguaribano no espaço escolar, no sentido de mediar aprendizagens no que tange o Ensino das Relações Étnico-Raciais.

3. A E. E. M BENI CARVALHO E O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A E. E. M. Beni Carvalho integra a rede estadual de educação do estado do Ceará, sendo uma das maiores escolas em número de alunos matriculados da região, possuindo mais de 2.361 alunos (matrícula de 2022). Esses alunos são provenientes da zona urbana e rural, incluindo-se alunos de comunidades quilombolas.

Numa escola marcada pela diversidade é necessário discutir as relações étnico-raciais no espaço escolar, tendo como ponto inicial as narrativas presentes sobre os negros escravizados em Aracati no Museu Jaguaribano.

O capítulo analisa a relação da escola com o Museu Jaguaribano, considerando as visitas realizadas a esse espaço, as percepções dos alunos e professores, a narrativa presente no Museu Jaguaribano sobre a escravidão e a presença africana em nosso município, analisando como essa explanação pode contribuir para o ensino e debate de temas relacionados as relações étnico-raciais no espaço escolar.

3.1. A Escola Beni Carvalho

A E. E. M. Beni Carvalho, situada à Rua Beni Carvalho, 1679, Bairro Nossa Senhora de Lourdes, Aracati-CE, foi fundada aos 25 dias do mês de outubro de 1967. Localizada em área de vulnerabilidade social e contando com 2.361 alunos, organizados em 59 turmas; um grupo gestor composto pelo professor Daniel Pinto (Diretor), Elayne Braúna (Secretária escolar), Davi Falcão (Técnico-financeiro) e pelos coordenadores das áreas do conhecimento: Renildo Franco (Linguagens e Códigos), Keyle Sâmara Ferreira (Ciências Humanas), Everton Freitas (Matemática) e Kilvia Costa (Ciências da Natureza); 81 professores entre efetivos, temporários e readaptados nos espaços da Biblioteca e Laboratório de Informática, sendo Doutores, Mestres e Especialistas ou em processo de qualificação; duas técnicas administrativas; duas merendeiras e quatro funcionários terceirizados para a limpeza e manutenção, cujo número é insuficiente para a realidade da instituição.

Os discentes são provenientes da zona rural, incluindo-se as comunidades quilombolas de Córrego de Ubaranas e Sítio Cumbe quanto da zona urbana do

município de Aracati. A Escola Estadual Beni Carvalho também recebe alunos de cidades vizinhas, como Fortim e Mossoró, uma vez que a escola possui um anexo com 9 turmas na comunidade de Cacimba Funda, cuja localização está na divisa com o estado do Rio Grande do Norte.

O ano escolar de 2022 é de desafio para a escola Beni Carvalho, visto que a mesma está organizada em três modalidades de ensino. As 16 turmas da 1ª série do Novo Ensino Médio possuem oferta de disciplinas eletivas nas áreas do conhecimento, ministradas de forma híbrida (presencial e remota). As turmas da 2ª e 3ª séries continuam no formato antigo do Ensino Médio, enquanto as do período noturno estão organizadas no Ensino Médio Noturno com Qualificação Profissional. Nestas turmas noturnas, são ofertadas disciplinas do currículo regular e disciplinas técnicas, como “Preparação para o Trabalho” e “Prática Social”, com carga horária de 80h. As disciplinas Técnicas Administrativas e Vendas e Empreendedorismo são ofertadas, respectivamente, com 80h e 120h de carga horária. A escola também oferta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno noturno, com disciplinas de qualificação profissional.

Essa estrutura organizacional e curricular é avaliada através do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceara (SPAECE) – que nos últimos anos, vem se destacando nas avaliações externas, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. É nesse contexto que a E.E.M. Beni Carvalho vem crescendo nesse modelo de avaliações das atividades desenvolvidas em torno do processo de ensino e aprendizagem.

O Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE que vem sendo implementado desde 1992 pelo Governo do Estado do Ceará. Nesse processo, são avaliadas as turmas das 3ª series do Ensino Médio por meio das competências e habilidades dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática.

A aplicação do SPAECE permite aos professores analisarem o nível de proficiência dos educandos, porém essa avaliação se restringe a Língua Portuguesa e Matemática. A área de Ciências Humanas não é contemplada nessa avaliação externa e a preparação da escola para tal avaliação se concentra nas áreas avaliadas, todavia as demais áreas trabalham o SPAECE em suas aulas a fim de ajudar aos alunos nesse processo avaliativo.

A escola Beni Carvalho vem diminuindo o índice de reprovação e evasão no turno noturno através de um trabalho de acompanhamento da infrequência dos

alunos, procurando construir um processo de ensino e aprendizagem que envolva toda a comunidade escolar, a partir da proposição de jogos intercalasses, feiras culturais e de ciências e projetos como “África está em nós”, realizado pela área de Ciências Humanas. A estratégia do projeto é associar e articular as narrativas sobre a escravidão à história local e debater o preconceito racial e a necessidade de uma educação antirracista na escola.

Esse projeto versa sobre a presença africana na sociedade aracatiense, procurando debater o preconceito racial e a necessidade de uma educação antirracista. Assim, busca-se uma associação com a história local e a articulação com instituições como o Museu Jaguaribano.

Durante o ano letivo, foi realizado o projeto “África está em nós” de responsabilidade da área de Ciências Humanas, a temática sobre a presença africana em nossa sociedade é discutida, procurando debater o preconceito racial e a necessidade de ter uma educação antirracista.[20]

Assim, estudar a temática sobre a escravidão em Aracati por meio das narrativas presentes no Museu Jaguaribano, permite trabalhar com a concepção de que o museu é um espaço de aprendizagem, de fomento as discussões sobre as relações étnico-raciais e de análise do patrimônio cultural.

3.2. Educação Patrimonial: um assunto a ser discutido

Para compreender o museu como espaço de aprendizagem na escola, é preciso ampliar as reflexões sobre a importância da educação patrimonial. Entendida como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, a educação patrimonial expressa experiências, evidências e manifestações diante da cultura” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO,1999, p. 4).

A preservação do patrimônio é dever de todos, um trabalho conjunto entre os órgãos públicos e a sociedade, para que a educação patrimonial alcance seus objetivos, sendo necessário que a sociedade compreenda o patrimônio cultural como bens produzidos pela sociedade, elementos de identidade e de pertencimento do indivíduo com seu grupo e comunidade.

[20] Ressalta-se que durante a pandemia esse projeto não foi realizado.

Desenvolver dentro do ambiente escolar uma educação voltada para o conhecimento e preservação patrimonial colabora para o desenvolvimento da cidadania, noção de coletividade, pertencimento, identidade e memória, valorizando a diversidade cultural.

A educação patrimonial possibilita que os alunos compreendam e identifiquem que os bens de cultura material e imaterial constituem o patrimônio cultural brasileiro, como está estabelecido na constituição de 1988 no seu artigo 216.

> Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos que se incluem:
> I. As formas de expressão;
> II. Os modos de criar, fazer e viver;
> III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
> V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

Diante da importância da educação patrimonial, cabe ao professor ser o mediador dessas reflexões preparatórias ao exercício de visitação ao espaço museal. O aluno deve estar ciente que o museu não é neutro, que é um espaço marcado por relações de poder e interesses, sendo que as narrativas aí produzidas aparecem da articulação entre presente-passado-futuro, o que ajuda a entendê-lo, em sua atuação, “como mediadores culturais e instrumentos para aferir a qualidade da educação patrimonial” (MARCHETTE, 2016, p. 51).

A educação patrimonial não deve ficar restrita ao ambiente formal, devem ser organizadas ações educativas que envolvam a educação não-formal, ajudando aos educandos no entendimento da importância de conhecer e preservar o patrimônio existente na comunidade no qual está inserido. Baseado nesse trabalho preparatório, aluno precisa saber que a cidade de Aracati possui um conjunto arquitetônico e paisagístico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2001, que precisa ser protegido e preservado através de ações pautadas na identificação e respeito a diversidade artístico-cultural. Nesse sentido,

> O patrimônio histórico arquitetônico evoca memórias do passado que não deve ser esquecido, que permeia a memória e a identidade da população. Sejam quais forem os motivos que causaram a decadência econômica, ficou um legado da época, com a obrigação de a geração contemporânea preservar a herança cultural para gerações vindouras (REIS, 2019, p. 70).

Também é preciso saber que esse patrimônio reflete, em certa medida, temporalidades que evidenciam narrativas sobre a sociedade escravocrata. É nesse exercício de compreensão da importância da educação patrimonial que o aluno desenvolverá saberes sobre o patrimônio material bem como constituirá valores relacionados as narrativas que esse patrimônio expressa, como é o caso do conjunto arquitetônico aracatiense dos séculos XVIIII e XIX diante da escravidão.

É essa articulação que possibilitará o trabalho de mediação pedagógica do professor de história diante da problemática para uma educação para as relações étnico-raciais, onde os alunos refletiram sobre os meios e as formas de expressão dessas memórias, especialmente no Museu Jaguaribano.

Figura 13: Imagem antiga da rua Coronel Alexanzito

Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-j2bGousv4kY/T9xz-Oed4xI/AAAAAAAAAZ4/iJn52-hv2AE/s1600/21.JPG

Diante dessa perspectiva, a escola deve trabalhar uma educação patrimonial dentro do ambiente escolar, contribuindo na construção de um indivíduo que tenha

condições de fazer uma leitura do mundo que o rodeia, compreendendo o universo sociocultural no qual ele está inserido.

O Museu é um espaço de preservação de uma memória que foi selecionada, devendo ser analisado de forma crítica as narrativas presentes nesse ambiente, investigando os relatos sobre a escravidão em nosso município e como são produzidos e repassados dentro do ambiente museal, partindo dessa premissa pode-se trabalhar uma educação com foco nas relações étnico-raciais dentro da escola tendo como temática geradora a escravidão africana explanada no Museu Jaguaribano.

3.3. Educar para as relações étnico-raciais

Trabalhar uma educação com foco nas relações étnico-raciais no ambiente escolar traz a necessidade de refletir essas questões dentro do ambiente formal. Percebe-se que a não integração dos negros na sociedade brasileira é consequência da colonização escravocrata implantada pela metrópole portuguesa e mantida após a escravidão. Essa situação perdurou porque a classe dominante, a Igreja e o Estado não implementaram ações efetivas para inserção social dos negros libertos.

Com o fim da escravidão, o país passou por uma construção de uma nova identidade nacional: o governo intensificou a vinda de imigrantes como forma de branquear a população brasileira. Para Abdias do Nascimento (1978), “o branqueamento da raça negra é uma estratégia de genocídio a partir do momento em que existe uma tentativa de desaparecimento do descendente africano, tanto no aspecto físico como no aspecto cultural” (NASCIMENTO, 1978, p. 24).

Por muito tempo se defendeu a ideia de que no Brasil predominava uma democracia racial. Esse “mito” foi difundido por leituras de intelectuais como o pernambucano Gilberto Freyre que, em Casa Grande & Senzala, defendeu ser as relações entre negros e brancos de forma harmônica, sendo menos separatista em comparação à sociedade norte-americana. Esse modelo de democracia racial, forjado a partir do conceito de mestiçagem se tornou um argumento voltado a preservação dos interesses social e moral da classe dominante.

Diferentemente dessa leitura, a população negra sofre com o preconceito, a violência e o descaso governamental, resultam em um abismo social cada vez maior entre brancos e negros. A não discussão no ambiente escolar dessas questões só

reforça os argumentos que permearam o processo histórico de negação e a construção de uma cidadania dos negros no país. São por essas razões que uma educação para as relações étnico-raciais deve ser pautada em um esforço constante no ambiente escolar, pois:

> Fugir das realidades étnicas é um recurso totalmente inútil. Pois enquanto os brasileiros tentam enganar-se a si mesmo com a “invenção da democracia racial”, os povos de outros países manifestam um conhecimento perfeito de fatos e ocorrências supostamente não-existente na sociedade brasileira, segundo a teoria oficial em vigor (NASCIMENTO, 1978, p. 80).

O preconceito racial possui relação direta com a desigualdade social, já que ambas estão entrelaçadas e a população de origem afrodescendente se encontra na base social, sofrendo todo o tipo de abuso, tendo seus direitos de cidadão constantemente violentados.

Existe uma relação entre o preconceito racial vigente na sociedade e a situação social dos negros, pois existe um abismo entre eles. Segundo o sociólogo Florestan Fernandes (1972), “essa discriminação que afeta as pessoas de cor escura no Brasil é consequência de uma mistura de preconceito racial e de classe” (FERNANDES, 1972, p. 42).

Os negros sofrem um duplo preconceito: o da classe social, ou seja, sua posição dentro da sociedade e um preconceito de cor, existindo um racismo institucionalizado, onde a organização e a estrutura do Estado funcionam como mecanismo que garantem a exclusão de grupos raciais, como os indígenas e afrodescendentes.

Uma Educação para as Relações Étnico-Raciais possibilita uma discussão sobre o preconceito racial existente no país. Com relação ao preconceito racial para Florestan Fernandes (1972), “os brasileiros têm a tendência de considerá-lo como algo ultrajante (para quem sofre) e degradante (para quem pratica). Os brasileiros admitem a existência do preconceito racial no nosso país, mas não se aceitam como pessoas preconceituosas”.

Essa não identificação como “povo” preconceituoso é parte da estrutura em que foi se instalando o racismo no Brasil bem como de suas formas de circulação e a apropriação. À relação entre a existência e aceitação, são peculiaridades que abrem espaço a negação, daí reside o perigo do racismo estrutural e todos os problemas sociais e morais que provocam.

Tal condição, torna difícil o trabalho de desconstruir um preconceito que as pessoas negam em assumir. O preconceito racial é constatado na escola cotidianamente de várias formas, como as piadas em relação às características físicas.

A própria cultura africana foi perseguida desde a sua entrada no Brasil colonial e as crenças de matriz africana ainda sofrem preconceito por parte da sociedade brasileira como relata Nascimento (1978, p. 25), “ao descrever a luta pela sobrevivência do candomblé, que teve que procurar refúgio em lugares ocultos, de difícil acesso, a fim de suavizar sua longa história de sofrimento nas mãos da polícia”.

Para desconstruir o racismo, foi criado em 2003, pelo governo federal a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), com a finalidade de promover a igualdade e proteção de grupos raciais e étnicos marcados pela discriminação e pela intolerância com destaque para os afrodescendentes.

O enfrentamento ao preconceito é uma tarefa árdua e o movimento negro sempre lutou pela implementação de ações afirmativas e em consequência dessa luta foi elaborada a Lei Nº 12. 288/2010 que estabelece o Estatuto da Igualdade Racial com finalidade de garantir à população negra, a igualdade de oportunidades, a preservação dos direitos étnicos individuais e coletivos, a toda forma de discriminação.

Em seu artigo 1º, esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

As lutas do movimento negro por mudanças educacionais, culminaram na promulgação da Lei 10. 639/2003, que tornou o ensino de História e Cultura Afro-brasileira obrigatório na rede pública e privada do país, bem como a implementação da Lei Nº 12. 711 de 2013 que estabelece o sistema de cotas raciais como forma de ingresso no nível superior.

Diante de todos esses marcos legais, trabalhar no ambiente escolar uma Educação para as Relações Étnico-Raciais é crucial, pois o sistema educacional do Brasil é injusto, não promove a igualdade e a integração de grupos étnico-raciais, como os afrodescendentes, sendo reproduzidas, a desigualdade e o preconceito racial. Em certo sentido, o ambiente escolar coopera para essa situação a partir do momento que esse tema não é abordado pela escola e pelos profissionais da educação em geral. Ao trabalhar essa questão, busca-se colaborar para superar

sérios problemas enfrentados pelos alunos que se identificam como negro, como a baixa estima, o não reconhecimento do valor do africano para formação cultural e política do nosso país, resultando em muitos casos na elevação de índices de evasão escolar.

O parecer que institui as “Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico–raciais para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” foi aprovado em março de 2004 pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), sendo homologado em junho do referido ano pelo Ministério da Educação (MEC). Essa resolução CNE/CP 3/2004 visa atender a Lei Nº 10. 639/2003 que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na rede de ensino pública e privada.

O parecer do CNE (Conselho Nacional de Educação) procura oferecer resposta na área de educação à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, ou seja, de políticas de reparações e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. A demanda por reparações visa que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais. O Conselho Nacional de Educação, em março de 2004, esclarece em seu Artigo. 4° que,

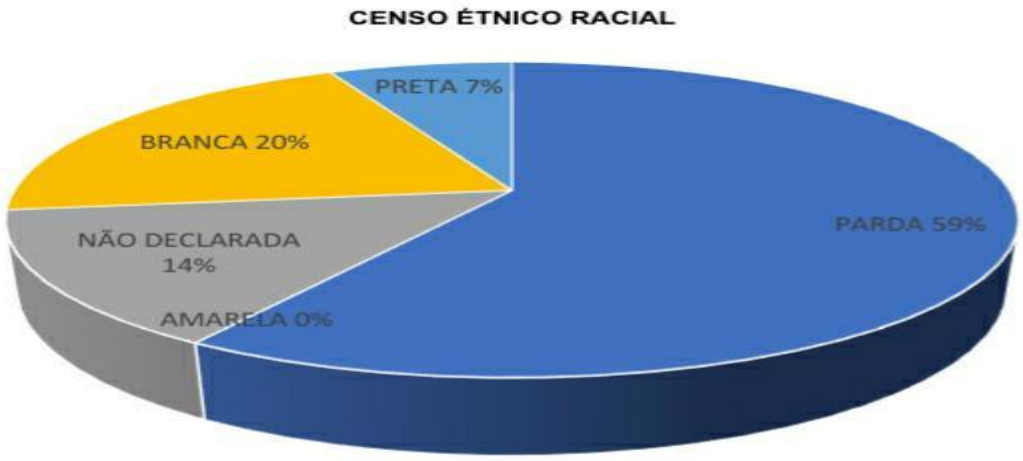
> Os conteúdos, competências, atitudes e valores a serem aprendidos com a Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, bem como de História e Cultura Africana, serão estabelecidos pelos estabelecimentos de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações, diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 003/2004 (BRASIL, 2005, p.20).

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de se trabalhar uma Educação para as Relações Étnico-Raciais na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho, especialmente, durante o projeto da área de Ciências Humanas que trabalhou com os alunos do turno noturno (da extensão da escola), essa temática por meio de entrevistas e pesquisas com alunos e docentes para tentar analisar a realidade da comunidade escolar sobre esse assunto.

O primeiro passo para compreender as relações étnico-raciais dentro da escola foi analisar o formulário preenchido pelos alunos no ato da matrícula, que solicitava sua identificação racial nas seguintes opções: não declarada, branca, preta, indígena, parda ou amarela.

Participaram do projeto 207 alunos e alunas da extensão da Escola Beni Carvalho na comunidade de Mata Fresca, onde obteve-se as seguintes informações:

Gráfico 03: Questionário Étnico-Racial



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao analisar o gráfico 01, constatou-se que na opção sobre a questão racial nenhum aluno se declarou amarelo ou indígena e 14% não sabiam como se declarar ou não quiseram determinar a qual grupo étnico-racial pertencia.

Outro dado do formulário, que chamou a atenção foi o percentual de alunos que se declararam negros, apenas 7% dos discentes da extensão. Esse dado é preocupante a partir do momento em que os afrodescendentes não se reconhecem como sendo de origem africana, porque ao se declararem pardos (59%) demonstram não ter conhecimento a qual grupo étnico-racial fazem parte.

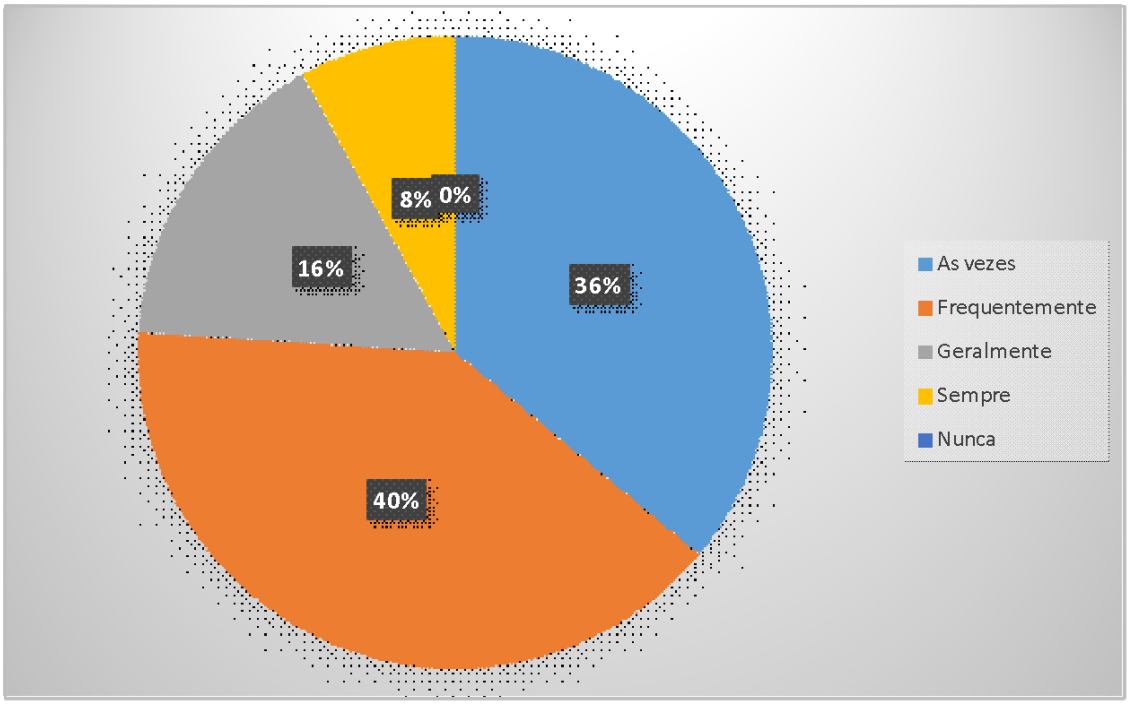
O não reconhecimento dos alunos como negros podem estar relacionados com a baixa estima, condições sociais de inferioridade, desvalorização de características físicas e intelectuais e o não conhecimento da importância dos afrodescendentes na formação desse país.

Historicamente, o Brasil adotou uma política do branqueamento que influenciou o processo de não reconhecimento dos negros, onde os mulatos não consideram suas origens africanas. Além dessa política, outro fator que influenciou para esse não reconhecimento foi a falta de valorização e conhecimento de seu valor histórico e cultural, dentro do ambiente escolar, pois:

> [...] o que somos é determinado também pela realidade exterior, por aquilo ou aqueles que nos cercam. Quando adultos sabemos dimensionar nossos valores e patrimônios tendo ideia de nossa contribuição. Quando crianças, a realidade exterior nos é muito importante. É de fora que transportamos essa realidade para dentro de nós. A "autenticidade" de nossa personalidade é controlada pelo externo (CAVALLEIRO, 2001, p.173).

Quando questionados sobre se a vida das pessoas é influenciada pela cor da pele, os alunos responderam que a cor da pele pode sim influenciar a vida de uma pessoa.

Gráfico 04: A vida das pessoas é influenciada pela cor da pele?



Fonte: Arquivo Pessoal

Nos dados obtidos, 40% afirmaram que a cor da pele pode definir a vida de um indivíduo, ou seja, ela vai ter menos oportunidade de ascensão social e cultural. Dessa forma, ela já está socialmente propícia, em sua vida cotidiana, a experienciar algum tipo de preconceito. Os dados mostram que os alunos têm consciência da desigualdade social entre brancos e negros e que as oportunidades socioeconômicas para as pessoas negras são mais limitadas.

O próximo questionamento objetivou coletar informações sobre a existência de preconceito racial dentro da escola. Dos alunos que responderam ao questionário, 80 % afirmaram que já presenciaram atitudes preconceituosas por parte dos colegas dentro da escola.

Vale salientar que o Brasil é um país marcado pelo preconceito e pela desigualdade racial e isso reflete no ambiente escolar com piadas depreciativas sobre o cabelo e as feições do rosto que inferiorizam os negros.

Quando questionados sobre atitudes preconceituosas por parte de professores, 4 % afirmaram que já haviam presenciado algum tipo de situação preconceituosa.

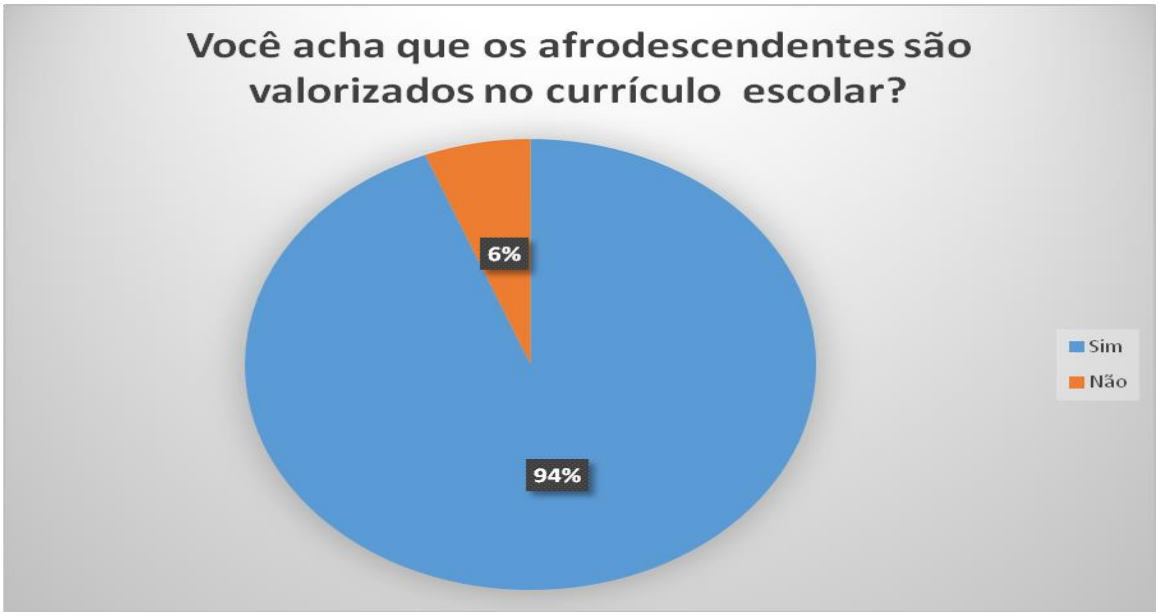
Quanto ao respeito as crenças de matriz africana, os dados coletados apresentam a existência do preconceito, sendo que 10% dos alunos afirmaram que essas crenças não devem ter o mesmo respeito das demais. Tal situação demostra que as crenças de matriz africana ainda carregam o preconceito pela falta de informação, sendo historicamente perseguidas. Esse preconceito com as crenças africanas vem desde o período escravocrata, segundo Nascimento (1978), um dos grandes nomes do movimento negro.

> Como é que uma religião oficial, locupletada no poder, misturar-se num mesmo plano de igualdade, com a religião do escravo negro que se achava não só marginalizada e perseguida, mas até destituída da sua qualidade fundamental de religião? Somente na base flagrantemente religiões africanas como catolicismo (NASCIMENTO,1978, p.109).

Com relação ao currículo escolar, ao analisar o último gráfico, vê-se que os próprios alunos reconhecem que o currículo retrata os negros de forma negativa, contribuindo para a formação de um sentimento depreciativo, influenciando na baixa estima e na evasão escolar, visto que os negros são retratados como força de trabalho e como sujeitos passivos no processo histórico.

Dessa forma, os alunos que participaram da aplicação do questionário, na sua maioria afirmaram que os alunos de origem africana não se reconhecem dentro da escola, colaborando para essa realidade a escolha dos conteúdos e a forma como são explanados em sala de aula.

Gráfico 05: Valorização dos afrodescendentes no currículo



Fonte: Arquivo Pessoal

Durante o projeto “A África está em Nós”, em 2015, dois professores da área de Ciências Humanas foram entrevistados sobre as práticas pedagógicas deles frente às relações raciais.

Foram entrevistadas naquele momento uma professora efetiva da rede estadual de ensino, com seis anos de magistério e uma professora de contrato temporário, com três anos de experiência. Quando perguntado se os currículos escolares utilizados na escola apresentam propostas para um trabalho pedagógico voltado a valorização do afrodescendente, a professora Naíla Maria[21] afirmou que “Embora tenha alguns conteúdos que pincelem sobre o assunto, eles não são tratados como valor maior”. Reafirmando esse posicionamento, a professora Karine Vieira afirmou que “Não há uma discussão voltada para que possa realmente trabalhar esse tema dentro de algumas disciplinas da área de humanas, mas nada que tenha sido efetivo”.

No que se refere as práticas consideradas racistas no cotidiano do espaço escolar, Naíla Maria relatou “Por vezes os alunos não se tratam como iguais, usando de apelidos ou até mesmo se distanciando de alguns alunos especificamente”. Corroborando com essa narrativa Karine “É perceptível que ainda existam alunos, bem como, professores, que discriminam o outro pela cor de sua pele. Não digo que

[21] Naíla Maria, professora efetiva, da rede estadual de ensino.

isso ocorra no próprio ambiente escolar, mas sempre tem aquele que olha diferente, que tem uma espécie de recusa em uma possível aproximação, enfim, situações corriqueiras que no dia a dia acabam passando despercebidamente, mas que acontecem" (VIEIRA, 2016).

No decorrer da entrevista, se questionou o papel do docente diante do racismo dentro da escola, obtendo as seguintes respostas: Segundo a professora Naíla Maria "Poucos são os que se envolvem, na grande maioria fazem de conta que não veem ou simplesmente ignoram". Já para professora Karine Vieira, "Na verdade, nem se comenta sobre isso, essa é uma discussão que possivelmente, você ouve mais entre os próprios alunos".

Observa-se na entrevista que os educadores da Escola de Ensino Médio Beni Carvalho, independentemente de serem efetivos, temporários e pelo tempo de magistério, fazem uma análise crítica de como a Educação para as Relações Étnico-Raciais não vem sendo implementada na escola em questão, não havendo uma diretriz que oriente os trabalhos dos docentes.

Pelos dados coletados, durante o projeto, viu-se a presença do racismo dentro do ambiente escolar, compreendendo que a escola é o reflexo da sociedade, sendo verificada, durante a pesquisa, a existência de atitudes racistas dentro da instituição que serviu como campo de pesquisa.

É muito complicado para os professores, gestores e alunos reconhecerem a presença do preconceito na vivência diária, pois os brasileiros, aprendem desde cedo a narrativa de que no Brasil se caracteriza pela igualdade racial, essa ideia embutida contribuiu para que o preconceito fosse velado.

> O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (GOMES, 2005, p. 46).

Apesar da afirmação de que o país se caracteriza pela democracia racial, os dados contradizem essa afirmação, à medida que homens e mulheres de cor negra enfrentam cotidianamente a desigualdade no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade.

Durante a pesquisa, os alunos identificados como afrodescendentes, afirmaram que não se sentiam reconhecidos dentro do ambiente escolar, os próprios banners utilizados na escola não representam o aluno cearense, muito menos os negros.

> A ausência de negros/as ou a exposição como inferiores em livros didáticos, cartazes, vídeos e em outros recursos utilizados, reforça a estigmatização da população negra e dos/as estudantes negros. Por outro lado, há um reforço na construção do imaginário acerca da superioridade branca (RIBEIRO, SOUZA, 2008, p. 95).

A escola deve discutir as diferenças raciais e debater o preconceito existente. Quando a escola não cumpre esse papel, continuando a retratar a população negra de forma passiva, colabora para uma imagem equivocada de homens e mulheres que sempre lutaram contra a condição de escravizados.

> Dá-se a impressão que o africano nunca lutou pela própria liberdade, e frequentemente reforça-se esse estereótipo com a alegação de que o negro veio aqui para suprir a necessidade de mão de obra provocada pelo amor à liberdade e consequente inadaptabilidade do índio ao regime escravista (NASCIMENTO, 1978, p. 119).

Figura 14: Banner da Escola Beni Carvalho sem nenhuma representação dos alunos afrodescendentes. 2015

Fonte: Arquivo Pessoal (2015)

Figura 15: Projeto "África está em Nós"

Fonte: Arquivo Pessoal (2015)

A escola precisa assumir sua função educacional ao discutir as Relações Étnico-Raciais, uma vez que é um lugar de construção de conhecimento, identidade e valores. Precisa planejar estratégias didáticas antirracista, procurando trabalhar essa temática no nosso cotidiano, não em momentos pontuais como acontece na maioria das escolas quando se aproxima o dia 20 de novembro ou em outras datas festivas.

Para que a escola possa atuar na desconstrução do preconceito racial é necessária a existência de políticas públicas que promovam a igualdade racial, salientando que a escola pode ser um espaço de transformação ou de perpetuação dessa realidade.

O professor em sua formação profissional, muitas vezes não teve orientações necessárias para lidar com as diferenças raciais presentes em sala de aula, refletindo, em certas situações, de forma inconsciente numa educação eurocêntrica. Dessa forma, Munanga (2005) diz que,

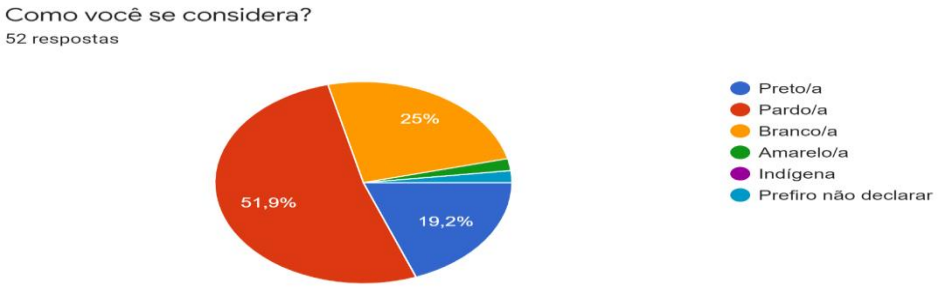
> [...] alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz a nossa cultura e a nossa identidade nacional (MUNANGA, 2005, p.15).

Para muitos professores, as discussões sobre as relações raciais devem ser externas ao ambiente escolar, esquecendo que a escola e a sala de aula são ambientes propícios para a desconstrução dessa visão preconceituosa com relação aos negros.

A escola precisa mudar o seu discurso, que muitas vezes é discriminatório, criam-se estereótipos que inferiorizam o alunado negro, que é visto como carente por pertencer, em sua maioria, às classes menos privilegiadas. Vê-se que o racismo está presente nas falas, nas atitudes, nas brincadeiras de forma consciente e inconsciente.

Dando continuidade aos questionamentos do projeto “A África está em nós’’ aplicou-se um questionário no ano de 2022 com as turmas das 3ª séries do turno da manhã. O formulário foi respondido por 52 alunos de forma espontânea, sendo aplicados em seis turmas para avaliar os dados recentes e compará-los com os dados do ano de 2015, especialmente, no que tange à necessidade de ter uma educação para as relações étnico-raciais dentro da escola.

Gráfico 06: Como você se considera?

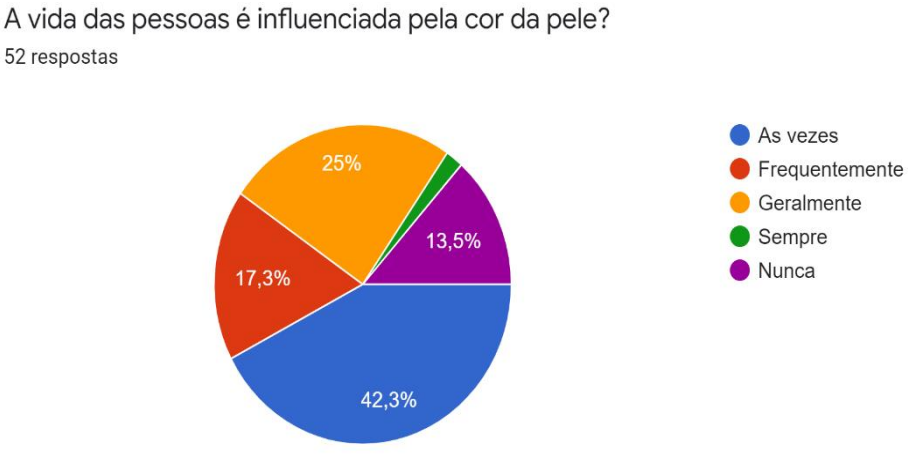


Fonte: Arquivo Pessoal

No ano de 2015, apenas 7% se identificavam como negros. No ano de 2022, no universo de 52 alunos entrevistados, 19,2% se consideram negros, um decréscimo no número real de alunos que se identificam como negros, enquanto 51% dos entrevistados se reconhecem como pardos.

Ao serem questionados se a cor da pele pode influenciar a vida de uma pessoa, obteve-se resultados muito parecidos, comparando com os dados do ano de 2015. Em 2022, os alunos, acreditam que a cor da pele pode influenciar na vida de uma pessoa e nas oportunidades que ela possa ter ou perder.

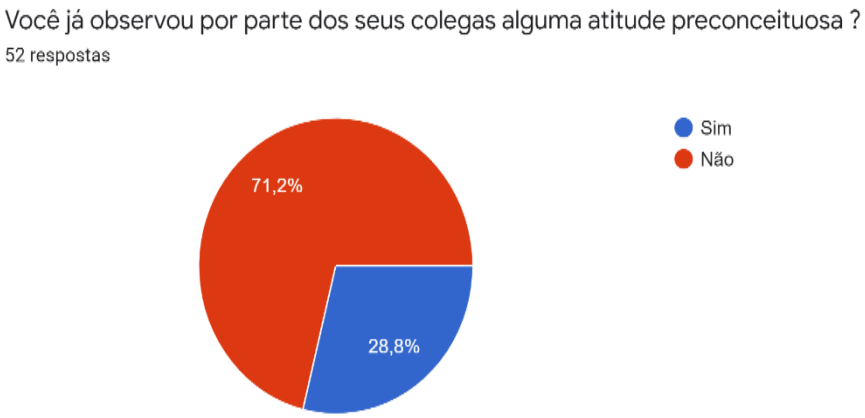
Gráfico 07: A vida das pessoas é influenciada pela cor da pele



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao serem questionados se já presenciaram alguma atitude preconceituosa por parte dos colegas no ambiente escolar, 71, 2 % dos alunos afirmaram que nunca observaram nenhuma atitude preconceituosa. Na pesquisa do projeto, em 2015, o resultado foi de 80 % para afirmação positiva. Analisa-se, pelos resultados dos dados, que existe uma dificuldade em detectar no cotidiano atos preconceituosos, pois essas atitudes estão enraizadas.

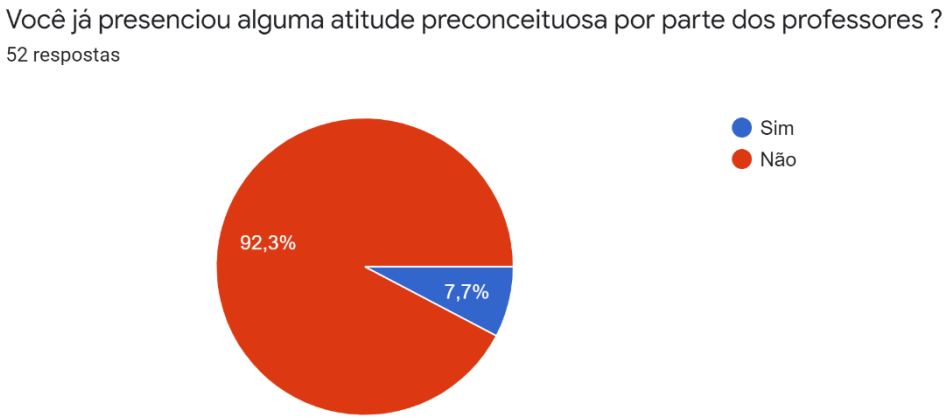
Gráfico 08: Preconceitos por parte dos colegas



Fonte: Arquivo Pessoal

Quando perguntou aos alunos se já notaram atitudes preconceituosas por parte dos professores, os resultados mostram que 92, 3 % dos discentes dentro da escola não identificam atitudes preconceituosas por parte dos docentes como se observa no gráfico abaixo.

Gráfico 09: Atitudes preconceituosas por parte dos professores



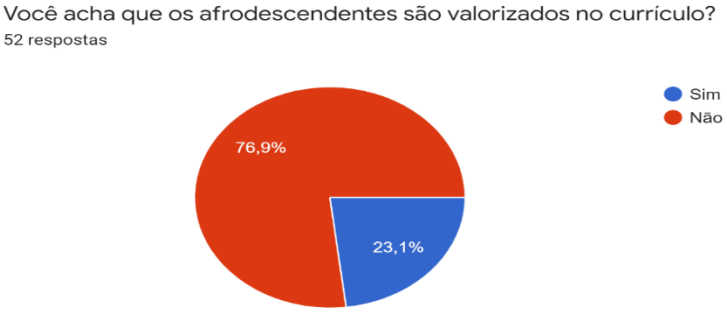
Fonte: Arquivo Pessoal

Esse gráfico demonstra que as políticas implementadas diante da prática pedagógica dos professores estão dando resultados positivos, o que, à primeira vista ficou demonstrado positivamente nas percepções dos alunos.

Com relação ao currículo escolar, compreende-se que, existe uma necessidade de uma reformulação e no que concerne à organização ainda é eurocêntrica, apesar da lei que torna o ensino de história e cultura afro-brasileira obrigatório, os alunos identificam que o currículo continua sem representar os afrodescendentes.

Eles não se identificam sobre as temáticas a serem trabalhadas dentro da escola, os dados da pesquisa de 2015 vêm ao encontro do resultado dos questionamentos respondidos pelos alunos em 2022, quando 76, 9% dos alunos afirmaram que os negros não são valorizados no currículo escolar.

Gráfico 10: Afrodescendentes são valorizados no currículo



Fonte: Arquivo Pessoal

Os dados obtidos no formulário que foi aplicado no ano de 2022 confirmam a importância de se construir uma educação antirracista dentro do espaço escolar, uma vez que é na escola que essa discussão deve ser feita e os professores não podem se abster nesse processo.

4. A ESCOLA VAI AO MUSEU

Compreendendo a importância para o ensino de história, a relação entre escola e museu é necessária para uma maior aproximação entre tais espaços. O Museu Jaguaribano não é uma instituição pública, todavia presta um serviço público por ser um espaço de pesquisa, entretenimento e de complementação à educação formal. Sua principal fonte de custeio vem das visitações, situação agravada durante a pandemia. O espaço ainda não é informatizado, porém possui uma página on-line desatualizada e não possui material didático de apoio aos docentes e discentes que o visitam.

Diante dessa situação, verifica-se uma hierarquização nas formas de expor os objetos que retratam o passado da cidade e do Vale do Jaguaribe. A exposição de objetos sobre os negros escravizados não possui o mesmo espaço de destaque dos filhos ilustres da terra, sendo que o relato sobre a escravidão na cidade se resume aos instrumentos de tortura e aprisionamento, como correntes e gargantilhas. Além dessa pouca visibilidade, o que predominam, são os relatos de que os escravizados em Aracati eram poucos e atuavam em atividades domésticas.

Partindo da compreensão de que o museu é um espaço de aprendizagem para o ensino de história, nesse capítulo, analisa-se essa relação por meio da visitação dos alunos da escola Beni Carvalho ao Museu Jaguaribano, verificando as percepções dos alunos sobre a visitação a esse espaço, bem como a produção do produto pedagógico elaborado para auxiliar os professores e alunos durante a visitação.

4.1 Da Escola ao Museu, do Museu à Escola

A visita ao Museu Jaguaribano foi realizada com os educandos do turno matutino da E. E. M. Beni Carvalho, no dia 10 de março de 2022. Antes da visitação, algumas atividades como o Guia de Visitação foram realizadas em sala de aula. Os alunos tiveram acesso ao histórico do museu, a imagens das exposições dos objetos e debateram sobre o conceito, localização e preservação do patrimônio histórico na cidade de Aracati.

A atividade foi realizada no intuito de testagem do produto e fundamentou-se no argumento de que a parceria entre escola e museu possibilitam inúmeras vertentes

de aprendizagem no ensino de história, sendo espaços de aprendizagem diferentes e complementares podendo “despertar no sujeito a afetividade instigando a emoção, o romantismo, a ação, a interação e a reflexão” (REIS, 2005, p. 42).

Como espaço de múltiplas possibilidades interativas, o museu tem o potencial de propiciar reflexões sobre os processos históricos a partir das análises das exposições e da correlação que o professor deve fazer em sua mediação com a historiografia e narrativas presentes no próprio livro didático do aluno. Todo esse processo de reflexão e mediação deve ser permeado pelas atividades de planejamento e execução realizadas antes e depois da visitação, por isso que o exercício de ir ao museu não pode e nem deve ser simplesmente uma atividade lúdica para completar a carga horária de uma disciplina escolar.

Sua função na identificação e reconhecimento do processo histórico deve ser mediado por ações que ajudem ao aluno a refletir sobre o seu lugar e o dos outros no mundo social.

As visitas escolares, gratuitas para os alunos da rede municipal de Aracati[22], custam o valor de R$ 3.00 e devem ser marcadas com antecedência. Nestas condições, foi realizada no dia 10 de março de 2022 a visita da 3ª série E. A turma foi dividida em dois grupos e orientada pelo guia a fim de evitar que os alunos se dispersassem, procurando manter neles a atenção durante a explicação, observando as legendas dos objetos, não os tocando e não tirando fotos no 3º andar, onde estão expostos os objetos de arte sacra.

[22] Essa gratuidade foi acordada em uma parceria realizada entre o Instituto do Museu Jaguaribano e a Prefeitura Municipal do Aracati.

Figura 16: Exposição dos ciclos econômicos

Fonte: Arquivo Pessoal

Nos relatórios enviados pelos alunos após a visita, pode-se refletir sobre a importância do museu para o ensino de História Local. O estudante Joel Nogueira destacou que “o museu da cidade permite uma discussão sobre as práticas culturais”, enquanto Maria Eduarda Oliveira da Silva apontou sobre “a preservação da casa e dos móveis” e questionou sobre “a demora para começar a visitação e a falta de funcionários para guiar”. Para a aluna Ana Marcela Viana, o que mais chamou atenção foram “as peças do engenho de cana de açúcar, as escadas que só os escravos tinham acesso e o quartinho onde as mulheres davam à luz”.

Durante as análises dos relatórios, foi observado que os discentes concebem o museu como espaço de informação, preservação da cultura e memória da cidade. A aluna Shayna Emanuelle Silva afirmou que “o Museu Jaguaribano traz uma vasta informação sobre o Aracati, tanto visual quanto oral. Além da explicação bem detalhada, vimos pelos objetos o quanto nossa cidade é rica de informações e cultura”.

A exposição dos ciclos econômicos no Museu Jaguaribano foi um dos pontos que mais chamou a atenção dos alunos durante a exposição. Organizada no térreo

do museu, a sala temática apresenta os principais ciclos econômicos do município - gado, sal, algodão e carnaúba. Sobre essa sala temática, o aluno Gustavo Lima reforçou que “o museu tem um papel importante ao falar sobre os ciclos econômicos da cidade, como era a vida do sertanejo, o que mais chamou atenção foi a economia do couro, onde se aproveitou praticamente tudo, desde ao uso da carne até ao couro”.

A aluna Lívia Monteiro teceu comentários sobre o Solar do Barão de Aracati e o chamou de “a notável edificação da cidade, composta por quatro pavimentos, incluindo um sótão, a fachada é coberta de azulejos de origem portuguesa, tem janelas e parapeitos de ferros”, enquanto André Levy Ferreira se surpreendeu com a conservação do prédio, móveis e a forma “como as casas eram feitas antigamente, pois tem uma grande diferença com a nossa”.

É essa percepção de temporalidades e especialidades que promove novos olhares e indagações sobre o processo histórico e suas formas de representação no presente e faz do museu um espaço educativo, onde saberes circulam, complementam o ensino formal a partir de particularidades e significados que os objetos passam a ter em seu interior.

Por esses motivos, a parceria entre museu e escola deve ser a estratégia para ampliar o potencial educativo da história local, mesmo que, como bem percebeu o aluno Izaias Negreiro, seja um espaço que “seleciona os objetos para homenagear e exaltar a história da cidade, de um determinado passado”.

No que se refere ao papel da escola, o aluno Eric Sena Almeida apontou em seu relatório ser “uma pena que nas escolas não tenha uma única matéria de nossa cidade”. Nesse mesmo sentido, Pedro Henrique Bezerra argumentou que “o museu tem um papel importante, pois ele nos ajuda a entender como era a cidade, as casas, as decorações e como as pessoas normalmente viviam”.

A leitura feita pelos alunos de que o museu possui historicidade e aponta para temporalidades é notória e evidencia que,

> A memória circunscrita aos patrimônios são (in)constantes, (in)domáveis, (in)voluntárias, transpassam o tempo e o espaço, e as narrativas que podem ser construídas tendo por base os recursos (i) materiais suscitam vivências, lembranças, esquecimentos, sentidos e significados - são traços, vestígios, fontes para a História (LIMA, 2020, p. 128).

4.2. As narrativas da escravidão negra no Museu Jaguaribano: percepções dos alunos

As aulas que antecederam a visitação ao Museu Jaguaribano foram necessárias para que os alunos estivessem preparados para a visitação. Com o acesso ao guia, os alunos da 3ª Série E, tinham informações sobre as exposições permanentes, a escravidão africana e sobre a necessidade de se ter uma educação antirracista dentro da escola Beni Carvalho abriram a possibilidade para um olhar mais analítico dos objetos expostos.

Assim, o primeiro passo para organizar uma visitação ao museu é construir um diagnóstico sobre os olhares que os alunos possuem sobre esse espaço e associar, bem como debater a relevância do patrimônio material e imaterial para a aprendizagem histórica. Depois, é necessário associar essas leituras ao conhecimento sobre as temáticas expostas no museu e direcionar as mediações feitas na sala de aula com questões formuladas após a visitação. Desse cruzamento, sairão as reflexões sobre os meios de formação para uma atitude na vida social diante das questões étnico-raciais.

Os alunos responderam o “Formulário Diagnóstico-Visitação ao Museu Jaguaribano” que foi preenchido na primeira e terceira semana de março de 2022, respectivamente, antes e depois da visitação. As questões do formulário estavam voltadas ao conhecimento de conceitos do histórico e importância do Museu Jaguaribano, bem como à construção do perfil socioeconômico do público-alvo escolar.

A aplicação dos questionários foi um procedimento metodológico fundamental para a compreensão dos alunos se identificarem e se reconhecerem, sendo informações necessárias para à produção do Guia de Atividades.

Das 41 respostas, 10, 3 % se consideram negros, marcando sim para o questionamento “Como você se considera?”, enquanto que 58, 6 % se consideram pardos. Os dados comprovam a dificuldade dos alunos em se reconhecerem como negros numa sociedade marcada pela miscigenação e pelo preconceito racial.

Ao responderem o questionamento referente ao patrimônio histórico, 76, 9 % dos alunos afirmaram reconhecer na cidade de Aracati, ou em sua comunidade, exemplos de patrimônio histórico, conseguindo identificar como exemplos: a Igreja Matriz, Museu Jaguaribano, Rua Cel. Alexanzito (conhecida popularmente como

Rua Grande) e seus casarões antigos. Com esses dados foi possível realizar uma atividade presente no Guia de atividades.

Com relação ao histórico de visitação do aluno ao Museu Jaguaribano, 30, 2 % afirmaram terem visitado o Museu Jaguaribano pelo menos uma vez durante o ensino fundamental II.

Após a visitação ao Museu Jaguaribano foi aplicado a segunda parte do questionário e os alunos responderam questões sobre a importância do espaço para a construção e circulação de narrativas sobre o passado, sendo que 5 % identificaram a narrativa sobre os negros escravizados, 36, 5 % sobre os ciclos econômicos, 20 % afirmaram reconhecer a narrativa da elite aracatiense e 43 % perceberam a narrativa religiosa.

Os dados refletem a própria organização das salas de exposição, o térreo do museu é destinado aos ciclos econômicos, estando bem distribuídos e organizados com textos informativos. No segundo andar, se concentra a exposição sobre a vida da elite aracatiense e o terceiro andar é destinado aos objetos do catolicismo. Os objetos sobre a escravidão estão localizados embaixo da escada, numa área de pouca visibilidade aos visitantes e expressam, em certa medida, uma dificuldade em observação e análise.

Ao serem questionados sobre as narrativas referentes aos negros escravizados em Aracati, 95 % afirmaram que havia narrativa sobre os escravizados e que não apresentava o mesmo destaque das demais narrativas identificadas. A história contada pelos guias durante a visitação, de acordo com os alunos, é que na cidade de Aracati o número de escravizados era reduzido, predominando a escravidão doméstica e a abertura para uma leitura menos danosa sobre o cotidiano da escravidão daqueles que atuavam em atividades domésticas.

Esses posicionamentos são altamente influenciadores na imagem que se produz sobre a suavização da vida social dos escravizados e contribuem para a não criticidade dos guias com relação a escravidão, percepção que os alunos apontaram na narrativa que se resume aos poucos objetos que remetem à escravidão e sua localização no espaço museal.

A partir dessa leitura, 93, 3 % dos alunos expressaram a importância de ter uma educação antirracista e afirmaram que a escola é o espaço ideal para uma educação antirracista que possibilite a mudança da realidade enfrentada pelos afrodescendentes na sociedade brasileira.

Sobre a exposição dos objetos ligados à escravidão, a aluna Ana Lívia Amaral, afirmou ser de “extrema importância para a cultura da cidade para que as pessoas consigam imaginar como era mais ou menos na época”, enquanto Deyvid Maia argumentou sobre a relevância de “falarmos e ainda mesmo ver o que acontecia e acontece com pessoas negras”. Já o aluno Francisco Gleidson de Oliveira acredita ser muito importante a discussão sobre a temática, “pois ajuda as pessoas a entenderem esse período e a saberem que a escravidão também já ocorreu na cidade”.

No que se refere à forma como as monitoras do museu expressam o sentido dos objetos aos visitantes, a aluna Shayna Emanuelle Silva acredita ser “interessante elas terem mostrado como era a escravidão, o que era utilizado nos escravos, muito interessante também na hora que falou sobre o que podiam fazer, onde podiam entrar, entre diversas outras coisas citadas”. São esses posicionamentos que podem influenciar na forma como o público escolar se comporta diante dos objetos expostos e aprende com facilidade.

O diferencial da proposta do Guia de Visitação está no planejamento, pesquisas, conhecimentos e discussões prévias realizados em sala de aula e que podem ajudar na autonomia dos alunos diante das narrativas presentes no museu.

Questionados se a narrativa sobre a escravidão negra no Museu Jaguaribano atendeu as perspectivas da visita, 15 % afirmaram estarem satisfeito com apresentação dos objetos sobre a escravidão no Museu, enquanto 85 % responderam não estarem satisfeito com a explanação sobre a escravidão no espaço museal visitado. O principal argumento foi a existência de poucos objetos que retratam essa temática e a falta de destaque para os objetos, sendo a imagem do Dragão do Mar, a única referência sobre os afrodescendentes.

Os alunos compreenderam a importância de ter uma educação antirracista trabalhando o Ensino das Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar. No final do formulário, eles deram dicas de como se trabalhar essa temática em sala de aula a partir de “estratégias para estimular atitudes mais inclusivas e o respeito às diferenças como debates, brincadeiras, contação de histórias com bonecos, o reconhecimento de situações discriminatórias, bem como a incorporação de narrativas que tragam o negro como protagonista”, como apontou a aluna Débora Larissa Rodrigues.

Para finalizar o questionário perguntou-se: “Na sua opinião, qual a importância de ter uma Educação para as Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar?” Os alunos responderam a importância de se trabalhar a temática no ambiente escolar. Para a aluna Maria Eduarda De Souza Gomes, “a importância de ensinar as crianças sobre sua história e suas raízes e dar a elas inúmeros motivos para se orgulharem de sua pele, seu cabelo, e, principalmente, de toda a riqueza cultural de seu povo que muito lutou pelo fim da escravidão”, enquanto Débora Larissa afirmou que “a importância de trabalhar questões étnico-raciais na escola com crianças, é, sobretudo pela intensificação da construção da identidade delas, é o momento em que as crianças começam a se perceber no mundo e a perceber o outro”.

Nota-se que a construção de uma educação antirracista passa por uma mudança no ambiente escolar, onde as representações negativas sobre os negros também são difundidas, precisando ser combatidas e superadas.

> A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. É por isso mesmo que ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (GOMES, 2003, p. 77).

A escola é um ambiente que reflete a sociedade que ela está incorporada, sendo um espaço de propagação de uma visão negativa dos negros por meio de sua organização curricular e pela ineficácia em desconstruir o preconceito racial, todavia esse mesmo ambiente é propício para discussão e desconstrução dessa imagem negativa dos negros, é na escola que deve começar essa desconstrução por meio de uma educação antirracista.

Ao analisar os relatórios individuais dos alunos que participaram da aula de campo é possível descrever o entendimento de alguns alunos sobre a narrativa da escravidão africana apresentada no Museu Jaguaribano. Os objetos escolhidos para relatar a escravidão negra em Aracati estão expostos embaixo de uma escada, numa área externa do museu com pouca visibildade comparado com as demais exposições.

Ao verificar as entrevistas dos educandos, transcreve-se algumas informações, do ponto de vista dos discentes sobre a narrativa da escravidão no Museu Jaguaribano.

Para a aluna Lanna Ellen Silva “o museu se concentra mais na história da elite aracatiense, sobre os escravos, vimos os objetos de tortura para castigá-los, caso fossem desobedientes com seus senhores” (SILVA, 2022).

Essa visão é corroborada pela aluna Ana Lívia Amaral quando afirma que “No Museu Jaguaribano não tem dados suficientes sobre a escravidão, poderiam ter abordado mais sobre esse assunto principalmente porque o Ceará foi a primeira província a libertar os escravos” (AMARAL, 2022). Junto a essa percepção, o aluno Deivid Maia Valente constatou que, “A narrativa sobre a escravidão não tem o mesmo espaço das demais narrativas apresentadas no museu, os escravos estão representados numa área de pouca visibilidade, a narrativa é excludente e os negros não são representados nesse espaço” (VALENTE, 2022).

Assim, a ausência de objetos que retratam a escravidão no município de Aracati e no Vale do Jaguaribe foi salientado na entrevista da aluna Adrielle Braga ao contrapor os poucos objetos sobre a escravidão ao fato de ser “o Ceará o primeiro local a libertar os escravos”.

São por esses posicionamentos que se abre a possibilidade de mediação sobre o momento abolicionista e o processo que levou ao fim da escravidão. Entender as peculiaridades desse processo, em suas potencialidades e limitações, e trazê-los para a história local ajudará na compreensão do significado e interesses que permearam a organização da memória sobre a escravidão em Aracati. É por isso que na leitura após a visitação, o aluno Pedro Henrique comentou que “durante a visitação, a guia nos explicou como foi a escravidão em Aracati, os escravos eram domésticos e não teve tantos escravos como em outras regiões do país”.

Figura 17: Objetos que retratam a escravidão no Museu Jaguaribano

Fonte: Arquivo Pessoal.

4.3. As narrativas da escravidão negra no Museu Jaguaribano: percepções dos professores

Visitar museus históricos pode ser uma possiblidade de despertar nos jovens o gosto pela história a partir do momento que o ensino de história do ambiente formal se complementa ao ensino não formal como é o caso dos museus.

Os museus históricos não se limitam apenas em expor objetos que se relacionam com o passado, eles estabelecem relações com os tempos históricos.

> Garantida a compreensão dos museus como espaços pedagógicos, e suas exposições como recursos discursivos sobre o passado, concluímos que o entendimento sobre o uso destas ferramentas se transforma e sua importância se amplia. Nesta proposição, os museus de história não se limitam expor objetos significativos do passado, ou a simplesmente comunicar uma versão sobre o passado. Eles propõem aos seus visitantes estabelecer uma relação com o tempo histórico (PACHECO, 2015, p. 5).

O museu deve ser visto pelo professor como ambiente pedagógico, sendo incluído no seu planejamento anual, uma aula preparada e planejada para que os objetivos propostos sejam alcançados. Assim, ao visitar o Museu Jaguaribano, é preciso analisar os objetos selecionados para compor a exposição permanente do museu, entre esses objetos expostos estão aqueles que fazem referência à escravidão.

Partindo dessa exposição dos objetos, também se faz necessário compreender a narrativa sobre a escravidão presente no espaço museal pelas percepções dos professores. Para obter essas informações, foram realizadas entrevistas com 03 professores de História da E.E.M Beni Carvalho entre os meses de janeiro a março de 2022. Para o professor Caio Rocha[23],

> O Museu Jaguaribano não valoriza outras perspectivas de sujeitos históricos. Apresenta características elitistas e contribui para o “apagão” de conhecimento sobre a contribuição do negro e indígena em nossa sociedade. Privilegia a história econômica e política, a memória de nomes de famílias e chefes políticos e pouco destaca o cotidiano de populações marginalizadas (ROCHA, 2022).

[23] Professor Caio Rocha é efetivo da rede estadual desde 2010, professor de História da Escola de Ensino Médio Beni Carvalho, Especialista, Sócio do Instituto do Museu Jaguaribano e Membro da Academia Aracatiense de Letras. – UERN.

A ênfase de que o museu reproduz uma imagem elitista e minimamente expressa outros sujeitos históricos também é reforçada pela professora Isis Zaranza[24] ao apontar que,

> Mesmo com o acervo expressivo de peças e objetos utilizados na época da escravidão, o museu não explora essa parte da história do povo aracatiense, uma vez que teve como primeiro abolicionista do Ceará um filho da terra como Dragão do Mar, acho que deveria ser mais evidenciada e com maior significância (ZARANZA, 2022).

As preocupações em tornar mais acessível o conhecimento sobre a trajetória dos escravizados em Aracati ganha força no sentido de pensar a própria diversidade cultural brasileira, como apontou Karine Vieira[25] ao defender que "o Museu Jaguaribano não retrata um potencial relevante, em relação, a história da presença negra na cidade de Aracati, nem como mão de obra escrava, nem como parte integrante na formação do seu povo".

Os professores da área de Ciências Humanas da Escola Beni Carvalho compreendem que o Museu Jaguaribano não valoriza outros sujeitos históricos que não sejam a elite aracatiense, os indígenas e os negros não são representados como o mesmo protagonismo histórico da elite branca local, percepção que Karine Vieira expõe quando afirma que "por todo o espaço museal o que se apresenta são objetos pessoais de um elitismo branco que predominava por todas as vilas na época do Brasil colonial".

Continuando com sua explanação sobre a narrativa dos escravos africanos no museu Jaguaribano, Karine Vieira afirma que,

> A presença africana, em todo território nacional, é sempre colocada num lugar errado quando deveria ocupar um lugar de destaque subversivo, por isso se faz mais que necessário estudar sobre o assunto em sala de aula, pois a escola é local onde se debate, se conhece, se constrói identidades e se tem uma compressão do passado (VIEIRA, 2015).

Os professores relatam a necessidade de o Museu Jaguaribano apresentar uma narrativa onde os negros são protagonistas, sendo necessário estudar esse assunto em sala de aula para a desconstrução da imagem de sujeitos passivos dos negros escravizados. Essa desconstrução passa por estratégias didáticas que

[24] Professora temporária da rede estadual de ensino, UERN.
[25] Professora temporária da rede estadual e efetiva da rede municipal, formada em Ciências Sociais e com Especialização em História. UERN.

potencializem a relação museu-escola e intensifique reflexões sobre a importância da efetivação de uma educação antirracista.

4.4. As narrativas sobre a escravidão e uma educação antirracista no Museu Jaguaribano

Diante das dificuldades enfrentadas pelo Museu Jaguaribano e a necessidade de se ter um material didático de apoio para professores e alunos, o produto didático, pensado para trabalhar uma educação antirracista dentro da escola por meio das narrativas presentes sobre a escravização negra no município de Aracati foi organizado por meio de um guia de visitação, guia de atividades e um manual de instrução de como usar e aplicar ambos.

Esse material procurou ter como base a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver em todas as etapas da Educação Básica. No que se refere a parte do Guia de visitação, esse material vem ao encontro do Documento Curricular Referencial do Ceará para o Ensino Médio (DCRC).

O Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) do Ensino Médio foi elaborado tendo como exemplo a ser seguido o da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que contém diretrizes e orientações que norteiam a educação básica.

A BNCC é criticada pela ausência de uma educação antirracista no seu documento final e por insistir em uma visão fragmentada do conhecimento e do desenvolvimento humano, por abandonar a estrutura do ensino nas disciplinas, os itinerários são considerados vagos, sem os elementos curriculares necessários para orientar as escolas, correndo o risco de algumas disciplinas serem extintas no Ensino Médio.

A DCRC está organizada por competências gerais, específicas, habilidades, objetos de conhecimento e objetos específicos, é um documento orientador, não sendo o currículo da escola. A instituição escolar mantém autonomia para organizar seu próprio currículo de acordo com suas particularidades. O Guia de Visitação das salas de exposição está organizado nas seguintes competências e habilidades previstas na BNCC de acordo com o DCRC.

Tabela 05: Competências e Habilidades

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1	
Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.	
HABILIDADE 1	(EM13CHSA101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Métodos, narrativas e ferramentas de pesquisa nas ciências humanas; A constituição das diversas fontes históricas e a construção de significados a partir das evidências documentais: fontes orais, visuais, audiovisuais, escritas e virtuais; Os diversos discursos historiográficos e seus pressupostos teóricos na compreensão dos processos históricos; As diversas linguagens e narrativas sociais como expressões culturais no tempo e no espaço.
OBJETOS ESPECÍFICOS	**HISTÓRIA**
	Discussão das diversas fontes históricas e suas especificidades, compreendendo-as como substratos que auxiliam na interpretação dos fatos e contextos históricos.
	Apresentação dos discursos interpretativos da História, discutindo os pressupostos teórico-metodológicos utilizados na análise e interpretação dos processos históricos e situando-os no tempo e no espaço.
	Compreensão dos saberes populares e locais através das multiplicidades das suas manifestações culturais, considerando a diversidade da sociedade, do tempo histórico e dos espaços geográficos.
	Problematização do saber histórico como transitório, dinâmico e em contínua construção, percebendo que, intermediado por fontes, ele resulta das interações entre o passado e o presente a partir dos anseios e necessidades da sociedade.

Fonte: DCRC

Tabela 06: Competências e Habilidades

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1	
Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.	
HABILIDADE 4	(EM13CHSA104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Cultura material e imaterial, patrimônio e diversidade cultural; Aspectos da cultura material e imaterial brasileira na diversidade regional de sua representação; Os bens materiais e imateriais na construção de políticas de patrimonialização; Culturas, representações simbólicas e multiculturalismo; História e memória e a confluência entre o tempo e o espaço; os lugares de memória individuais e coletivos; O sincretismo religioso em diferentes contextos, significados e tempos históricos; A diversidade de crenças e rituais do sagrado no Brasil, com destaque para o catolicismo popular e as religiões de origem africana; Usos, práticas e representações simbólicas da religiosidade popular; Memória, identidade e tradição dos povos originários, grupos sociais tradicionais e periféricos e sua contribuição na formação, identidade e diversidade sociocultural brasileira; Estudos históricos e antropológicos sobre cultura; Universais Culturais (elementos da cultura, sociedade, linguagem, comportamento e mente compartilhados socialmente); Etnocentrismo e relativismo cultural; Interculturalidade, intraculturalidade, multiculturalidade e transculturalidade; Valores e normas culturais;
OBJETOS ESPECÍFICOS	**HISTÓRIA**
	Reconhecimento do patrimônio cultural, material e imaterial, da humanidade, percebendo-o como gerador de identidades nas diversas sociedades e discutindo a diversidade de sua constituição.
	Discussão e entendimento sobre a necessidade de preservação do patrimônio material e imaterial, por meio de ações individuais, coletivas e/ou estatais, pensando-o como elemento constitutivo da cultura nacional e da própria humanidade.

Fonte: DCRC

O Guia de Visitação ao museu foi elaborado como um material de suporte para professores e alunos ao visitar o museu histórico localizado na cidade de Aracati,

Ceará. Enfatizando que o museu é um espaço de pesquisa, fonte de informações, um ambiente, cujo trabalho produzido permite a construção de uma identidade cultural, lugar para refletir o presente e o passado, sendo necessário uma aproximação entre o museu e a escola, o produto didático foi construído para facilitar o trabalho entre esses dois espaços.

O Produto Didático está organizado em três partes, a primeira parte é composto pelo guia que está estruturado da seguinte forma:

- Histórico: Traz informações sobre a fundação do Museu Jaguaribano, local de funcionamento, características do prédio do Barão de Aracati, destacando que o museu não é uma instituição pública e sim uma instituição particular de utilidade pública.
- Durante a visita: Informações sobre o que é permitido e proibido durante a visitação.
- Conheça o Museu Jaguaribano: Informações como o museu está organizado e a planta do museu.
- Por dentro do Museu Jaguaribano: Traz informações sobre a organização das exposições permanentes do Museu Jaguaribano.

O Guia de visitação foi criado com o objetivo de orientar professores e alunos durante as visitações escolares, sendo um material de pesquisa sobre os objetos que estão expostos no museu, este guia na sua essência trata das exposições permanentes, sendo um material de relevância para o trabalho docente considerando que o Museu Jaguaribano não possui material de apoio.

A segunda parte do produto didático é o Guia de atividades que foi elaborado para trabalhar a temática sobre a narrativa dos escravizados negros no Museu Jaguaribano por meio de atividades que relacionam a narrativa presente no espaço museal e uma educação antirracista a ser trabalhada dentro da escola.

Trabalhar uma educação antirracista tendo como base BNCC (Base Nacional Comum Curricular), não pode ser feita sem uma crítica as diretrizes do documento. A crítica feita a BNCC com relação a uma educação antirracista no Ensino Médio acontece porque os conteúdos referentes a Educação para as Relações Étnico-Raciais ficarão à cargo dos itinerários formativos de Ciências Humanas, não existindo uma indicação no documento de atividades que levem os alunos ao questionamento

e a uma reflexão para construção de uma educação antirracista, essa temática está relacionada com os conteúdos dos componentes curriculares.

A BNCC em sua estruturação valoriza os conhecimentos técnicos principalmente os relacionados a Língua Portuguesa e Matemática, a inclusão de temas contemporâneos fica sob responsabilidade dos estados e municípios.

> Ao determinar que cabe aos estados e municípios a inclusão de temas contemporâneos nos currículos da Educação Básica, deforma contundente, exime o estado de seu compromisso firmado por uma educação antirracista a partir da promulgação de Leis, Portarias, Decretos, entre outras normativas. Nas entrelinhas do texto, fica evidente que não existe preocupação do estado com essas políticas, não sendo considerado o contexto de desigualdade social existente no Brasil, e mencionado na BNCC (SILVA; SILVA, 2021, p. 11).

Ao elaborar o Guia de atividades voltado para uma educação antirracista partindo das narrativas sobre a escravidão africana no Museu Jaguaribano, procurou-se trabalhar com atividades que levem os alunos a analisar essa narrativa dentro do espaço museal, identificando a presença do africano em nosso município, estando organizado da seguinte forma:

- Por que estudar essas memórias? Nesse tópico esclarecer que estudar a narrativa sobre a escravidão africana no Museu Jaguaribano atende aos objetivos da lei de Nº 10. 639/2003, indo ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais para uma Educação das Relações Étnico-Raciais.
- Museu Jaguaribano: Guardião da memória do vale: É explanado a importância do museu, a preservação da memória do Aracati e do Vale do Jaguaribe.
- Buchicho: Nessa parte do guia contém as informações sobre patrimônio histórico e cultural.
- Sugestão de atividades: A primeira atividade do guia é sobre patrimônio histórico tombado pelo IPHAN na cidade de Aracati.
- Voltando ao Museu Jaguaribano: Traz a compreensão da narrativa sobre os negros escravizados no Museu Jaguaribano.
- Sugestão de atividades: A atividade proposta está relacionada a narrativa sobre a escravidão africana no museu estudado.

- A liberdade é um Dragão do Mar de Aracati: Esse tópico traz informações sobre Francisco José do Nascimento por meio de jornais da época e do sambaenredo da Estação Primeira de Mangueira em 2019.
- Sugestão de atividades: O exercício proposto é uma produção de uma dissertação sobre a narrativa presente no museu estudado sobre a narrativa e sobre a escravização africana.
- Os rastros sobre a presença africana em Aracati: O guia traz informações sobre a presença africana na cidade de Aracati por meio de fontes como os jornais da época, a existência de comunidades quilombolas no município, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cuja construção está relacionada as demandas da Irmandade dos Homens Pretos.
- Não esqueça: Nesse tópico é retratado a Data Magna do Ceará no dia 25 de março em memória da abolição dos escravos e a importância do dia 20 de novembro quando comemoramos o dia da Consciência Negra.
- O Ensino das Relações Étnico-Raciais para uma Educação Antirracista: Aborda-se a importância de se trabalhar uma educação antirracista nos ambientes de aprendizagem.
- Vamos trabalhar essa temática com música: Apresenta a letra “Olhos Coloridos “de autoria de Macau, essa música tem como intérprete a cantora Sandra de Sá, sendo um marco na música negra brasileira.
- Sugestão de atividade: Roda de conversa sobre a música “Olhos Coloridos”.
- Agora chegou a hora de responder: A atividade final pede que o aluno responda ao questionamento “Que memórias sobre os negros escravizados são ensinadas no Museu Jaguaribano?

O Guia de Atividades foi planejado tendo como base a DCRC do Ensino Médio, ressaltando que as suas diretrizes foram elaboradas tendo como exemplo a ser seguido a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apesar das críticas feitas a BNCC com relação a Educação das Relações Étnico-Raciais, críticas já expostas nesse texto.

Tabela 07: Competências e Habilidades

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1	
Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.	
HABILIDADE 2	(EM13CHSA102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Cosmovisões (africanas, povos originários do Brasil, europeia/ocidental e orientais); Etnocentrismo e Eurocentrismo; A construção conceitual do etnicismo, racismo, antirracismo e evolução.
OBJETOS ESPECÍFICOS	**HISTÓRIA**
	Problematização do neocolonialismo e do eurocentrismo como ideais que contribuem para o advento das teorias racistas no século XIX, identificando as raízes do supremacismo branco e da xenofobia nos séculos XX e XXI. Historicização das matrizes econômicas, políticas, sociais e culturais do etnocentrismo europeu que emerge na Idade Moderna, compreendendo as consequências que se refletem na contemporaneidade.

Fonte: DCRC

Tabela 08: Competências e Habilidades

<table>
<tr><th colspan="2">COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5</th></tr>
<tr><td colspan="2">Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários e respeitando os Direitos Humanos.</td></tr>
<tr><td>HABILIDADE 2</td><td>(EM13CHSA502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</td></tr>
<tr><td>OBJETOS DE CONHECIMENTO</td><td>Pluralidade, diversidade e respeito às diferenças; A construção histórica da família; Gênero e o binarismo: relações afetivas e de poder; Gênero, heteronormatividade e religião; Lutas pelo direito das mulheres; Identidade e diversidade multicultural na sociedade contemporânea; Desconstruindo o mito da democracia racial brasileira; As questões de gênero para além dos estereótipos e preconceitos; O Movimento Negro Organizado no combate ao preconceito e à discriminação; A ideia de alteridade frente às diferenças culturais, sociais, étnicas e comportamentais; Regimes de governo; Democracia versus Ditadura; Direitos humanos e cidadania; Diversidade cultural, religiosa e étnica na demografia brasileira; Cidadania e o combate as formas de preconceito e discriminação; As revoluções burguesas e as lutas pelos direitos individuais; Escravidão e abolicionismo no Brasil: o problema da inserção do negro na sociedade brasileira; Intolerância religiosa, étnica, de gênero e política; Diversidade, raça e gênero.</td></tr>
<tr><td rowspan="4">OBJETOS ESPECÍFICOS</td><td>HISTÓRIA</td></tr>
<tr><td>Historicização e análise das lutas sociais ao longo da história, discutindo as devidas conquistas para as liberdades individuais e o respeito às diferenças nos diversos momentos e espaços sociais em que se promoveu a inclusão através de mudanças na legislação e/ou nas políticas públicas.</td></tr>
<tr><td>Discussão sobre o agir ético nas relações de gênero, problematizando estereótipos, preconceitos e promovendo o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</td></tr>
<tr><td>Compreensão sobre a constituição do movimento negro na contemporaneidade, em diversos espaços e temporalidades, apresentando-o sob o ponto de vista dos seus embates e conquistas na luta contra o preconceito, a discriminação, a intolerância e a xenofobia racial.</td></tr>
</table>

Fonte: DCRC

Tabela 09: Competências e Habilidades

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6	
Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	
HABILIDADE 1	(EM13CHSA601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo os quilombolas) no Brasil contemporâneo, considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
OBJETOS DE CONHECIMENTO	Protagonismo político, econômico e social das comunidades indígenas e afrodescendentes brasileiras/cearenses: demandas e impasses da inclusão na ordem socioeconômica nas decisões políticas atuais; A cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações; As desigualdades étnico-raciais no Brasil e os movimentos sociais das populações excluídas por direitos e equidade; O longo processo de colonização predatória das Américas e seus reflexos hoje junto aos povos originários; O processo de luta pela terra e de resistência cultural dos povos indígenas no Ceará; Visibilidade indígena e movimentos sociais dos povos originários; Atual situação socioeconômica do indígena e do negro no Brasil; Etnias, migrações e estudos do IDH; Poder, política e participação dos povos indígenas e populações afrodescendentes; Inserção, participação e contribuição do negro e do indígena como elemento formador da identidade nacional; Poder, política institucional e vida cotidiana; O subdesenvolvimento; Desmistificação de estereótipos indígenas; Filosofia Brasileira; Filosofia Africana; Demandas e protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e de populações afrodescendentes.
OBJETOS ESPECÍFICOS	**HISTÓRIA**
	Compreensão do processo histórico de exclusão dos negros e indígenas na sociedade brasileira, discutindo os embates pelo reconhecimento de direitos e os resultados desse longo processo de luta por maior inserção social.
	Identificação, análise e entendimento da luta dos movimentos indígena, quilombola, cigano e demais comunidades tradicionais cearenses em defesa dos seus direitos, apontando as várias ações já desenvolvidas para a promoção da redução das desigualdades e todo o processo de luta por uma maior equidade de oportunidades dessas populações.
	Compreensão sobre a importância da população negra e indígena na formação econômica, política, social e cultural brasileira e cearense, reconhecendo os vários aspectos da identidade e da tradição presentes no ideário de construção da nação.
	Identificação das ações afirmativas de combate às desigualdades étnico-raciais já desenvolvidas no Brasil, analisando as políticas públicas implementadas e os resultados obtidos na redução desta exclusão.

Fonte: DCRC

O Guia desenvolvido como resultado do Mestrado Profissional em Ensino de História tem como objetivo orientar os educadores e educandos ao visitar o Museu Jaguaribano, sendo organizado em três partes: Guia de Visitação, Guia de Atividades e o Manual do Guia.

O Manual do Guia foi construído para orientar os professores antes, durante e depois da visitação ao museu, tendo por finalidade disponibilizar ao professor (a), orientações que possam contribuir para a visitação ao espaço museal, onde o aprendizado e a troca de saberes sejam valorizados.

O Manual orienta os professores como utilizar de forma pedagógica o Guia de Atividades e o Guia de Visitação, trazendo informações antes de iniciar a visitação ao espaço museal como:

- A leitura do Manual é um aporte pedagógico antes de agendar a visitação;
- Visite o espaço museal antes de agendar a visita;
- Estabeleça uma temática com a turma antes da visitação;
- Se informe sobre os transportes dos alunos, tempo de visitação, se o museu possui atividades pedagógicas;
- Lembrem-se que o entorno do museu faz parte da visitação: Por qual razão esse prédio foi escolhido para ser a sede do museu?
- Escolha e trabalhe as atividades do Guia;
- Utilize com os alunos o Guia de Visitação;
- Elabore um projeto para a visitação ao museu, trabalhe em sala de aula a temática escolhida;
- Procure, após a visitação, informações dos alunos sobre as percepções deles na visitação ao museu.

O Manual do guia trará orientações sobre a metodologia a ser trabalhada no Guia de visitação e no Guia de atividades, a produção do produto didático tem como objetivos contribuir para que as visitações ao museu sejam momentos de entretenimento, produção e circulação de saberes, ancorados em uma proposta didática que entenda o aluno como sujeito histórico e autônomo, capaz de problematizar as exposições e de construir o conhecimento histórico no espaço museal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fio condutor da pesquisa objetivou investigar as narrativas sobre os negros escravizados no Museu Jaguaribano, cujo intuito é de compreender como essa narrativa é apresentada dentro desse espaço. Partindo da apresentação museal, buscou-se refletir sobre o Ensino de História local por meio do ensino das relações étnico-raciais dentro do ambiente da escola Beni Carvalho (Aracati-CE).

Ao desenvolver a pesquisa, compreende-se, a importância da parceria entre escola e museu, pois esse espaço complementa o ensino formal, possibilitando aprendizagens múltiplas no ensino de História. Tal relação precisa ser fortalecida para que a visita ao museu não se transforme em um complemento da carga horária e que o mesmo seja compreendido como um espaço de aprendizagem e entretenimento.

Diante das análises de documentos, da visitação ao Museu Jaguaribano, dos relatórios e entrevistas, constatou-se que, a narrativa no espaço museal é elitista onde a exposição sobre os negros escravizados não tem a mesma visibilidade das demais exposições desse espaço. Por meio dessa narrativa, pode-se discutir as relações étnico-raciais dentro da escola Beni Carvalho, sendo que essa discussão no ambiente escolar é necessária para a construção de uma educação antirracista.

No decorrer do trabalho, por meio do estudo das narrativas presentes no Museu Jaguaribano, detectou-se que as narrativas refletem os grupos que organizam as exposições e que os rastros da escravidão africana em Aracati são pouco representados nesse espaço.

As narrativas presentes no museu evidenciam o uso da memória por parte de um grupo, onde as lembranças são selecionadas e organizadas e que esses grupos disputam os espaços memoriais. O museu é um espaço de aprendizagem, cujas narrativas devem ser exploradas, analisadas e questionadas.

Diante da pesquisa e dos resultados, o estudo das relações étnico-raciais se fez necessário, já que no Brasil as relações foram construídas por relações de poder, onde a raça é um aspecto dominante nas questões políticas, econômicas, culturais e sociais.

Ao vivenciar a realidade retratada é preciso construir uma educação antirracista, contudo é necessário ter políticas públicas de inclusão para que os alunos negros consigam se reconhecer dentro do espaço escolar, procurando respeitar as diversidades e as várias formas de pensar, saber e ser no mundo. A escola tem o

papel de trazer a discussão sobre uma educação antirracista para dentro da sala de aula.

Portanto, a dissertação possibilitou compreender as relações étnico-raciais dentro da escola Beni Carvalho bem como a necessidade de construir uma educação antirracista numa sociedade preconceituosa, tendo como ponto de partida as narrativas sobre os negros escravizados no Museu Jaguaribano (Aracati-CE).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silvana Barbosa de Lima. **Guardiões, memórias e fronteiras:** história e Gestão do Museu Homem do Nordeste/Silvana Barbosa Lima de Araújo-Recife, 2014.

ARAÚJO, Diego Cavalcanti. **Trajetórias e experiências de escravizados no Baixo Jaguaribe-Aracati-Ceará no século XVIII**/Diego Cavalcanti Araújo. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2021.

BITTECOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História:** fundamentos e Métodos-2ed-São Paulo: Cortez. (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental). 2008.

BORDINHÃO, Kátia. Instituto Brasileiro de Museus. **Caminhos da memória:** para fazer uma exposição. Pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2017, (Série Caminhos da Memória, 1). 2017.

BRAGA, Jesuildo Lúcio Mendes. **Discutindo o ensino de História mediado pelo Brasil.** Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 2015.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** PARECER HOMOLOGADO Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8. 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC/CNE, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS, MEMÓRIA E CIDADANIA.** p. 8. 2003.

CAMPOS, Eduardo. **As Irmandades Religiosas do Ceará provincial:** apontamentos para sua história. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação antirracista:** compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane org. Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CERTEAU. Michel de. **A operação historiográfica**. In: CERTEAU. Michel de. A Revista Káwé Pesquisa. Ilhéus/BA, v. 1, n. 1, p. 14-18, 2002.

COELHO, Érica. **A relação entre Museu e Escola.** Atividades de Estágio Curricular Supervisionado e Produção Acadêmica no Ensino Médio, do Curso de História, do Centro Universitário Salesiano de São Paulo -UNISAL, Lorena, 2009.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. In: Cadernos de Sócio museologia. Centro de Estudos de Sócio museologia, n. 13, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1998.

CHAVES, Elisgardenia de Oliveira. **População e família mestiça nas freguesias de Aracati e Russas-Ceará 1720/1820.** 2016. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CUNHA, Marcelo Bernardo da. Universidade Federal da Bahia – UFB; Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia- ULHT -Lisboa. **A Exposição Museológica Como Estratégia Comunicacional:** o tratamento museológico da herança patrimonial. Revista Magistro www.unigranrio.br Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. 2010.

CURY, Marília Xavier. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

Documento Curricular Referencial do Ceará Ensino Médio. Fortaleza, setembro de 2021. (dcrc_completo_v14_09_2021.pdf).

ESTATUTO. **Instituto do Museu Jaguaribano.** Imprensa Oficial do Ceará. 1984

FABRI, Angélica. **Museus:** o que são, para que servem? Sistema Estadual de Museus – SISEM SP (Organizador) Brodowski (S.P): ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. São Paulo, 2011. (Coleção Museu Aberto).

FARIAS, Alex da Silva. **Memória, patrimônio e sujeitos sociais na construção histórica do Instituto do Museu Jaguaribano (1965–1985).** Dissertação Mestrado Acadêmico. Universidade Estadual do Ceará. Centro de Humanidades. Fortaleza, 2015.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FIGUEIRA, C.R; MIRANDA, L. L. **Educação Patrimonial no Ensino de História dos Anos Finais do Ensino Fundamental:** conceito e práticas. São Paulo: edições SM, 2012.

FILHO, Antero Pereira. **SOBRADO DO BARÃO:** Desfazendo um Equívoco. 21 de junho de 2008. [online]. Disponível via Internet via http://luacheia.art.br/site. Capturado em 28 de abril de 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande &Senzala.** II Tomo. São Paulo: Edição José Olympio, 1966.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará.** Fortaleza: Edições UFC, 1984.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. In: Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade. **Educação antirracista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

_____. **Cultura negra e educação**. Revista Brasileira de Educação, Nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

GONÇALVES, Márcia de Almeida. **História Local:** o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria Monteiro; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Org). Ensinode História: sujeitos, saberes e práticas, Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

GONÇALVES e SILVA. **Aprender, ensinar e relações aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil étnico-raciais no Brasil.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set/dez. 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de Educação Patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LIMA, Abelardo Costa Lima. **Terra Aracatiense.** Biblioteca de História do Ceará Nº 1. Ramos e Pouchain (Edit.). Ceará. 1941.

LIMA, André Luiz de Paula Chaves. **De templo a fórum:** Museu do Ceará, educação patrimonial & ensino de História / André Luiz de Paula Chaves Lima. - Natal, 2020.

MACHADO, L. M. R. **Estratégias de representação do negro em Museus do Rio Grande do Sul:** o Que se Expõe e o Que se Ensina. Dissertação de Mestrado em Educação—Canoas: Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, 2013.

MARANDINO, M. **Interfaces na relação museu-escola.** Cad. Cat. Ens. Fís., v. 18, n.1, p.85-100, abr. 2001.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Educação patrimonial e políticas públicas de preservação no Brasil** [livro eletrônico]/Tatiana Dantas Marchette. Curitiba: InterSaberes, 2016. PDF.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **Educação e museus:** sedução, riscos e ilusões. Porto Alegre, n. 27, 2020.

_____. **O objeto material como documento.** São Paulo: CONDEPHAAT, 1980.

_____. **Como explorar um museu histórico**. Museu Paulista. Para que serve um museu histórico? USP.1992.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

_____. **Superando o racismo na escola.** Brasília: MEC/SECAD, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Sankofa:** matrizes africanas da cultura brasileira. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

_____. **Sankofa:** educação e identidade afrodescendente. In:.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, 1981.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O Museu como lugar de aprendizagem:** o tempo histórico. História, Docente Departamento de Educação e do PPGDr. Em História, Docente Departamento de Educação e do PPG História da UFRPE; https://ppghistoria.furg.br/images/Selecao/museu_lugar_aprender.pdf 2015.

PINHEIRO, Marcos José Marcos. **Museu, Memória e Esquecimento.** Um projeto da modernidade. Rio de Janeiro,2004. E-papers Serviços Editoriais Ltda. 2004.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In. Estudos Históricos,5 (10). Rio de Janeiro,1992.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia.** Tradução Guilherme João de Freitas – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Ensaio Geral).

RAMOS, Francisco Régis. **A danação do Objeto:** o museu e o ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

_____. **Museu ensino de história e sociedade de consumo.** Universidade Federal do Ceará. Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 1, n I, 2001.

REIS, Bianca Santos Silva. **Expectativas dos professores que visitam o Museu da Vida.** 2005. 106f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2005.

REIS, Francisca Ires dos Reis. **O PATRIMÔNIO CULTURAL COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL:** DESAFIOS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O TURISMO CULTURAL NO MUNICÍPIO DE ARACATI/ CEARÁ. UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS. JUAZEIRO DO NORTE. 2019.

RIBEIRO, Álvaro. SOUZA, Barbara. Souza Edleuza. RIBEIRO, Eglê. (Org). **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Escola.** Brasília: Agare. 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROLIM, Leonardo Cândido. **Tempo das carnes do Siará Grande:** dinâmica social, produção e comércio de carnes da Vila de Santa Cruz do Aracati. (c.1690-1802). Tese de dissertação de Mestrado, João Pessoa: UFPB, 2012.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. **O Direito à Diferença.** [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2006.

SANTOS, Sales Augusto. (Org.) **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Clesivaldo da**. A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: INVISIBILIDADE OU PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA?** UFPE - Universidade Federal de Pernambuco Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior. 2020.

SILVA, Leão da; SILVA, Clesivaldo da. Revista Eletrônica Pesquise Educa Revista do Programa de Educação -Universidade Católica de SantosI SSN: 2177-1626. **A Base Nacional Comum Curricular e a Educação Étnico-Racial na promoção de uma**

educação antirracista. The National Common Curricular Base and racial/ethnic education in promoting anti-racism education. 2021.

ZUBARAN, M. A. e MACHADO, L.M.R. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, Ano 19. n.30 jan./jun. 2014. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI | ISSN 2526-8449 (Eletrônico) 1518-0743 (Impresso.) QUE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NEGRAS SE ENSINAM NOS MUSEUS? DO ESQUECIMENTO AO RECONHECIMENTO.

Fonte Oral

Entrevista com alunos:

AMARAL, Ana Lívia. Aluna da 3º E da Escola Beni Carvalho. Entrevista realizada no dia 15/03/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

BRAGA, Adriele**.** Aluna da 3º E da Escola Beni Carvalho. Entrevista realizada no dia 15/03/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

SILVA, Lanna Ellen. Aluna da 3º E da Escola Beni Carvalho. Entrevista realizada no dia 15/03/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

VALENTE, Deyvid Maia. Aluno da 3º E da Escola Beni Carvalho. Entrevista realizada no dia 15/03/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

Entrevista com professores:

FRANÇA, Naíla Maria. Professora efetiva da rede estadual desde 2010. Entrevista realizada no dia 04/03/2015 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

ROCHA, Caio. Professor efetivo da rede estadual desde 2010. Entrevista realizada no dia 14/02/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

VIEIRA, Karine. Professora da rede municipal desde 2019 e professora temporária da rede estadual desde 2012.Entrevista realizada no dia 04/03/2015 e 14/02/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

ZARANZA, Isis. Professora temporária desde 2019 da rede estadual. Entrevista realizada no dia 14/02/2022 na Escola de Ensino Médio Beni Carvalho.

.

APÊNDICES

Autora: Tamara Soares Marques
Orientador: Dr. Marcílio Lima Falcão

PROFHISTÓRIA

UERN
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

GUIA DE VISITAÇÃO DO MUSEU

ÍNDICE

- **HISTÓRICO..... 121**
- **DURANTE A VISITA..... 122**
- **CONHEÇA O MUSEU JAGUARIBANO..... 122**
- **POR DENTRO DO MUSEU JAGUARIBANO..... 124**
- **POR QUE ESTUDAR ESSAS MEMÓRIAS?..... 142**
- **MUSEU JAGUARIBANO: GUARDIÃO DA MEMÓRIA DO VALE..... 144**
- **BUCHICHO..... 145**
- **VOLTANDO AO MUSEU JAGUARIBANO..... 149**
- **A LIBERDADE É UM DRAGÃO NO MAR DE ARACATI..... 152**
- **OS RASTROS DA PRESENÇA AFRICANA EM ARACATI..... 154**
- **O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA..... 159**
- **GUIA PRÁTICO PARA EDUCADORES E EDUCADORAS DO CADERNO DE ATIVIDADES E DO GUIA DE VISITAÇÃO AO MUSEU JAGUARIBANO EM ARACATI-CE..... 162**
- **REFERÊNCIAS..... 175**

HISTÓRICO

A ideia de organizar um museu no interior do Ceará, mais precisamente na cidade de Aracati, remonta ao ano de 1965, fruto do interesse de aracatienses pertencentes a elite local e a intelectuais de áreas diversas que exaltavam a história local e a preservação do patrimônio histórico da cidade. O Museu Jaguaribano vai ser institucionalizado com a criação do Instituto do Museu Jaguaribano criado em 15 de novembro de 1968 e inaugurado em 22 de dezembro do mesmo ano. A criação do Instituto vai respaldar o funcionamento do Museu, sendo o órgão responsável pela coordenação do Museu Jaguaribano e pelo arquivo do Jaguaribe, o acervo exposto no museu representa a vida colonial da cidade de Aracati bem como de outras localidades do Vale do Jaguaribe, transformando-se num espaço de pesquisa não somente para o Aracati, mas para todo o Vale Jaguaribano.

O Museu Jaguaribano funciona no prédio do Solar do Barão de Aracati, esse prédio, é um dos mais exuberantes da rua Coronel Alexanzito, residência construída em estilo neoclássico, edificada no século XVIII e reformada no século XIX, dividida em três níveis: o primeiro piso (térreo) destinava-se ao comércio, os demais pisos ficavam restritos ao uso domiciliar, possuindo um sótão que forma um quarto piso e uma fachada principal composta por azulejos portugueses, sendo tombado pelo Decreto Nº 16. 237 de 30/11/1983.

O Museu Jaguaribano não é uma instituição pública, é uma instituição particular de utilidade pública, não é totalmente público, é um espaço de aprendizagem, de pesquisa, espaço onde o saber é produzido e compartilhado.

DURANTE A VISITA...

...por que é preciso deixar bolsas e malas no guarda-volumes?

Para maior comodidade durante a visita e para prevenir acidentes com o público e o acervo, os visitantes são convidados a deixar bolsas e mochilas na recepção do Instituto do Museu Jaguaribano.

...por que não é permitido fotografar a exposição de arte sacra?

O uso de câmeras não é permitido porque especialistas comprovaram que o flash prejudica grande parte das obras expostas.

...por que as visitações em grupos precisam ser agendadas?

O Museu Jaguaribano é um prédio histórico do século XVIII, necessita-se de um controle do número de visitantes.

...por que não é permitido tocar nos objetos expostos?

Tocar nos objetos expostos podem ocasionar danos físicos e materiais.

MUSEU JAGUARIBANO

CONHEÇA O MUSEU JAGUARIBANO

O Museu Jaguaribano está localizado na rua Coronel Alexanzito conhecida como “Rua Grande”, área conhecida pelos lindos casarios do século XVIII e XIX.

O Museu Jaguaribano possui um prédio que funciona como anexo do museu, onde estão expostos a sala de Dr. Aberlado Costa Lima e Ernesto Gurgel Valente, nesse espaço está exposto uma sala ambientada em homenagem ao professor Régis Bernardo.

O Museu possui uma área externa que funciona como um pátio para convivência, ambiente onde são expostas obras de arte e onde os livros são lançados, além de ser um espaço para exibição de teatro, músicas e danças. Nesse espaço está exposto uma peça de artilharia e uma âncora de um navio naufragado no litoral do município.

Planta Baixa do Solar do Barão de Aracati

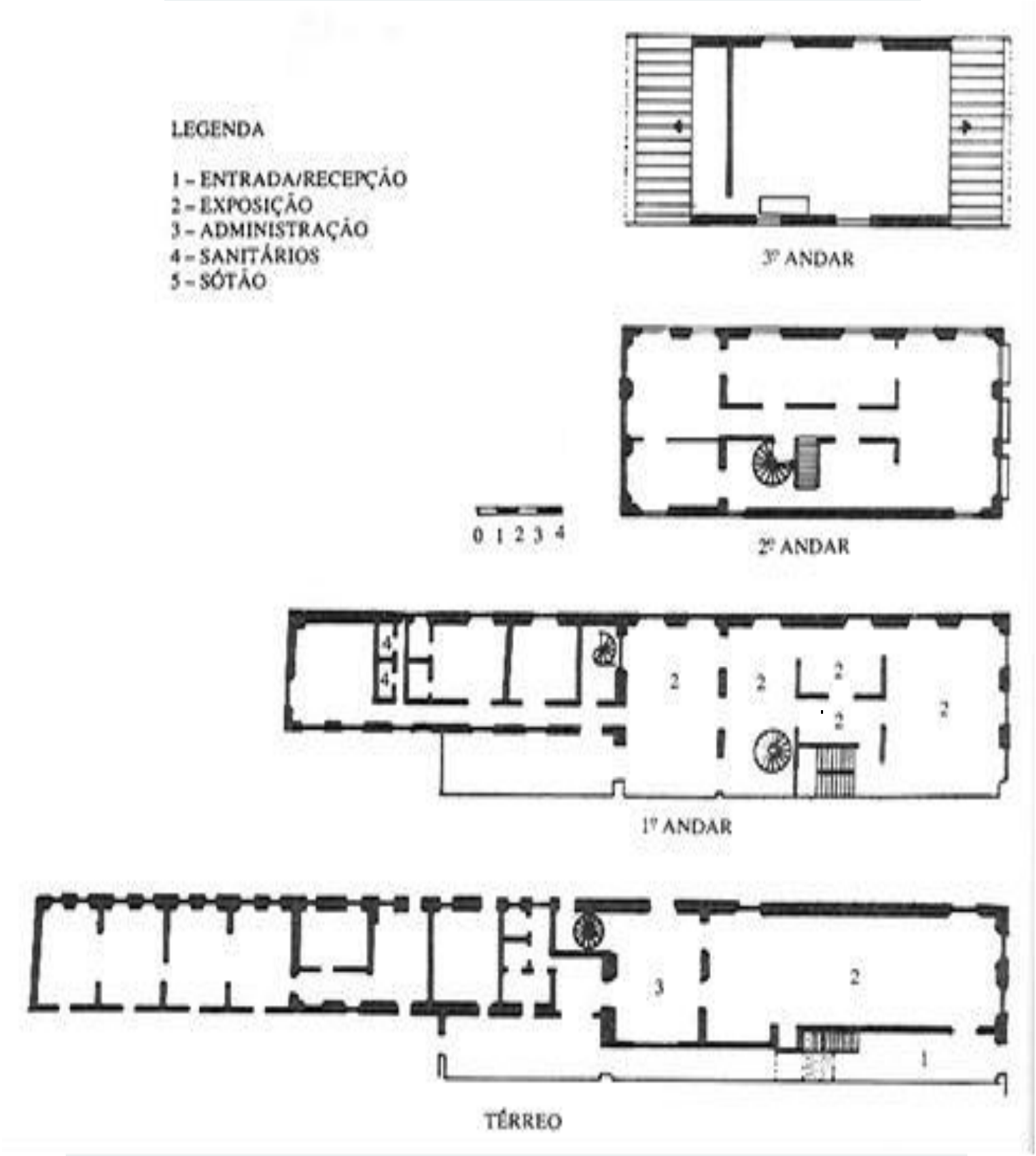


Imagem 1
FONTE: SOUZA, Simone ALENCAR CUNHA, Terezinha Helena de. VELOSO, Francisco Augusto Sales. Patrimônio Tombado — Guia bens do Ceará Tombamento. Secretaria da Cultura e Desporto, Ceará, 1995.

POR DENTRO DO MUSEU JAGUARIBANO

Primeiro andar (térreo)

No primeiro andar (térreo) intitulado “Ciclos econômicos do Aracati” está a exposição permanente sobre os ciclos econômicos, essa exposição dos objetos nos permite compreender como a cidade de Aracati se desenvolveu economicamente durante sua história.

Ciclos expostos no primeiro andar.

Ciclo do Couro: Exposição de objetos como: carro de boi, roupa de couro (roupa do vaqueiro) e berrante. Esses objetos estão relacionados ao período áureo da cidade onde a mesma se destacou na produção de carne do Ceará.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Ciclo do Gado

Fonte: Arquivo Pessoal.

O Ciclo da carnaúba, planta típica da região.

Artesanato feito com a palha de carnaúba

Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem do garrafão, produtos utilizados nos engenhos.

O Ciclo da cana de açúcar na exposição retrata a importância desse produto na economia nacional e local, produzindo aguardente, rapadura e açúcar mascavo. Representando esse ciclo estão expostos objetos como engenhoca, garrafão (usado na fabricação de aguardente) alambique, essa produção ocorreu principalmente na região do Cumbe.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Ciclo do algodão – produção do algodão foi um importante ciclo econômico na cidade de Aracati, com destaque para produção fabril da Fábrica Santa Tereza.
Máquina utilizada na fábrica Santa Tereza.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Prelo máquina de impressão do jornal Clarim da Liberdade.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Nessa exposição estão expostos objetos que fazem referência a produção salineira, conjunto de ferramentas para marcenaria, máquina registradora, balança, objetos usados nas construções dos prédios da rua Coronel Alexanzito, como telhas e tijolos.

Junto a exposição sobre os ciclos econômicos encontra-se em exposição um Prelo, máquina de impressão tipográfica, utilizada na produção do jornal “Clarim da Liberdade”.

No térreo, na segunda sala, estão expostos objetos como: a mesa da Academia Cearense de Letras, a biblioteca do Desembargador Cláudio Idelbuque. Nesse espaço existem imagens de Chico de Janes, figura marcante na história do carnaval da cidade e instrumentos musicais da antiga banda de música da cidade também estão em exposição.

Mesa da Academia Cearense de Letras.

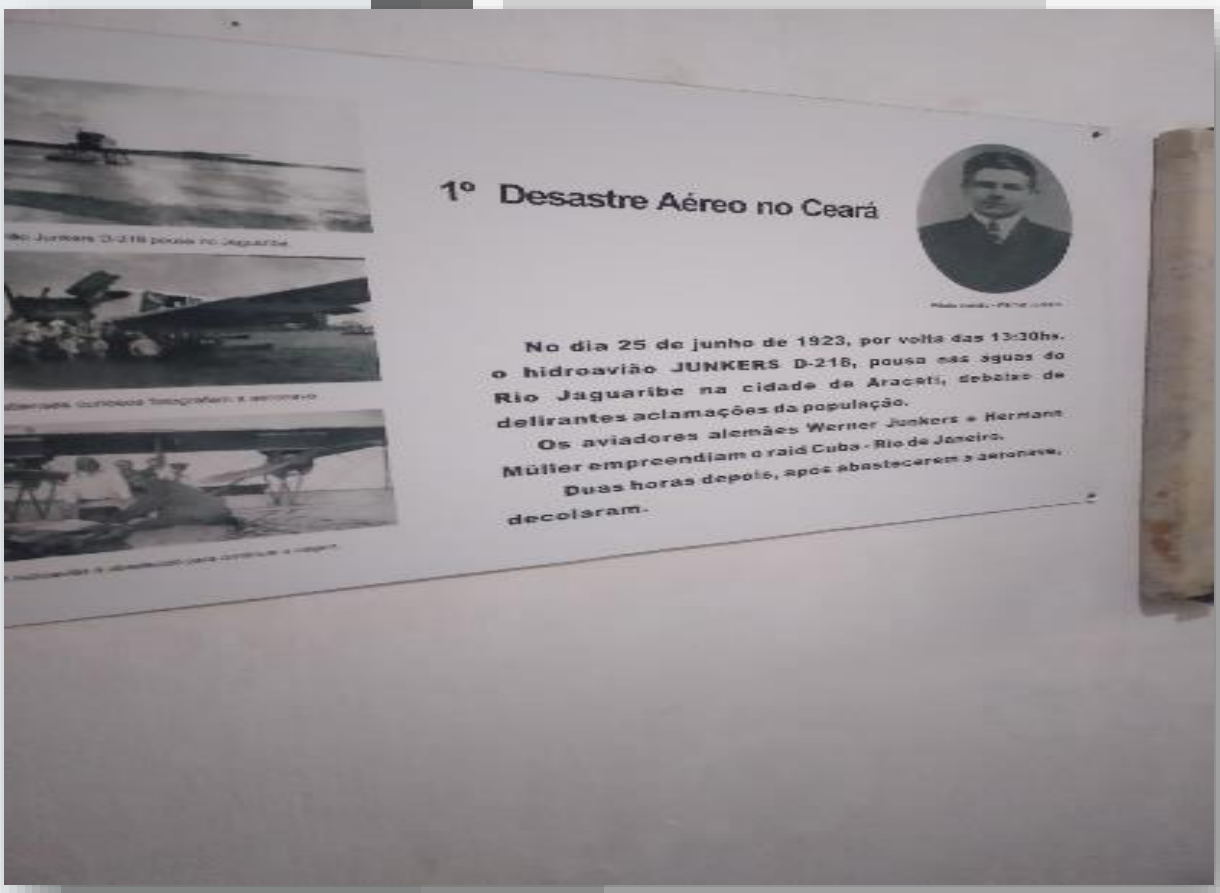
Fonte: Arquivo Pessoal

Objetos da antropologia.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Adjacente, a esta sala há um corredor com placas e fotografias em homenagens a “Aracatienses Ilustres”, objetos que retratam a antropologia e o desastre aéreo que ocorreu em Aracati.

Desastre aéreo na cidade de Aracati


1º Desastre Aéreo no Ceará
No dia 25 de junho de 1923, por volta das 13:30hs.
o hidroavião JUNKERS D-218, pousa nas águas do
Rio Jaguaribe na cidade de Aracati, debaixo de
delirantes aclamações da população.
Os aviadores alemães Werner Junkers e Hermann
Müller empreendiam o raid Cuba - Rio de Janeiro.
Duas horas depois, após abastecerem a aeronave,
decolaram.

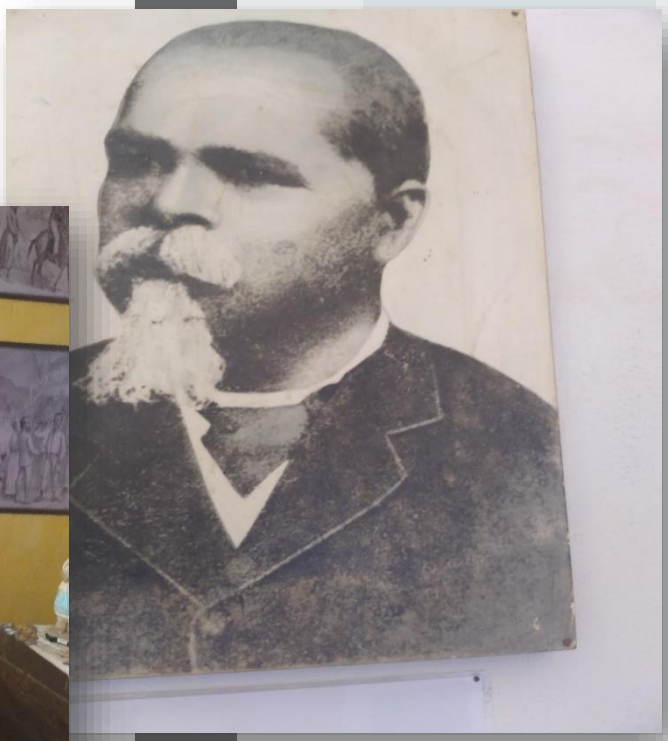
Fonte: Arquivo Pessoal.

Objetos arqueológicos.

Fonte: Arquivo Próprio.

Depois da sala de exposição, há outra sala, usada antigamente para entrada dos empregados, que é responsável por abrigar algumas peças indígenas. Nesse espaço de ligação entre a área de convivência e o museu estão expostas, embaixo de uma escada, peças sobre a escravidão no município e uma imagem de Iemanjá representando as crenças de origem africana e uma imagem de Dragão do mar.

Dragão do mar

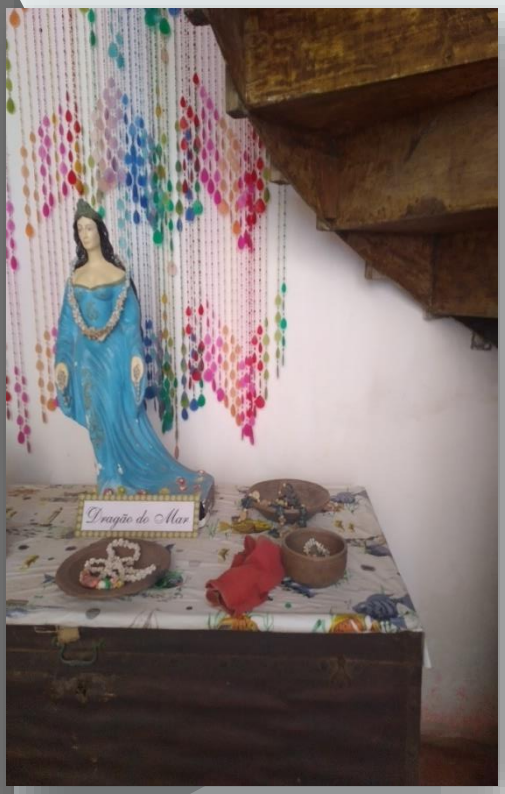


Fonte: Arquivo Pessoal.

Objetos que retratam a cultura africana.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Iemanjá representando as crenças de matriz africana.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Objetos que representam a cultura e a escravidão.

Fonte: Arquivo Pessoal.

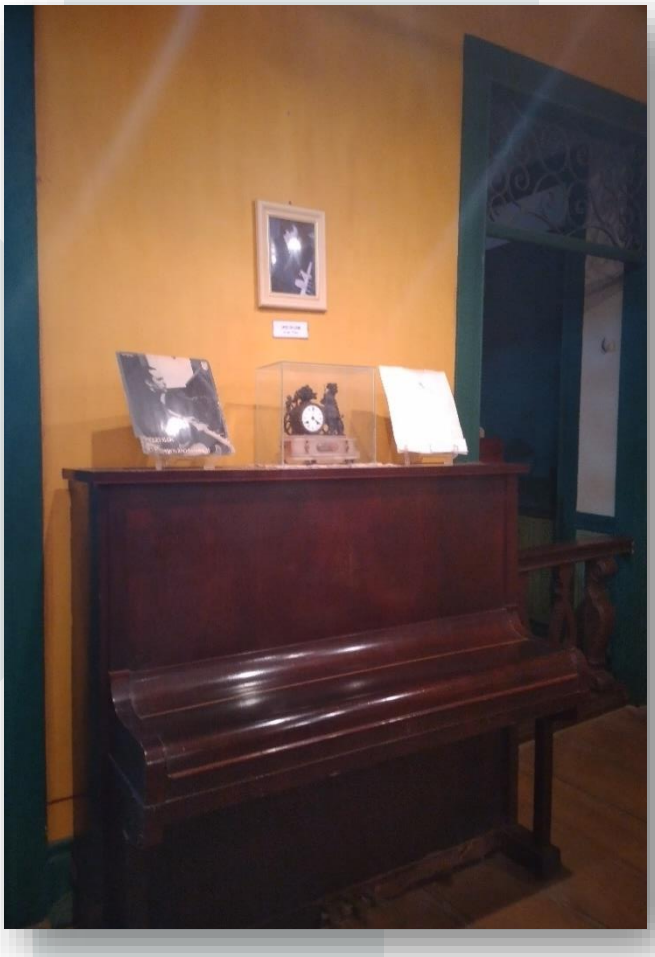
Segundo andar

O acesso dos visitantes ao segundo andar do Museu Jaguaribano pode ser feito pelo prédio anexo ou por uma escada na recepção do museu. O acesso ao prédio do Museu é por meio de uma escada, nesse andar está exposto um conjunto de cadeiras, cuspideiras, assentos, tapetes, almofadas, uma cadeira austríaca do século XIX, um piano e quadros de membros das famílias dos doadores.

Conjunto de cadeiras de visita

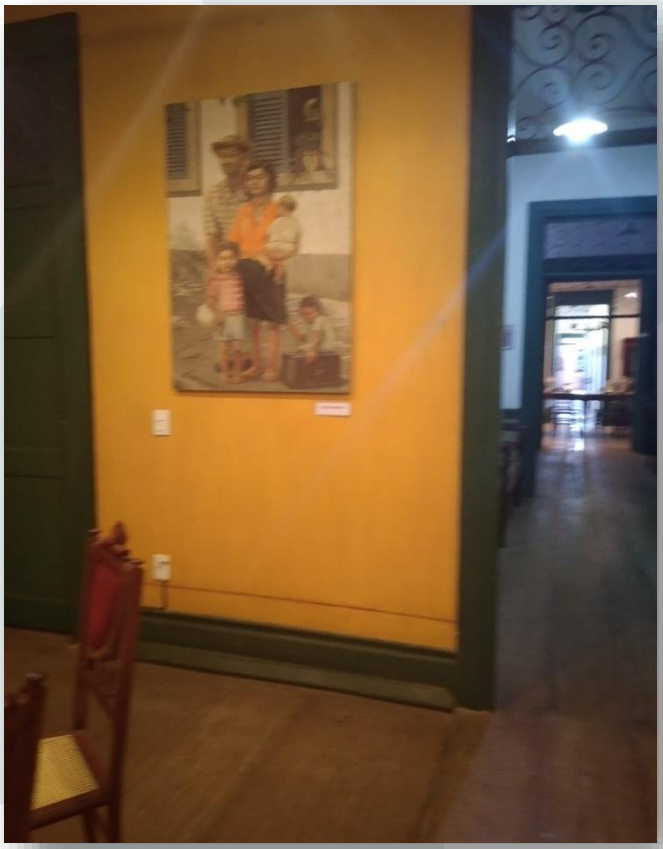
Fonte: Arquivo Pessoal

Piano.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quadros de decoração.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Cadeiras e quadros de doadores do Museu Jaguaribano.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Quadros de doadores do Museu Jaguaribano.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Posteriormente a sala de visitas tem um corredor com imagens do patrimônio histórico da cidade, uma sala ambientada com objetos de um escritório de imagens, de um aparelho de telefonia e um conjunto de cadeiras, ao lado, uma sala ambientada com objetos de um escritório.

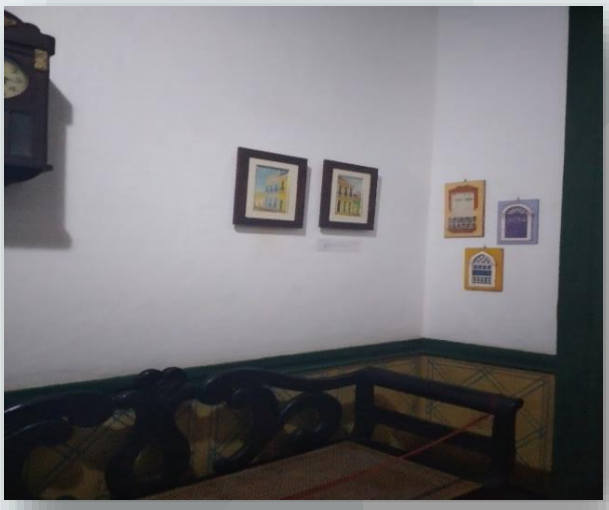
Cadeiras.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Objetos de escritório.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Cadeiras e quadro de decoração



Fonte: Arquivo Pessoal

Na sala de visitação temos uma mobília com sala de refeições, um rádio de 1928 e um aparelho de TV do ano 1963. Tem também mesas, cadeiras, piano e cristaleira com objetos de porcelana. Um ambiente que representa a sala de jantar de uma família da elite aracatiense.

Telefone e quadro com fotos de doadores.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Cadeira e cristaleira.

Fonte: Arquivo Pessoal.

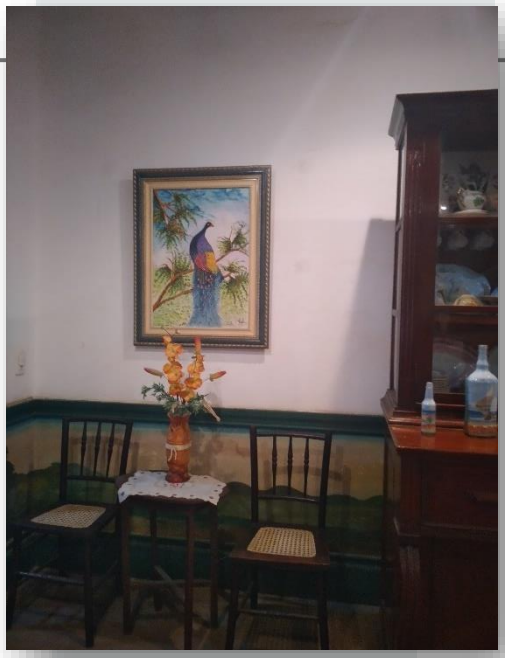
Televisão de 1963.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Cristaleira com objetos de porcelana.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Cadeiras e quadro de decoração.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sala de jantar de uma típica família da elite colonial aracatiense.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Cristaleira.

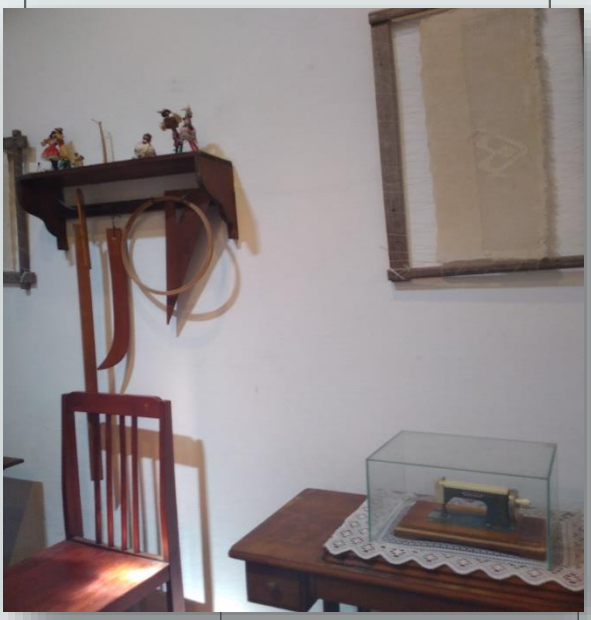
Fonte: Arquivo Pessoal.

Ainda no segundo andar existe uma sala de exposição com objetos como: guarda-roupas, berço, cômoda, penteadeira. Nesse espaço existe uma exposição de objetos que fazem referência aos médicos como um conjunto de material hospitalar e odontológico.

Cadeira de dentista.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Instrumentos de trabalho e artesanato.



Fonte: Arquivo Pessoal.

No final do corredor existe uma cozinha com utensílios para preparo e cozimento.

Objetos da cozinha

(Geladeira, pilão, xícaras, pote de barro, fogão, panelas).

Fonte: Arquivo Pessoal.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Escada helicoidal.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Terceiro piso

Para visitar o acervo que está exposto no terceiro piso, o visitante precisa utilizar uma escada helicoidal, temos expostos objetos de arte sacra com diferentes e diversos oratórios, Sobreira, sala reservada aos padres, onde os casulos estão sendo expostos e outra sala destinada ao Monsenhor Bruno.

Imagem sacra.

Fonte: http://www.museujaguaribano.org.br/

O estudo se deu por meio de aportes teóricos a respeito da temática da escravidão no município de Aracati através dos objetos expostos no Museu Jaguaribano, compreendendo o museu como espaço de reflexão, onde professor/a e alunos/as devem interagir no sentido de promover reflexões sobre as narrativas presentes nas exposições a partir da formulação de hipóteses acerca da forma e dos grupos representados, contribuindo para uma reflexão sobre as relações étnico-raciais, sendo importante analisar como a memória negra é ensinada e retratada nesse espaço.

Assim, partindo da relação entre museu e escola, busca-se refletir como a narrativa sobre o passado dos negros escravizados em Aracati, presente no Museu Jaguaribano, refletem no ensino de História Local, proporcionando uma reflexão sobre as relações étnico-raciais. Por isso, a importância de analisar como a memória negra é ensinada e retratada nesse espaço, ajudando a compreender a importância e as formas de resistência da população negra como sujeitos históricos.

POR QUE ESTUDAR ESSAS MEMÓRIAS?

Estudar sobre essa narrativa atende aos objetivos da Lei de Nº 10. 639/2003 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio da rede pública e privada, sendo uma ação de desconstrução ao racismo e ao preconceito racial, tendo em vista que a necessidade de estabelecer em lei o ensino dessa temática é o reflexo de um currículo eurocêntrico, onde a temática sobre os negros foram silenciadas à medida que a narrativa nos livros de história reduziam a influência negra sobre a escravidão através das lutas e resistências que foram colocadas em segundo plano, sendo vistos como seres passivos e não como protagonistas.

Após a Lei 10. 639/2003 ser elaborada, foi planejada, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História

e Cultura Afro-Brasileira e Africana, onde o parecer determina que a mesma foi criada com o intuito de enfrentar a posição de desigualdade vivida pelo povo de origem africana.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana são políticas de reparações que buscam a valorização e reconhecimento dos negros em nossa sociedade.

Todas essas mudanças nas leis educacionais foram fruto do movimento negro que lutou e exigiu que o país elaborasse ações afirmativas para minimizar o abismo social entre brancos e negros.

A própria Base Nacional Comum Curricular vem sendo criticada pela ausência de uma educação antirracista presente no documento de referência tanto no Ensino Fundamental quanto no do Ensino Médio, pois no ensino fundamental a Educação para as Relações Étnico-Raciais aparece no documento como estudos Afro-brasileiros, porém existe apenas nos objetos de Conhecimento, dos componentes de Língua Portuguesa, Geografia, História, Ensino Religioso e Artes.

Com relação ao Novo Ensino Médio a temática ficou a cargo dos itinerários formativos e os conhecimentos no itinerário de Ciências Humanas já fazem parte do currículo.

A tarefa de desconstruir o racismo não é função somente da escola e dos educadores, o ambiente escolar reflete a sociedade na qual estamos inseridos, todavia a escola tem a função de fornecer condições que promovam a democracia, acesso ao conhecimento e respeito as diferenças tanto étnicas, de gênero, de opção sexual, devendo ter uma atuação ativa, não ficando omissa diante dessa realidade.

É por isso que ao reconhecer o museu como espaço de circulação de visões sobre o passado, a relação com a escola é imprescindível e à reflexão sobre a escravidão em Aracati também, sobre à construção de uma aprendizagem alicerçada na história local e fundamentada na educação sobre as relações étnico-raciais.

MUSEU JAGUARIBANO: GUARDIÃO DA MEMÓRIA DO VALE

VOCÊ SABIA QUE:

O Museu Jaguaribano foi um dos primeiros a ser fundado no interior do estado do Ceará, a escolha pela cidade não ocorreu de forma aleatória, uma vez que Aracati tem um papel político, econômico, cultural e histórico de destaque na história do Ceará.

A vila de Aracati alcançou a prosperidade com o desenvolvimento da pecuária, tendo destaque as fazendas e indústria de charque, carne seca ou carne do Ceará. Esse passado colonial de esplendor cultural é a narrativa a ser contada no Museu Jaguaribano, além desse passado glorioso, a cidade de Aracati possui um rico conjunto arquitetônico e paisagístico tombado em 2001, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A área tombada pelo IPHAN corresponde aproximadamente 154.838,66 m², seu entorno de 631.312,60 m² com 275 imóveis, o centro histórico é composto por edificações datadas entre os séculos XVIII e XX, cuja área poligonal de tombamento compreende principalmente as ruas: Coronel Alexanzito, Coronel Alexandrino, Coronel Pompeu e Santos Dumont.

A inauguração de um museu no interior do estado do Ceará, longe do eixo da capital e região metropolitana tornou-se notícia nos jornais da época.

- Que o Museu Jaguaribano faz parte do Patrimônio Histórico Aracatiense.
- Que devesse ter uma educação patrimonial no ambiente escolar.

BUCHICHO

Patrimônio Cultural?

Patrimônio cultural é tudo aquilo que possui importância histórica e cultural para um país ou uma pequena comunidade, como a arquitetura, festas, danças, música, manifestações populares, artes, culinária, entre outros.

https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural

Patrimônio Imaterial?

É o tipo de patrimônio considerado intangível e abrange as expressões simbólicas e culturais de um povo, como as festas, as danças, músicas, saberes, costumes, formas de expressão, entre outros.

https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural

Patrimônio Material

Diz respeito aos bens materiais, ou seja, tangíveis, de um povo. Abrange os museus, monumentos arquitetônicos, igrejas, bibliotecas, etc. https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

A visita ao museu não acontece somente dentro do espaço museal, ela começa dentro da sala de aula, como também do seu entorno, observar onde o prédio está localizado e compreender o porquê daquele local ter sido escolhido para abrigar a instituição e qual o seu significado dentro do espaço onde ela está inserida.

A cidade de Aracati possui um rico conjunto arquitetônico e paisagístico tombado em 2001, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

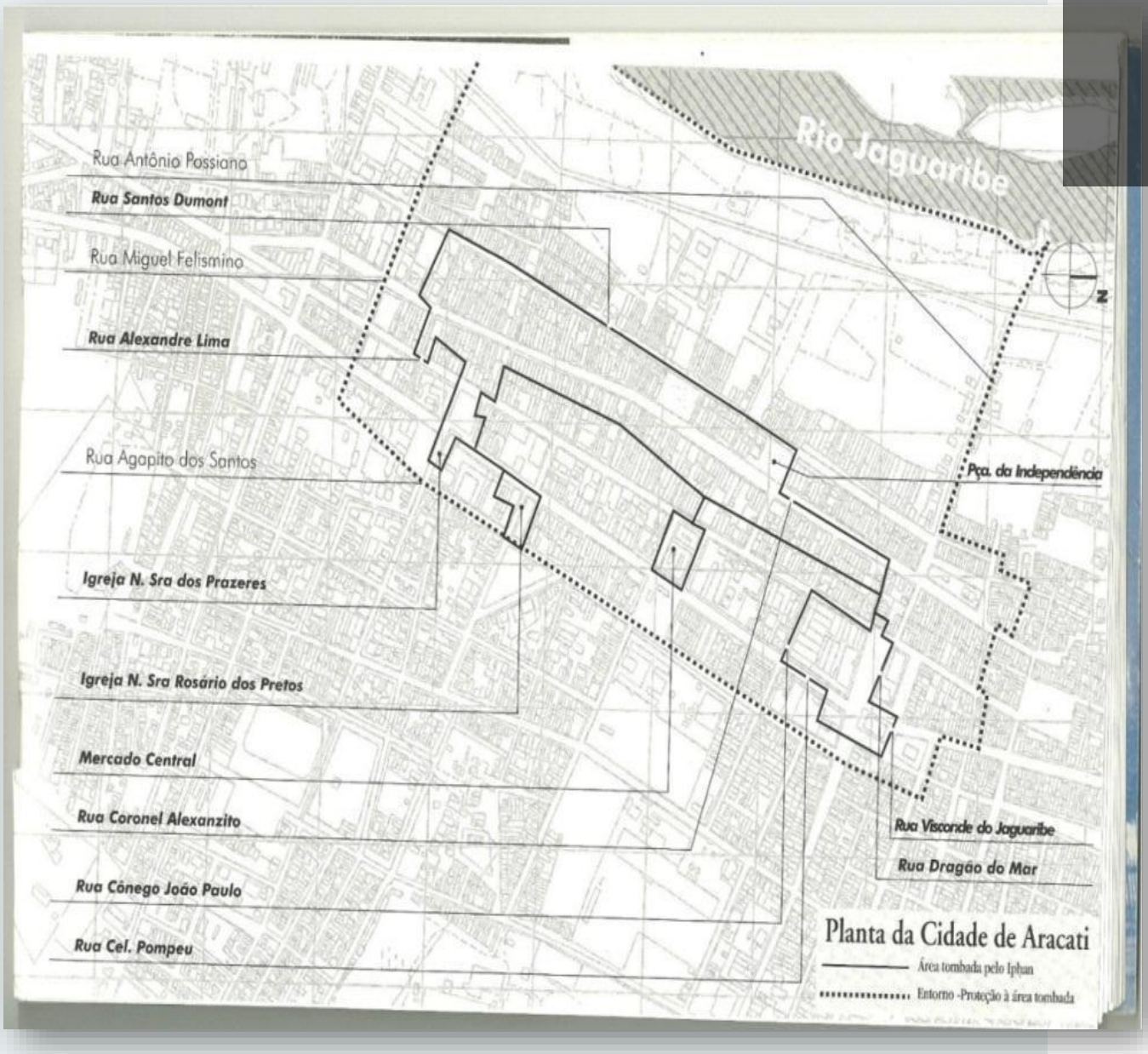
DIANTE DESSAS INFORMAÇÕES VAMOS IDENTIFICAR QUAIS OS MONUMENTOS E PRÉDIOS TOMBADOS PELO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN).

Além de identificar, vamos procurar a história desses prédios e monumentos.

Sugestão: A atividade pode ser feita em grupo de 05 alunos, cada grupo com o mapa do centro histórico de Aracati, procurará identificar lugares e patrimônios históricos da cidade.

Escolher um representante do grupo para expor os lugares reconhecidos.

Figura: Planta da cidade de Aracati.



Fonte: PAIVA, Olga Gomes de (Coord.). Aracati: patrimônio de todos para a preservação do patrimônio cultural. IPHAN. Ministério da Cultura: Fortaleza, 2000.

Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário.

Fonte:https://tvj1.com.br/regional/noticias/aracati-300-anos-da-igreja-matriz-nossa-senhora-do-rosario.html

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Fonte:http://cearanordeste.blogspot.com/2011/07/igreja-do-rosario-dos-pretos.html

Casa da Câmara e Cadeia.

Fonte: https://aracati.ce.gov.br/informa.php?id=17

Mercado Municipal de Aracati .

Fonte:https://www.anuariodoceara.com.br/perfis/aracati/aracati-casa-de-camara-e-cadeia/

Centro histórico do Aracati.

Fonte: https://www.facebook.com/EuCurtoAracati/photos/?ref=page_internal

VOLTANDO AO MUSEU JAGUARIBANO

VOLTANDO AO MUSEU JAGUARIBANO

Que memórias sobre a escravidão negra é ensinada no Museu Jaguaribano?

Compreender de que maneira a memória negra vem sendo representada no Museu Jaguaribano nos leva ao questionamento de que forma a narrativa museal retrata a presença africana em Aracati e no Vale do Jaguaribe e como essa representação dos africanos é reflexo de uma narrativa elitista que deseja selecionar qual memória pode ser lembrada e repassada.

ATENÇÃO!!!!!!!!!!!!

- Os objetos que são selecionados para serem expostos fazem parte da narrativa museal não são escolhidos ao acaso e adquirem uma nova significação.
- Que os objetos que retratam a escravidão não foram encontrados em Aracati, foram doados.
- Exposição permanente sobre os ciclos econômicos do município ao retratar o período do engenho e das oficinas de carne na vila de Aracati, não existindo na narrativa museal a indicação do trabalho escravo nessa região.
- Existe na narrativa museal presente no Museu Jaguaribano um silêncio sobre o protagonismo negro na história do Brasil, Ceará e em Aracati.
- O africano é sempre representado pelo olhar do homem branco, como se todos fossem iguais.
- Os negros são representados como sujeitos passivos no processo histórico.

ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO!

O Museu Jaguaribano não é somente um local onde os objetos estão sendo expostos, não é um espaço voltado para o passado, todavia é uma forma de compreender o mundo por meio de suas narrativas.

As exposições presentes nos museus não são neutras, a pouca visibilidade da presença africana na narrativa museal também não é neutra, essa seleção da memória local escolhendo o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido representa interesse de um grupo que não deseja expor a escravidão na cidade, grupo que valoriza as representações da elite da cidade.

Lembrando que os museus validam ou invalidam diferentes culturas e identidades de acordo com as narrativas presentes no espaço museal.

Objetos da escravidão exposto no Museu Jaguaribano.

Fonte: Museu Jaguaribano-Catálogo UFC

Os objetos que retratam a escravidão no Museu Jaguaribano foram doados por pessoas de outras cidades, as algemas que eram usadas para castigar os escravos foram doadas pelo doutor Salústio de Pinto Pessoa em 1970, sendo usada para castigar os escravos da Vila de Viçosa Real da América.

Os Grilhões com correntes do século XVIII com comprimento de 130 cm foi doação do doutor Salústio de Pinto. Não existe exposto no Museu Jaguaribano nenhum objeto que retrate a escravidão no município de Aracati e no Vale do Jaguaribe. É como se a escravidão não tivesse deixado rastro em uma das vilas mais importantes da província do Ceará.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Compreendendo o museu como um espaço de aprendizagem, um ambiente que complementa a educação formal, lembrando que os mesmos são espaços de poder e memória, lugares de lembranças e esquecimento.

Tendo como base essas informações, ao visitar o Museu Jaguaribano, responda os seguintes questionamentos.

1. Que memórias negras são retratadas nas narrativas do Museu Jaguaribano?

2. Que grupos políticos, sociais e econômicos estão presentes nas exposições do Museu Jaguaribano?

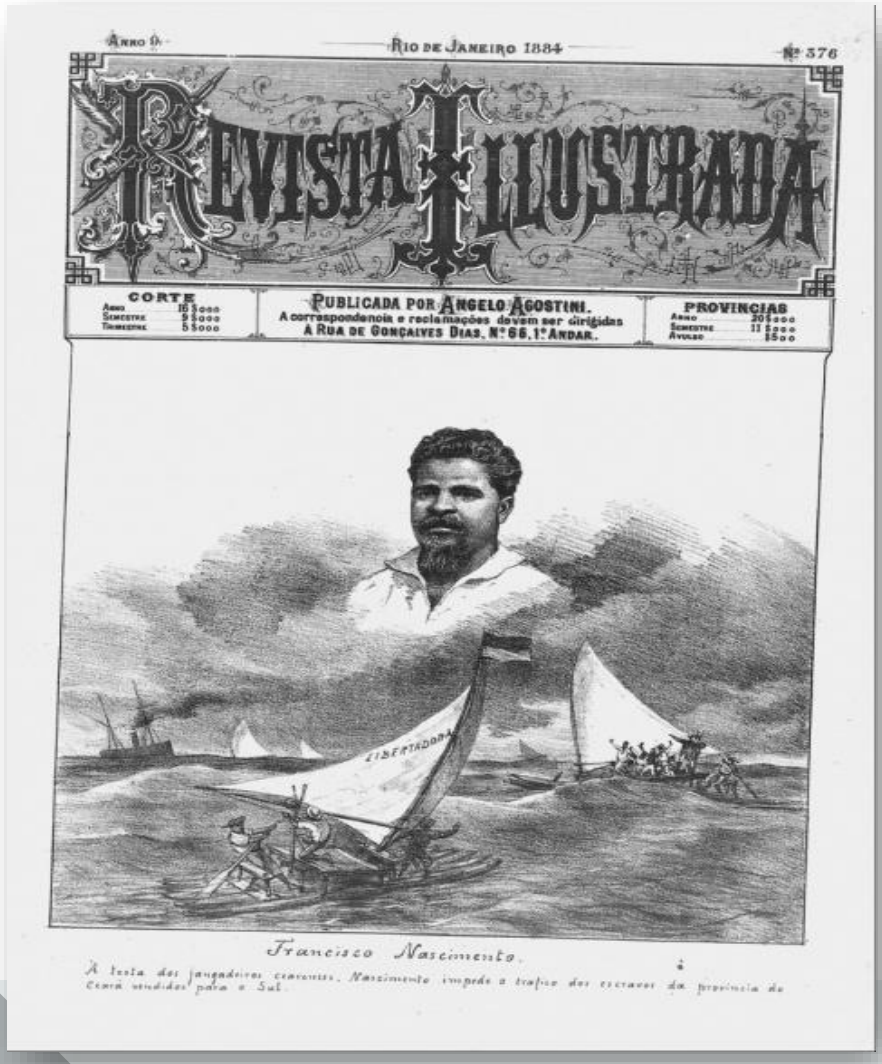
3. O afrodescendente se sente representado na narrativa museal?

A LIBERDADE É UM DRAGÃO NO MAR DE ARACATI

A exposição presente no Museu Jaguaribano é uma narrativa do período escravocrata no Brasil, sem destacar a participação africana em nosso município. A imagem que retrata a presença africana em Aracati está representada por Francisco José do Nascimento, mais conhecido como Dragão do Mar, símbolo da luta contra a escravidão, na província do Ceará, sua imagem está exposta em dois ambientes, incialmente na galeria dos filhos ilustres do Aracati e junto aos objetos que nos remetem à escravidão.

Revista Ilustrada.

Dragão do Mar é um dos símbolos da luta contra a escravidão na província do Ceará e um dos filhos ilustres que se encontra representado na galeria do Museu Jaguaribano, o único afrodescendente a ocupar espaço no Museu Jaguaribano.



Fonte: https://www.bn.gov.br/sites/default/files/styles/large/public/imagens/noticias/020/0415-1881-dragao-mar-impediu-trafico-escravos/cobertura-6318-1881-dragao-mar-impedi

DRAGÃO DO MAR NO SAMBA

A **Estação Primeira de Mangueira**
Fonte: **Mangueira - Samba-Enredo 2019 - Samba-Enredo - LETRAS.MUS.BR**
“História pra ninar gente grande", de autoria do carnavalesco Leandro Vieira.

“Brasil, meu nego deixa eu te contar;
A história que a história não conta;
O avesso do mesmo lugar;
Na luta é que a gente se encontra.
Brasil, meu dengo a Mangueira chegou;
Com versos que o livro apagou;
Desde 1500, tem mais invasão do que descobrimento.
Tem sangue retinto, pisado;
Atrás do herói emoldurado.
Mulheres, tamoios, mulatos;
Eu quero o país que não tá no retrato.
Brasil, o teu nome é Dandara;
Tua cara é de Cariri;
Não veio do céu nem das mãos de Isabel;

A liberdade é um Dragão no mar de Aracati;
Salve os caboclos de Julho;
Quem foi de aço nos anos de chumbo;
Brasil chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Malês.
Mangueira, tira a poeira dos porões;
Ô, abre alas;
Pros seus heróis de barracões;
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões.
São verde e rosa as multidões”.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

A imagem de Dragão do Mar é retratada no Museu Jaguaribano como um dos filhos ilustres da terra “dos bons ventos’’, a única representação da escravidão em nossa província, uma pessoa que se destacou pela luta abolicionista.

Nos três documentos expostos temos referência a importância histórica de Dragão do Mar na luta pela abolição, ao mesmo tempo, os documentos nos fazem lembrar de como a memória é selecionada e repassada.

Com base nesses questionamentos, o museu é um espaço de aprendizagem, onde as memórias são selecionadas e repassadas, não existe exposição museal sem objetivos definidos.

Disserte como a narrativa presente no espaço museal do Museu Jaguaribano contribui para o não conhecimento da presença africana na vila de Aracati, onde a única referência a escravidão está centrada na figura de Dragão do Mar, como se no Aracati e no vale não tivesse registro da presença escrava africana.

OS RASTROS DA PRESENÇA AFRICANA EM ARACATI

A pouca visibilidade das representações sobre a presença africana no município de Aracati no Museu Jaguaribano é reflexo dos grupos que organizam as exposições e que determinam o que deve ser lembrado e esquecido, o registro da presença africana em Aracati não tem um lugar de destaque junto as narrativas dos filhos ilustres da terra aracatiense, como se no município não tivesse existido a escravidão, uma memória selecionada para ser esquecida.

Essa não representação da presença africana no município de Aracati não é uma escolha neutra, não existe espaço museal isento, muitos museus acabam influenciando na validação ou invalidação de diferentes grupos com culturas e identidades diversas, não podemos esquecer que são lugares de poder, memória e esquecimento.

Essa falta de representatividade da presença negra no espaço museal contribui para que os afrodescendentes não desenvolvam o sentimento de pertencimento, para que os mesmos não se reconheçam dentro do espaço museal, segundo o Ministério da Cultura os museus devem estar a serviço da comunidade e de seu desenvolvimento.

> “Para cumprir esse papel, os museus devem ser processos e estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Comprometidos com a gestão democrática e participativa, eles devem ser também unidades de investigação e interpretação, de mapeamento, documentação e preservação cultural, de comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com os objetivos de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira”. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2003, p. 8).

É necessário que a representação da escravidão e presença africana no Museu Jaguaribano tenha um novo olhar sobre as narrativas presentes nesse espaço, visto que existe a necessidade de se ter uma educação antirracista em todos os espaços onde os saberes são produzidos como escolas e museus.

FONTES SOBRE A PRESENÇA AFRICANA EM ARACATI

Como podemos observar na edição de 19 de novembro de 1864 no jornal O Aracaty sobre os escravizados na cidade através do seguinte anúncio.

> Vicente Gurgel do Amaral tem para vender uma escrava moça, apta para qualquer serviço de uma casa, sabendo engomar, cosinhar; tendo um defeito em um dos olhos: quem a pretender dirija somente ao anunciante na sua residência, rua das flores.

Jornal O Libertador

1871 VISCONDE DO RIO-BRANCO BAHIANO.

LIBERTADOR

ORGAM DA SOCIEDADE CEARENSE

LIBERTADORA

1852 DR. PEDRO PEREIRA DA SILVA GUIMARÃES CEARENSE.

Anno IV. | Fortaleza,—Terça-feira 25 de Março de 1884. | N. 63.

HOMENAGEM A PROVINCIA DO CEARÁ
PELA LIBERTAÇÃO TOTAL DOS SEUS ESCRAVISADOS.

SOCIEDADE PERSEVERANÇA E PORVIR.

MUNICIPIOS LIVRES

QUADRO DE LUZ

A escravidão é um roubo.

MUNICIPIOS LIVRES	Datas de suas libertações	Escravos existentes em 1881—Relatorio do senador P. Leão Velloso
1 Acarape	1 de Janeiro de 1883	115
2 S. Francisco	2 de Fevereiro «	427
3 Pacatuba	2 « «	218
4 Ico'	25 de Março «	731
5 Baturité	25 « «	789
6 Maranguapé	20 de Maio «	847
7 Soure	3 de Junho «	
8 Fortaleza	24 de Maio «	1,273
9 Messejana	30 « «	449
10 Aquiraz	24 « «	449
11 Pedra-Branca	28 de Junho «	467
12 Pereiro	27 de Setembro «	465
13 Viçosa	29 « «	323
14 Canindé	4 de Outubro «	
15 Pentecoste	8 de Dezembro «	516
16 S. Pedro de Ibiap.)	11 de Outubro «	135
17 S. Benedicto)		
18 Varzea-Alegre	22 « «	153
19 S. Matheus	27 de Dezembro «	400
20 Brejo-secco	31 « «	565
21 Jaguaribe-mirim	31 « «	550
22 Trahiry	1 de Janeiro 1884	310
23 Sobral	2 « «	2,300
24 Santa Quiteria	« « «	610
25 Aracaty	2 de Janeiro «	1150
26 União	2 « «	
27 Guicheira	8 « «	200
28 Lavras	8 « «	708
29 Tamboril	18 « «	614

SOCIEDADE CEARENSE LIBERTADORA

FUNDADA EM 8 DE DEZEMBRO DE 1880.

João Cordeiro	José Carlos de Amaral
Dr. Frederico A. Borges	Antonio Bezerra de Menezes
Antonio Dias Martins Junior	José Theodorico de Castro
Justiniano de Serpa	Dr. Almino Alvares Affonso
José J. Telles Marrocos	João Carlos da Silva Jatahy
Padre João A. da Frota	Padre Bruno R. da S. Figueira
Isaac Amaral	Francisco L. do Nascimento
Francisco Lopes d'Assis	Raimundo Maciel
Dr. Pedro A. Borges	Antonio Cruz Saldanha
José Albano Filho	José Barros Silva
Alfredo B. Salgado	Manoel Albano Filho
Felippe de Araujo Satyro	Joaquim Francisco dos Santos
Joaquim Lopes Voyçosa	Auto A. de Oliveira e Silva
Joaquim Dias da Rocha	Theodomiro V. de Brito
Lourenço Penna	Demetrio J. C. Menezes
Antonio Amaral	Francisco F. de Araujo
W. J. Ayres	Antonio Oliveira

SOCIEDADE DAS CEARENSES LIBERTADORAS

MUNICIPIOS LIVRES

QUADRO DE LUZ

A escravidão é um roubo

MUNICIPIOS LIVRES	Data de suas libertações	Escravos existentes em 1881—Relatorio do senador P. L. Velloso
30 Sant'Anna	«	
31 Independencia	26 de Janeiro de 1883	941
32 Camocim	31 « «	601
33 Cascavel	31 « «	813
34 Morada-Nova	31 « «	807
35 Acaraby	31 « «	767
36 S. Bernardo	2 de Fevereiro «	440
37 Granja	10 « «	1073
38 Quixeramobim		413
39 Boa-Viagem		1024
40 Ipueira (Telha)		257
41 Maria Pereira		498
42 Barbalha		356
43 Palma		444
44 Riacho do Sangue		451
45 Quixadá		208
46 Principe Imperial		127
47 S. João do Principe		078
48 Imperatriz	Março	882
49 Crato		835
50 Ipú		730
51 Assaré		513
52 Missão-Velha		355
53 Limoeiro		008
54 Saboeiro		505
55 Campo-Grande		310
56 Arneiroz		078
57 Jardim		660
58 Milagres		386

A Libertadora.

Convidado pela illustre associação — LIBERTADORA CEARENSE — para escrever algumas palavras, á fim de serem transcriptas em seu jornal por occasião do memoravel dia 25 de Março, peza-me que incommodos de saúde não me permittam externar os sentimentos, que inundam meu coração em relação ao grande, nobre e unico facto, que verdadeiramente torna esta Provincia—a primeira do Imperio; entretanto posso chamar feliz a mesma enfermidade, que me proporcionou occasião para pessoalmente assistir ao acontecimento, que, registrado nos fastos do Imperio do Brazil, passará á posteridade com honra dos que tiveram o assombroso commettimento, que forte e suavemente fez inscrever a palavra—NÃO HA MAIS ESCRAVOS NO CEARÁ—.

Eu te saúdo, pois, oh! Ceará!

Possam as outras tuas irmans do Imperio, imitando o teu generoso exemplo, levantar o grito civilisador da—LIBERDADE—, nobilissima idéa que a Egreja Catholica sempre proclamou.

Faço votos para que aquellas provincias, que me são mais charas, como a em que tenho o berço, e a em que tenho minha residencia official sigam muito de perto os teus passos na senda do progresso.

São estes os desejos do amigo do Ceará.

† LUIZ, ARCEBISPO DA BAHIA.

Parabens ao Ceará.

Ja não é uma utopia, é uma realidade a redempção dos captivos na Provincia do Ceará!

E nem uma só gotta de sangue se derramou, e nem a ordem social se perturbou!

Muito bem, caros diocesanos!

A religião e a patria não podem ser indifferentes a este facto; esta reservará uma pagina de sua historia para n'ella registral-o, aquella, por intermedio de seus Ministros, entoará canticos ao Senhor por tão boa nova.

E o vosso Bispo, mais cêdo do que pensava, terá a inexprimivel alegria de entoar o TE-DEUM LAUDAMUS em acção de graças ao Todo-Poderoso, por tão grande beneficio.

† JOAQUIM, BISPO DO CEARÁ.

Aos Libertadores.

Apreciando o movimento abolicionista no Ceará perante a assembléa legislativa provincial, terminei dizendo as seguintes palavras em outubro do anno passado:

« Continuemos assim, amparados á lei, ao direito e á razão, e não tardará o dia em que o Ceará possa, a primeira entre suas irmans, e no sonoros hymnos gloriosos da victoria final, gravar em suas fronteiras a luminosa legenda de—PROVINCIA LIVRE! »

Pois bem: o dia 25 de Março de 1884 vem justificar as minhas esperanças, glorificando ao mesmo tempo o brioso povo Cearense.

SATYRO DIAS.

Ao Ceará

O dia 25 de Março de 1884 marcará na historia patria uma éra grandiosa e immorredoura, pois relembrará a redempção dos captivos n'esta brioza provincia.

Este exemplo, dado pelo Ceará, será um poderoso incentivo as suas irmãs do Norte e Sul do Imperio, para que, imitando-a, possão dentro do mais curto espaço de tempo, formando uma só Constellação, entoar o hymno da verdadeira confraternisação de todos os brasileiros.

Que o grito do Ceará, como o do Ypiranga, seja repetido desde o Amazonas até o Prata.

JOÃO DOS REIS DE SOUZA DANTAS FILHO.

O Ceara' Progride.

Não se pode ser indifferente á justiça de uma grande causa. Hostilisa-la é um crime, protege-la uma honra, applaudi-la uma gloria.

O Ceará livre concorrendo ao progresso com os povos civilisados é a prova da nobresa dos seutimentos patrioticos de seus filhos, que devem se mostrar sempre mais dignos, e merecedores da admiração geral.

Felicito a minha honrada provincia pelo heroismo com que realisou a redempção de seus captivos; felicito a opinião publica cearense pela consummação de seus esforços; felicito a todos que jamais desanimaram na conquista da liberdade, que é a condição principal do trabalho e do bem estar de todos.

Para conhecer-se o que vale o Ceará actualmente, basta dizer-se que o que elle é, deve-o somente aos seus esforços.

BARÃO DE IBIAPABA.

Avante!..

O dia de hoje não é o termo do descanço, quando o batalhador fatigado encosta as armas e repousa sobre os louros e á memoria de seus feitos, ao contrario é o signal eloquente de que a lucta vai principiar implacavel e terrivel, como terriveis e implacaveis são os inimigos da liberdade.

O Ceará não deve e não pode ficar estacionario e coberto de glorias no meio do imperio, que o contempla e admira. A sua missão é maior e mais sublime, é levar a todos os captivos de todas as provincias, que gemem oppressos pela tyrannia, a reivindicação de seus direitos de homem.

Estacionar agora é morrer, pois as grandes ideias não tem meias palavras, nem as revoluções humanitarias meias conquistas. Tudo ou nada. O Ceará livre e o Ceará egoista são cousas incomprehensiveis.

O dia de hoje, que tão justamente exalta o nosso patriotis-

Fonte Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE) - 1881 a 189: [DocPro]::: (bn.br)

VOCÊ SABIA?

Que no Aracati existe comunidades quilombolas.

Comunidade remanescente de quilombos, o Córrego das Ubaranas, certificada pela Fundação Palmares como 61 famílias autodeclaradas quilombolas e conta com cerca de 320 pessoas. No ano de 2010 foi aberto o processo de regularização fundiária junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA e foi certificada como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares – FCP respectivamente. E a comunidade do Cumbe que busca o reconhecimento junto aos órgãos governamentais de ser uma comunidade remanescente de quilombos.

CONHECER PARA NÃO ESQUECER

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, foi fundada em 12 de abril de 1755, uma igreja relacionada as demandas da Irmandade dos Homens Pretos. A presença de uma igreja construída para atender a população negra na cidade é uma evidência da presença africana em Aracati. Hoje, na cidade, a mesma é conhecida como Igreja do Rosário, existe um esquecimento com relação de ser uma igreja para pessoas negras, como se a história pudesse ser apagada.

Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

O que eram as Irmandades dos Homens Pretos

Uma confraria de culto católico, criada para abrigar a religiosidade do povo negro, que na época da escravidão era impedido de frequentar as mesmas igrejas dos senhores.

Fonte: http://cearanordeste.blogspot.com/2011/07/igreja-do-rosario-dos-pretos.hTml

NÃO ESQUEÇA!

Que o estado do Ceará foi a primeira província a libertar seus escravos, no ano de 1884, com destaque para a Vila de Acarape, atual Redenção, que emancipou seus escravos, um ano antes, 1883, passando a ser conhecida como Rosal da Liberdade. O estado do Ceará ganhou do abolicionista José do Patrocínio o título de Terra da Luz.

Em 25 de março de 1884, o presidente da província, Sátiro Dias, declarou a libertação de todos os escravos do Ceará, tornando o estado o primeiro a abolir a escravidão no país, quatro anos antes da Lei Áurea.

No dia 25 de março, Data Magna, é feriado estadual no Ceará em memória à abolição da escravatura.

Data Magna do Ceará

Fonte: **Portal do Servidor - Abolição da escravatura: Data Magna do Ceará completa 137 anos**

Com objetivo de trazer a importância do negro na construção cultural, política, econômica e social do nosso país, foi escolhida a data em alusão a morte do líder do Quilombo dos Palmares, Zumbi, um dos grandes símbolos da luta contra a escravidão no Brasil.

Dia da Consciência Negra.

Fonte:https://sindjusdf.org.br/2019/11/20/dia-da-consciencia-negra-um-dia-de-lutae-de-reflexao-em-prol-do-respeito/

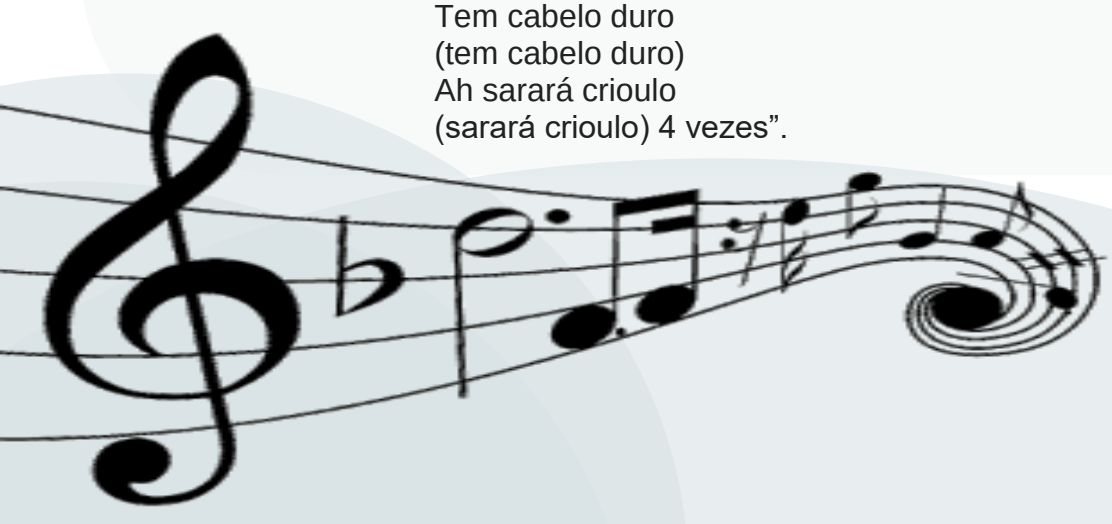
O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A escola e o museu como espaços de aprendizagens têm um papel importante no processo de desconstrução do preconceito racial em nosso país. A falta de representatividade dos alunos afrodescendentes no ambiente escolar e museal contribuem para o não conhecimento da história e cultura dos mesmos e na formação histórica e cultural do nosso país, essa falta de representatividade está presente nos livros didáticos, cartazes e outros recursos didáticos. O ensino dessa temática implica em valorizar as diferenças, respeitando a diversidade cultural.

VAMOS TRABALHAR ESSA TEMÁTICA COM MÚSICA.
Fonte: Olhos Coloridos - Sandra de Sá - LETRAS.MUS.BR

OLHOS COLORIDOS

“Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir
Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar
Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso
A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sarará crioulo
Sarará crioulo (sarará crioulo) – 4 vezes
Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Que eu estou sempre na minha Ah e não posso mais fugir
Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar
Você ri da minha roupa
(ri da minha roupa)
Você ri do meu cabelo
(ri do meu cabelo)
Você ri da minha pele
(ri da minha pele)
Você ri do meu sorriso (ri do meu sorriso)
Verdade é que você
(verdade é que você)
Tem sangue crioulo
(tem sangue crioulo)
Tem cabelo duro
(tem cabelo duro)
Ah sarará crioulo
(sarará crioulo) 4 vezes”.



Para ouvir a música clique em:
https://www.youtube.com/watch?v=X2tb8YVfOqI

AUTOR DE **“OLHOS COLORIDOS”**

Macau, autor da música, a compôs na década de 1970, após ser preso injustamente pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. A música retrata o racismo vivenciado pela população negra brasileira, um racismo institucional.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

MOMENTO: RODA DE CONVERSA

Interpretação da letra:

- Nos trechos: “A verdade é que você / (Todo brasileiro tem!) / Tem sangue crioulo / Tem cabelo duro / Sarará, sarará / Sarará, sarará / Sarará crioulo…”; que crítica a autora faz?
- O que você entende por “Os meus olhos coloridos / Me fazem refletir”? Explique.
- Que reflexão histórica podemos tirar desta música?

AGORA CHEGOU A HORA DE RESPONDER.

QUE MEMÓRIAS SOBRE OS NEGROS ESCRAVIZADOS SÃO ENSINADAS NO MUSEU JAGUARIBANO?

PROFHISTÓRIA UFU

UERN Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN

MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA (ProfHISTÓRIA)

MESTRANDA: TAMARA SOARES MARQUES

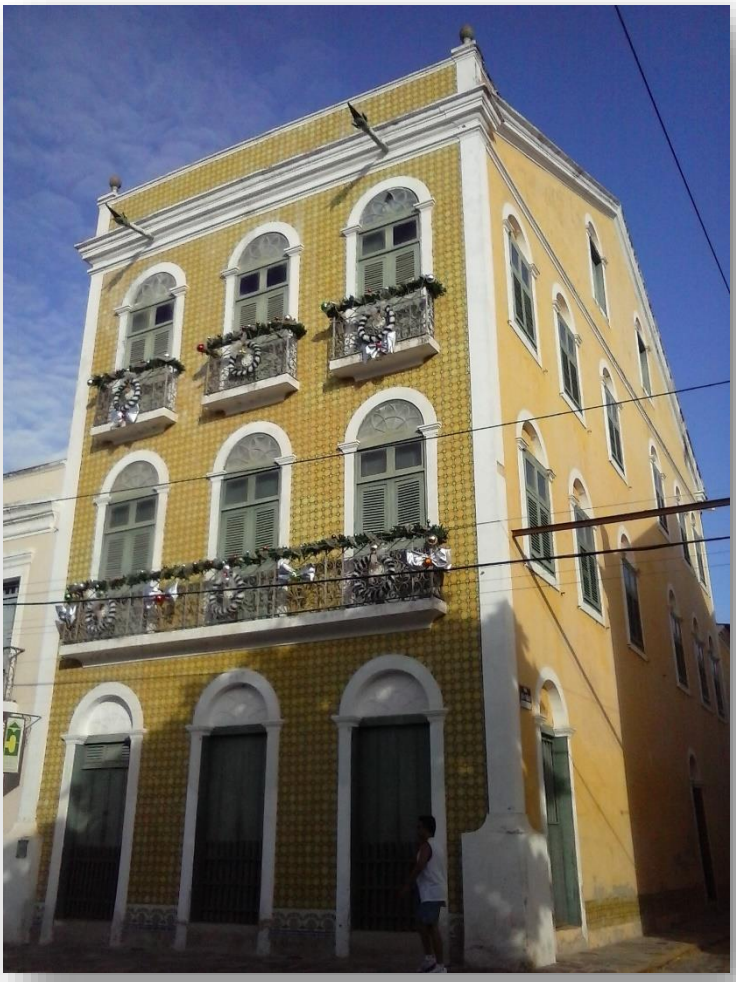
ORIENTADOR: DR. MARCÍLIO LIMA FALCÃO

GUIA PRÁTICO PARA EDUCADORES E EDUCADORAS DO CADERNO DE ATIVIDADES E DO GUIA DE VISITAÇÃO AO MUSEU JAGUARIBANO EM ARACATI-CE.

APRESENTAÇÃO

O Guia foi desenvolvido como resultado do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHISTÓRIA) com o objetivo de orientar os educadores ao visitar o Museu Jaguaribano, localizado na cidade de Aracati-Ce. Um museu histórico que se caracteriza por ser um espaço de aprendizagem e de preservação de uma memória contada pelos objetos que estão em seu acervo.

A necessidade de um manual que orientasse os professores antes, durante e depois da visitação ao museu histórico, que é o Jaguaribano, ficou explícito durante a pesquisa da dissertação do ProfHISTÓRIA.



Portanto, a principal finalidade deste manual é disponibilizar o professor (a), orientações que possam contribuir para uma visitação ao espaço museal onde o aprendizado e a troca de saberes sejam valorizados.

Boa leitura!

Relação Museu-Escola

Ao iniciarmos nossa conversa precisamos discutir a relação existente entre museu e escola, uma vez que essa relação significa possiblidades culturais e didáticas. É uma parceria possível e necessária, a educação, em um museu histórico complementa o currículo formal e para que a aprendizagem aconteça faz-se necessário um diálogo pedagógico, os museus são lugares de entretenimento e aprendizagem, cabe a escola estimular as possibilidades pedagógicas presentes nesse espaço.

Para que essa relação seja fortalecida é necessário que o trabalho, oportunizado pelo agir pedagógico do educador, incida diretamente na percepção dos alunos durante a visitação ao museu histórico, devendo ser vista como um momento de análise e questionamento dos objetos expostos, de troca de experiências e possibilidades que potencializem as atividades escolares tanto no sentido da aprendizagem histórica, quanto da compreensão de que o museu não é um lugar estático ou inocente.

Assim, compete ao professor, auxiliar os alunos na compreensão do ambiente museal, não entregando respostas prontas, mas colaborando na compressão de que as verdades presentes nesse ambiente não são absolutas e devem ser problematizadas.

Dessa forma, destaca-se alguns pontos antes de iniciar a visitação ao espaço museal.

- A leitura do Manual é um aporte pedagógico antes de agendar a visitação.
- Visite o espaço museal antes de agendar a visita com a turma.
- Estabeleça uma temática para a turma antes da visitação.
- Se informe sobre o transporte dos alunos, tempo de visitação, se o museu possui atividades pedagógicas.
- Lembre-se que o entorno do museu faz parte da visitação: Por qual razão esse prédio foi escolhido para ser a sede do museu?
- Escolha e trabalhe uma das atividades didáticas propostas no Guia.
- Utilize com os alunos o Guia de visitação, visto que o mesmo contém informações necessárias para a visita.

- Elabore um projeto para a visitação ao museu, trabalhe em sala de aula essa temática, já que o museu é um espaço de entretenimento, mas também é um espaço de aprendizagem
- Procure, após a visitação, informações dos alunos sobre as percepções deles na visitação ao museu.

MUSEU JAGUARIBANO

Utilizando o Guia de visitação, como apoio pedagógico, procure fazer uma leitura com seus alunos antes da visitação sobre os seguintes pontos.

- Histórico do Museu Jaguaribano, levando em consideração sua fundação, a importância desse espaço para a preservação da memória do Vale do Jaguaribe.
- No Guia de visitação ao Museu Jaguaribano tem informações do que é permitido e proibido dentro do museu, converse com os educandos antes da visitação sobre essas informações, por exemplo não se pode visitar a exposição com bolsas e mochilas, a exposição da arte sacra é aconselhada não ser fotografada, a necessidade de esclarecer para os alunos que os objetos não podem ser tocados e frisar a necessidade de se manter silêncio durante a exposição.
- No Guia tem a imagem da planta do Museu Jaguaribano, professor olhe a planta com os alunos, no guia as exposições estão organizadas e explicadas em relação a cada andar do prédio do Museu Jaguaribano.

POR DENTRO DO MUSEU

No dia da visitação, o ideal, é que o docente e os alunos tenham acesso ao Guia de visitação ao Museu Jaguaribano, esse material que está disponibilizado em pdf deve estar nos tabletes e celulares dos alunos, para que possam ser orientados durante a visitação.

Lembrando que o Museu Jaguaribano não possui material didático que possa ser disponibilizado para os alunos durante a visitação, é necessário que os alunos tenham acesso a esse material.

O Professor com o Guia de Visitação em mãos saberá como as exposições estão organizadas. No térreo, encontraremos os ciclos econômicos da cidade de Aracati. Nesse primeiro momento com os alunos podem ser analisados a organização econômica com destaque para o ciclo do gado.

O professor pode organizar questões norteadoras que levem ao questionamento dos alunos na exposição dos ciclos econômicos.

- Qual a importância desses ciclos para o desenvolvimento da cidade?
- Como o ciclo do algodão movimentou a economia aracatiense?
- O Ciclo da cana de açúcar teve como mão de obra os negros escravizados?
- Como era a cidade de Aracati na época do ciclo do gado?

Essas questões norteadoras levarão os alunos a questionarem e compreenderem o desenvolvimento da cidade durante esses ciclos. Ainda no primeiro andar, o aluno terá contato com o prelo, máquina responsável pela impressão do jornal Clarim da Liberdade, nesse momento orientamos o professor para que possa conversar com os alunos sobre a importância dos jornais da época. O Instituto do Museu Jaguaribano possui o arquivo do jornal o Jaguaribe que foi impresso na cidade de Aracati. Podemos destacar que a cidade durante o período imperial e republicano sempre teve uma imprensa ativa, hoje a cidade não possui mais nenhum jornal publicado e produzido na própria cidade.

No andar térreo, os alunos terão contato com objetos expostos, como: a mesa da Academia Cearense de Letras, a biblioteca do Desembargador Cláudio Idelbuque, nesse espaço estão expostas imagens de Chico de Janes, figura marcante na história do carnaval da cidade e instrumentos musicais da antiga banda de música da cidade também.

Nesse momento, o professor pode pedir para que os alunos posteriormente relatem a importância do carnaval como manifestação cultural da cidade de Aracati.

Por meio do Guia de visitação, os alunos na sala adjacente, encontrarão um corredor com placas e fotografias em homenagens a “Aracatienses Ilustres”, objetos que retratam a antropologia e o desastre aéreo que ocorreu em Aracati.

Pode-se nesse momento analisar com os alunos os retratos dos filhos ilustres do Aracati e se os alunos reconhecem esses homens e mulheres ilustres da cidade.

Questione-os por qual motivo essas pessoas possuem suas imagens na exposição dos filhos ilustres, quem são essas pessoas, suas famílias, sua posição social.

Existe no museu um espaço de ligação entre a área de convivência e o museu, existindo peças sobre a escravidão no município e uma imagem de Iemanjá representando as crenças de origem africana e também uma imagem de Dragão do Mar.

Nesse momento, o professor, pode utilizar questões norteadoras para analisar a presença da escravidão africana no município.

- Por qual motivo os objetos que retratam a escravidão estão embaixo de uma escada?
- Por qual motivo a imagem de Iemanjá que retrata as crenças africanas está exposta junto com os objetos de torturas, em contraste com o 3º andar que possui uma exposição de arte sacra e uma sala com objetos do Monsenhor Bruno?
- Que narrativa é apresentada dos negros escravizados no Museu Jaguaribano?

Após esses questionamentos os alunos terão acesso ao segundo andar, sendo que a exposição irá retratar a vida da elite aracatiense no século XIX, com cadeira, piano, sala de escritório, sala de visitas, sala de jantar com cristaleiras e porcelana.

Depois disso, o professor, pode pedir para que os alunos analisem o modo de vida da elite aracatiense. Na exposição estão expostos retratos dos doadores do museu, pessoas que representam a elite da cidade.

Você, caro professor, pode questionar aos discentes sobre o retrato do João, do José, da Maria, pessoas simples da cidade. Leve-os a questionar que narrativa é contada no Museu Jaguaribano.

O Guia irá auxiliar os alunos na visitação e verão nesse espaço uma exposição de objetos que fazem referência aos médicos como um conjunto de material hospitalar e odontológico. No final do corredor existe uma cozinha com utensílios para preparo e cozimento.

ATENÇÃO!!!

A exposição sobre a cozinha chamará a atenção pela mistura de objetos de épocas diferentes para compor a exposição. Ao visitar o terceiro piso, a escada em helicoidal chamará a atenção deles. Na próxima exposição temos acesso a objetos de arte sacra com diferentes e diversos oratórios, Sobreira, sala reservada aos padres, onde os casulos estão sendo expostos e outra sala destinada ao Monsenhor Bruno.

Lembre aos alunos que a Igreja Católica possui um andar com objetos expostos que fazem referência a essa instituição, enquanto as crenças de matriz africana se encontram embaixo da escada. Professor, indague-os sobre o papel da Igreja Católica na construção e desenvolvimento da cidade de Aracati.

APÓS A VISITAÇÃO AO MUSEU JAGUARIBANO

Após a visitação ao museu, em sala de aula, com os alunos organize um relatório para que os mesmos possam pontuar suas experiências na visita ao Museu Jaguaribano.

MANUAL DO GUIA DE ATIVIDADES

Esse material foi organizado para auxiliar o professor depois da visitação ao Museu Jaguaribano, com atividades sobre patrimônio histórico-cultural, a presença do escravizado no município de Aracati, levando em consideração a necessidade de se ter uma Educação para as Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar, discutindo essa temática por meio das narrativas presentes no espaço do Museu Jaguaribano.

1

Primeiro momento

No primeiro momento um questionamento: Por que estudar sobre os negros escravizados no município de Aracati?

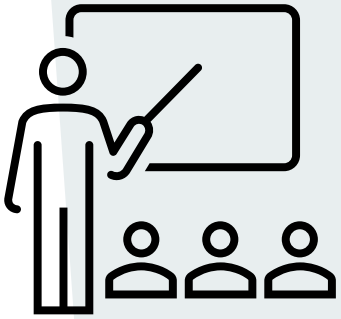
Nesse primeiro momento, o guia de atividades, traz informações sobre a lei Nº 10. 639/2003 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio da rede pública e privada.

Além dessa lei foi elaborada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como políticas de reparações que buscam a valorização e o reconhecimento dos negros em nossa sociedade.

Professor, ao trabalhar, essa temática teremos as leis que foram elaboradas para descontruir o preconceito racial em nosso país.

2 Segundo momento

O docente deve discutir com os alunos a definição de patrimônio, cultura, patrimônio cultural, patrimônio ambiental, patrimônio material e imaterial. Esclarecendo aos alunos que o Museu Jaguaribano faz parte do patrimônio histórico e cultural.



ORIENTAÇÃO DA SUGESTÃO DE ATIVIDADE.

Discuta com os alunos sobre patrimônio, cultura, patrimônio cultural, patrimônio material e imaterial. Lembre-os que a cidade de Aracati possui um rico conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL).

ORIENTAÇÃO DA ATIVIDADE

Após conversar com os alunos sobre o patrimônio, divida a sala em grupo de até cinco componentes.

- Entregue aos grupos uma imagem da planta da cidade Aracati e a imagem do centro histórico.

Após a entrega da imagem da planta do centro histórico oriente-os a procurar identificar lugares e patrimônios históricos da cidade. Ao identificarem tais lugares, um representante do grupo deve apresentar para os demais alunos em sala de aula.

Os alunos podem apresentar essa atividade usando cartolina, datashow, papel madeira, etc. Eles têm liberdade para apresentar a atividade de acordo com o material que os mesmos têm acesso.

VOLTANDO AO MUSEU JAGUARIBANO

Nesse tópico, o professor, deve analisar depois da visita quais as narrativas sobre os negros escravizados estão presentes no Museu Jaguaribano. Devendo ser analisados os objetos expostos nesse espaço que retratam a escravidão no município. Questione aos alunos que narrativa vem sendo apresentada no museu visitado sobre essa temática.

ORIENTAÇÃO DA ATIVIDADE

Após as discussões sobre essas narrativas, os alunos, devem responder aos questionamentos sobre a escravidão negra no município.

1- Que memórias sobre os negros escravizados são retratadas nas narrativas do Museu Jaguaribano?
2- Que grupos políticos, sociais e econômicos estão presentes nas exposições do Museu Jaguaribano?
3- O afrodescendente se sente representado na narrativa museal?

Tais questionamentos devem ser respondidos após a visitação ao Museu Jaguaribano.

A liberdade é um Dragão no mar de Aracati.

Nesse item, o professor, deve perguntar ao aluno quem foi e qual a importância de Dragão do Mar na luta contra a escravidão dos negros na província do Ceará e no Brasil.

Após esses questionamentos, os alunos, devem fazer a leitura e devem ouvir o sambaenredo da escola de Samba Estação Primeira de Mangueira com o título “História pra ninar gente grande".

Após a leitura da música, o educador, deve questionar aos alunos sobre a temática do sambaenredo que retrata o nome de pessoas que foram esquecidas pela história tradicional.

Analise as imagens de jornais da época sobre o Dragão do Mar e relacione como a narrativa sobre a escravidão é retratada no Museu Jaguaribano.

ORIENTAÇÃO DA ATIVIDADE

Disserte como a narrativa presente no espaço museal do Museu Jaguaribano contribui para o não conhecimento da presença africana na vila de Aracati, onde a única referência a escravidão está centrada na figura de Dragão do Mar, como se no Aracati e no vale não tivessem registros da presença escrava africana.

Leve os alunos a questionarem a narrativa sobre a escravidão negra em Aracati e no Vale do Jaguaribe, relacionando com a música do sambaenredo que fala dos esquecidos pela história.

OS RASTROS DA PRESENÇA AFRICANA EM ARACATI

Orienta-se, nesse tópico, que o professor analise as fontes históricas apresentadas no guia de atividades como a informação do jornal Jornal O ARACATY, anúncio da venda de uma escrava.

A leitura do Jornal O Libertador que traz como manchete de capa o número de escravos nos municípios cearenses em 25 de março de 1884 quando foi abolida a escravidão no Ceará.

Nesse tópico temos como curiosidade a informação que na cidade de Aracati tem comunidades remanescentes de quilombos. Professor, pergunte aos seus alunos se eles têm conhecimento dessa informação.

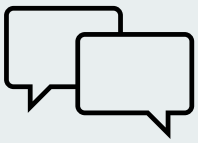
Nessa atividade temos a informação de que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, foi fundada em 12 de abril de 1755, uma igreja

relacionada as demandas da Irmandade dos Homens Pretos. Conhecer para não esquecer essas informações. Os alunos devem perceber a presença dos negros escravizados em Aracati.

Ao final, temos referência a libertação dos escravos no Ceará e ao dia da Consciência Negra, converse com os alunos por qual razão o movimento negro comemora o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, e não o dia 13 de maio, dia da lei Áurea.

O ENSINO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Finalmente, professor, vamos conversar sobre a importância de uma educação antirracista para a desconstrução do preconceito racial em nossa sociedade.



Converse com os alunos sobre:

- A importância de se ter uma educação antirracista.
- Que o nosso preconceito racial é institucionalizado.
- Que é um mito a ideia de uma democracia racial.
- Que essa temática deve ser trabalhada em sala de aula.
- Que a narrativa sobre a escravidão do negro apresentada no Espaço Museal pode ser trabalhada em sala de aula discutindo uma educação antirracista.
- Que a desconstrução do preconceito racial é uma tarefa árdua, porém deve ser trabalhada por nós professores.
- A escola como um espaço de debate e aprendizagem é um ambiente propício para esses questionamentos referentes a uma educação antirracista.

ORIENTAÇÃO DA ATIVIDADE

VAMOS TRABALHAR ESSA TEMÁTICA COM MÚSICA

Orientamos ao professor ouvir a música com os alunos e depois pedir para os mesmos exporem suas percepções sobre a letra da música.

"OLHOS COLORIDOS"

para ouvir acessar o link. (839) Sandra De Sá - Olhos Coloridos (Ao Vivo) - YouTube

Depois de ouvir a música oriente os alunos em uma roda de conversa.

MOMENTO: RODA DE CONVERSA

Interpretação da letra:

●. Nos trechos: "A verdade é que você / (Todo brasileiro tem!) / Tem sangue Crioulo / Tem cabelo duro / Sarará, sarará / Sarará, sarará / Sarará crioulo...";
Que crítica a autora faz?
● O que você entende por "Os meus olhos coloridos / Me fazem refletir"? Explique.
●. Que reflexão histórica podemos tirar desta música?

Para encerrar, o professor, deve orientar os alunos a responderem ao questionamento.

QUE MEMÓRIAS NEGRAS SÃO ENSINADAS NO MUSEU JAGUARIBANO?

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: SECAD/MEC, 2004.

_____. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Ministério da Cultura.** Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006.

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

ESTATUTO. **Instituto do Museu Jaguaribano**. Imprensa Oficial do Ceará. 1971.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS, MEMÓRIA E CIDADANIA.** p.8. 2003.

https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-patrimonio-cultural

ANEXOS

Formulário de Matrícula

Pesquisa realizada para coleta de dados levando em consideração o formulário de matrícula onde os alunos respondem a um censo étnico/racial.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA
ESCOLA DE ENSINO MÉDIO BENI CARVALHO
RUA BENI CARVALHO, Nº 1679 C.G.C. 00.126.592 / 0003 – 54
FONE: (88) 34462605 CEP: 62.800-000 INEP-23124172

FICHA DE MTRÍCULA

Instituição de Ensino

Série/Modalidade

Turma: Turno: ID: SIGE:

Data:_____/_____/_____ Novato ( ) Veterano( )
Novo na Série ( ) Repetente ( )

DADOS PESSOAIS

Nome:

Data de Nascimento: _____/_____/_____

Natural:

Pai:

Mãe:

Endereço:

Cidade: Estado: Fone:

RG: Data de Expedição

UF: Órgão Expedidor:

Profissão: Endereço de trabalho:

Reservista

Usa transporte escolar? ( ) SIM ( )NÃO

RAÇA/COR ( )BRANCA ( )PRETA ( )PARDA ( )AMARELA
( ) ÍNDIGENA
( )NÃO DECLARADA

QUESTÕES DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

Pesquisa realizada junto a professores da área de Humanas para coletar dados sobre como as questões raciais são tratadas dentro do ambiente escolar a fim de servir de análise para o curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, servindo de base para produção dessa dissertação.

ENTREVISTA

Identificação

Nome: _____

1-Os currículos escolares utilizado na sua escola apresentam propostas para um trabalho pedagógico voltado a valorização do afrodescendente?

2-Cite alguma prática que você considera como racista que ocorreu ou ocorre no cotidiano da sua escola?

3-Como você observa o posicionamento dos professores diante do racismo dentro de sua escola?

4-Como o “mito da democracia racial” influência na falsa ideia de um país que sem conflitos raciais?

5-Como o professor pode atuar no combate ao preconceito racial?

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Censo Étnico Racial

1- O Brasil é um país multirracional. Segundo alguns pesquisadores, do ponto de vista da raça, o nosso povo ainda estaria em processo de formação como consequência da nossa miscigenação ocorrida entre nós desde a nossa colonização. Nos dias de hoje o IBGE, no Brasil, negro é quem assim se percebe. E você com relação à cor e étnica como se percebe?

( ) Amarelo
( ) Branco
( ) Cigano
( ) Índio
( ) Negro
( ) Pardo

2- A população brasileira é racista?

( ) Nunca
( ) Às vezes
( ) Frequentemente
( ) Geralmente
( ) Sempre

3- Em sua opinião, no Brasil a vida das pessoas é influenciada por sua cor ou raça?

( ) Nunca
( ) Às vezes
( ) Frequentemente
( ) Geralmente
( ) Sempre

4- Você já presenciou algum caso de racismo na sua escola?

( ) Sim ( ) Não

5- Você já presenciou algum caso de racismo fora da escola?

( )Sim ( )Não

6- Você conhece as contribuições dos africanos e indígenas para as ciências e a cultura brasileira?

( ) Nenhuma

( ) Poucas

( ) Algumas

( ) A maioria delas

( )Todas

7- Você já inseriu os conhecimentos referente a História e Cultura Afro-Brasileira na realização de suas atividades educacionais?

( ) Nenhuma

( ) Poucas

( ) Algumas

( ) A maioria delas

( )Todas

8- Você considera que a sociedade valoriza os conhecimentos e a cultura africana?

( ) Não

( ) Às vezes

( ) Frequentemente

( ) Geralmente

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Pesquisa realizada junto aos alunos para coleta de dados a serem analisados, objetivando um estudo acerca de como o racismo é presenciado dentro da escola.
Entrevista realizada no ano de 2015

QUESTÕES

1º-O que você entende por racismo?
2º- Você já presenciou em sua escola algum fato que você considera racista? Qual?
3º- Você concorda com a afirmação que todos somos de alguma forma racista?
4º-Como sua escola e professores abordam o preconceito racial?
5º- Você considera que os afrodescendentes se reconhece dentro do contexto escolar?
6º- Como a escola Beni Carvalho poderia trabalhar para combater o preconceito racial?

Pesquisa realizada junto aos alunos no ano de 2015, objetivando um estudo acerca de como o racismo é presenciado dentro da escola.

1- Você considera que o racismo começa em casa?
( ) sim ( ) não

2- Você já observou por parte dos seus colegas alguma atitude preconceituosa com relação a cor?
( ) sim ( ) não

3- E atitudes preconceituosas por parte dos professores?
( ) sim ( ) não

4- Você considera que as crenças de matriz africanas devem der o mesmo respeito da crença católica e protestante?

( ) sim ( ) não

5- Você acha que os afrodescendentes são valorizados no currículo escolar?

( ) sim ( ) não

FORMULÁRIO PREENCHIDO PELOS ALUNOS ANTES DA VISITAÇÃO AO MUSEU JAGUARIBANO EM MARÇO DE 2022

GOOGLE FORMULÁRIO

Formulário Diagnóstico-Visitação ao Museu Jaguaribano

1. Qual é o seu nome completo?

   _____

2. Qual é o seu e-mail?

_____

3. Qual a sua idade?

13-15 anos
16-17 anos
18 anos ou mais

4. Qual o seu gênero?

Feminino
Masculino
Prefiro não declarar
Outro

Se respondeu outro na questão anterior, identifique seu gênero aqui.

_____

5. Como você se considera?

Preto/a
Pardo/a
Branco/a
Amarelo/a
Indígena
Prefiro não declarar

6. Você é portador de alguma necessidade especial?

Sim
Não

Se respondeu sim à pergunta anterior, identifique qual a necessidade especial aqui:

7. Qual turno você estuda?

Matutino
Vespertino
Noturno

Identificação socioeconômica/cultural

8. Onde está situada sua residência?

Zona Urbana
Zona Rural

9. Quantas pessoas moram com você?

Sozinho
1 a 2 pessoas
3 a 4 pessoas

10. Destas pessoas que moram com você quantas estão trabalhando atualmente?

1
2
3
4
5 ou mais

11. Você está trabalhando atualmente?

Não
Sim, trabalhando eventualmente
Sim, trabalho todos os dias

Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, qual trabalho desenvolve?

_____

12. Qual a renda mensal da sua família?

Menos de um salário mínimo
1 salário minímo
1 a 2 salário minimo
3 a 4 salários mínimos
5 ou mais salários

13. Além dos estudos, com quais atividades você mais ocupa seu tempo? (Pode marcar mais de uma alternativa).

Leitura
Música
Passeios
Internet
Artesanato
Religião
Esporte

Sobre Patrimônio e Lugares de Memória

Entendemos que o termo patrimônio histórico cultural diz respeito a tudo aquilo que é produzido, material ou imaterialmente, pela cultura de determinada sociedade que, devido à sua importância cultural e científica em geral, deve ser preservado por representar uma riqueza cultural para a comunidade e para a humanidade. A cidade de Aracati possui alguns patrimônios como: a Igreja Nossa Senhora do Rosário e Casa de Câmera e Cadeia. A parti do conceito de patrimônio apresentado você consegue identificar na sua cidade e comunidade exemplos de patrimônio histórico cultural.

Sim
Não

14. Caso sua resposta seja sim, que outros exemplos de patrimônio histórico você consegue identificar.

_____

15. Entendemos museu como um lugar onde se guardam e exibem coleções de objetos de interesse artístico, cultural, científico, histórico, etc. Lugares de aprendizagem ondem as memórias são preservadas e selecionadas. Você já visitou o Museu Jaguaribano localizado na cidade de Aracati, Ce?

Sim
Não

16. O museu é um importante espaço onde a memória é selecionada e preservada por meio de narrativas contadas no espaço museal, quais narrativas você consegue identificar no museu Jaguaribano?

Ciclos econômicos
Narrativa sobre os negros escravizados
Narrativa da elite aracatiense
Narrativa religiosa

17. Diante das narrativas apresentadas no Museu Jaguaribano você consegue identificar a narrativa sobre os negros escravizados em Aracati?

Sim
Não

18. A partir da sua compreensão e percepção das narrativas apresentadas no museu Jaguaribano sobre a escravidão dos negros em Aracati, é possível identificar a importância de ter uma educação antirracista?

Sim
Não

19. Com relação a exposição sobre os objetos que retratam a escravidão, qual sua opinião sobre a narrativa dessa temática no espaço museal?

_____

20. Apresentação da história da escravidão negra no Museu Jaguaribano atendeu suas perspectivas?

Sim
Não

21. Como podemos trabalhar uma educação antirracista tendo como base a narrativa sobre a escravidão negra no museu Jaguaribano?

_____

22. Na sua opinião qual a importância de ter uma Educação para as Relações Étnico-Raciais no ambiente escolar?

_____

QUESTIONÁRIO DE VISITAÇÃO AO MUSEU JAGUARIBANO REALIZADO PELOS ALUNOS EM MARÇO DE 2022

1- É a primeira vez que você visita este Museu?

SIM
NÃO

2- Em relação à visita que você acabou de realizar, você se sente?

Muito satisfeito
Satisfeito
Pouco satisfeito

3- Quais os temas que mais chamou sua atenção?

4- Com relação a exposição sobre os objetos que retratam a escravidão, qual sua opinião sobre a narrativa dessa temática no espaço museal?

5- Apresntação da história e cultura negra no Museu Jaguaribano atendeu suas perspectivas?

SIM
NÃO

6- Se sim, por quê?

7- Se não, por quê?

8- Qual a narrativa sobre a escravidão está presente no Museu Jaguaribano?

9- Qual a importância do Museu Jaguaribano na preservação da memória do Aracati

10- A presença africana em Aracati está representada no espaço museal?

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO BENI CARVALHO

FEVEREIRO DE 2022

1- Com relação as narrativas presentes no Museu Jaguaribano sobre a escravidão negra quais a sua perspectiva sobre essa narrativa presente no espaço museal?
2- Como a visitação ao espaço museal pode contribuir para o ensino de história?

ENTREVISTA COM OS ALUNOS SOBRE A NARRATIVA E A ESCRAVIDÃO NO MUSEU JAGUARIBANO

1- Quais as suas perspectivas sobre a escravidão negra no Museu Jaguaribano?
2- Qual a importância do museu para a preservação da memória da cidade de Aracati?